

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

JORNADAS NO MEU PAÍS

OBRAS DA MESMA AUTORA:

Traços e Iluminuras — (contos).
A Família Medeiros — (romance).
Memórias de Marta —
A Viuva Simões —
A Falencia —
Livro das Noivas
Livro das Donas e Donzelas.
Ansia Eterna — (contos).
A Intrusa — romance.
Histórias da Nossa Terra — contos.
A Herança — (comédia).
Quem não Perdôa — (drama).
Correio da Roça.
Cruel Amor — (romance).
Eles e Elas — (diálogos e monólogos).
A Silveirinha — (romance).
Doidos de Amor — (teatro).
Nos Jardins de Saúl — (teatro)
Era uma vez — (conto).

DE COLABORAÇÃO

Contos Infantis — com Adelina Lopes Vieira.
Casa Verde — (romance) — com Filinto de Almeida.
A Árvore — com Afonso Lopes de Almeida.

JULIA LOPES DE ALMEIDA

JORNADAS
— NO —
MEU PAÍS

*Desenhos de Albano
Lopes de Almeida*

RIO DE JANEIRO
— 1920 —

*un libro que se escribe, o es
papel vano, o es un alma que
teje com su propia substancia
su capullo.*

E. Rodó.

*"Onde ha sinceridade, ha pelo
menos, uma virtude."*

A

Ema e Americo Moreira

Jornadas no meu País

I

*Como escrever impressões de viagem
de um modo impessoal, se tudo que o
escritor observa tem de ser julgado
pelo seu modo exclusivo de ver e de
sentir ?*

Ha muitos anos que me mordida o desejo de ir jornadeiar pelas nossas terras do sul.

O Rio Grande, pelo interesse da sua vida social, costumes típicos, clima de extremos e paisagens vagas e livres, seduzia-me a imaginação de tal modo que, por várias vezes, projectei viagens que sucessivamente adiei, até que um dia, com menos preparos antecedentes, tomei uma resolução e um taxi.

que me levou á porta da agencia da Costeira e em dois minutos tudo ficou decidido.

— O primeiro paquete?

— O *Itaberá*, amanhã.

— Bom?

— Um dos melhores da Companhia.

— Nesse caso, uma passagem para Porto Alegre!

Respiro; já não póde haver hesitações aborrecidas. Volto para casa com um alvoroço de colegial em véspera de férias; atiro apressadamente a roupa para a mala e telefono ás amigas adeuses risonhos:

— Que lembrança a minha de partir nesta estação? Mas não ha nenhuma mais deliciosa do que o outono, querida! Sim, sim, eu mandarei postais das nobres terras gaúchas!

Parto, quando elas chegam de Petrópolis, Therezópolis, Friburgo, impregnadas do aroma agreste e sadio dos eucaliptos e dos pinheirais da serra. Abril fenece, espalhando sobre a face crestada do Rio um leve sopro de caricia. Vai começar a nossa *season* e eu fujo! fujo para mergulhar toda

inteira, corpo e alma, no ambiente azul do céu e do mar infindos.

Como sempre que me disponho a partir para longe, a minha viagem começa, mal ponho o pé fóra da soleira de casa. E' sempre assim: olho então para as coisas mesmo as mais banais e insignificantes com redobrada atenção, no desejo inconsciente de as guardar na retina para as levar comigo.

O Rio começa a alegrar-se. Os "bars" estão repletos de marinheiros loiros, vestidos de branco; agitam-se os automóveis; chegam os deputados; enchem-se os hotéis; trabalham mais as costureiras; organizam-se com melhor fantasia as vitrines, e animam-se os teatros. E' a reacção, que sacode o marasmo do estio longo.

O peor é que o *Itabará* não está atracado: tenho de ir de lancha. O peor, disse eu? Talvez seja o contrário. O navio que se comunica com a terra por uma simples prancha, dá-me a impressão de ser uma continuação do cais e eu gosto de gozar a sensação de desprendimento da viagem desde o seu início.

Amigos, não choreis, que a jornada é curta e de prazer. E vêde, que linda manhã!

No convés passo os olhos deslumbrados pela nossa querida e apoteótica baía. Quem viu jámais coisa mais bela? O sol inunda-a de glória; a Serra dos Orgãos desmaterializa-se na fluidez casta da luz matutina que tinge de tons ruborescentes uns restos de neblina ainda enredados no dorso das montanhas. O pico do Corcovado desenha-se no ar alto, desencarapuçado, afirmando na sua sabedoria de barometro infalivel, em que o povo tem fé, que podemos ter confiança no tempo.

No mar um grande sossego; a pequena distancia um lugre e dois imensos “dread-noughts” americanos, com roupas de marujos a secar ao vento, entre baldezinhos vermelhos suspensos das mesmas cordas e que na sua insignificância dão uma notazinha viva e curiosa ao quadro. Reparo para os cascos dos dois vasos de guerra em que

pintores cubistas encontraram emfim na “camouflage” aplicação para os desenhos extravagantes da sua arte, até ha pouco tempo tão mal compreendida.

Emfim, levantamos ferro. Haverá na natureza expressão de maior candura do que a de um mar sereno em manhã anilada e fresca? Procurai-a bem a ver se a achais em vosso pensamento, que eu não a encontro no meu.

Digo adeus com os olhos ao estendal da casaria que a linha das praias recorta e os morros interrompem, e penso em como seria triste e árido o panorama de uma cidade em que não houvesse torres. Se os templos cristãos não as erguessem como o símbolo da sua Fé, seria indispensavel que as edificassemos pelo amor de outro culto — o da Beleza.

Dou volta ao convés para saudar também a Boa-Viagem e o Costão de Santa Cruz, em que as gaivotas fazem ninho. São coisas já muito vistas; são coisas eternas, mas para que não olho nunca sem estremecimentos de surpresa.

Transposta a barra, fico á espera de contemplar o vulto de pedra do Gigante Adormecido, até que a mão de alguém a meu lado o apontou delineado no tôpo dos montes quasi a tocar nas nuvens.

Poucas horas mais e tínhamos diante da vista imensidades silenciosas, nuas e virgens como nos primeiros dias do Mundo. Eram desertos os rochedos que deixavamos ao longe; eram desertas as águas verdes em que a luz espalhava polvilhações de diamantes e colunas quebradiças de ouro patinado. E assim as primeiras horas da viagem foram de deslumbramento, até que a sombra desceu do alto como um véu de viuva sobre o rosto atônito da Terra. O crepúsculo fôra vertiginoso: rasgara-se o firmamento em montões de rubins e de ametistas para, num sopro repentino, apagarem-se todas essas labaredas estonteadoras. Mas á noite, desabrochadas as estrelas, que maravilha!

Para gozar-se todo o esplendor do nosso céu nocturno, não ha como um tombadilho de paquete na solidão infinita das águas.

No dia seguinte, chegada a Santos.

Conheço, desde a minha infância, esta velha cidade, que toda se tem rejuvenescido nestes últimos anos. Atravesso-a em passeio ás praias, sempre interessantes; mas desaranja-se-me o automovel e tenho, para regressar a bordo, de tomar o bonde.

Tanto melhor; este democrático veículo habilita-me a travar conhecimento de perto com a população da terra e a perceber alguma coisa dos seus gostos. Parece-me que ha aqui mais estrangeiros do que nacionais. Enche-se o carro de gente loira. Duas senhoras inglesas no banco em frente ao meu, fazem *tricot* de lã com pressa desesperadora.

E' evidente que lutam numa aposta, a ver quem acabará primeiro a manta de lã para o "tomy" do *front*.

Abençoadas mãos que assim se agitam para mandarem um pouco de conforto aos que tanto sofrem pelo bem dos outros.

Quando entro no *Itaberá* vejo esvoaçando pelo tombadilho um grupo de "borboletas de cabaret", que S. Paulo remete para

as noitadas alegres da capital rio-grandense.

Vamos ao menos ouvir cançonetas! — diz-me uma senhora de cabelos brancos e olhos sorridentes. E' uma brasileira que, como tantos outros patrícios, não podendo agora viajar pela Europa, se resolveu, finalmente, a fazer uma pequena excursão no seu próprio paiz, para não perder de todo o costume do balanço do navio e da trepidação dos trens de ferro. Ainda assim estranhei a preferência do itinerário.

Geralmente, os lugares escolhidos para vilegiaturas, que fazemos menos por curiosidade do que por necessidade social de veranejar, são sempre e desesperadamente os mesmos: Poços de Caldas, Caxambú, São Paulo e mais dois ou tres sítios de menor importancia. Ha em todo o Brasil centenas de provincianos que sabem de cór o nome das ruas de Paris, que se têm perdido nas de Londres e nunca viram a do Ouvidor. Além de ser mais fácil aos habitantes do Pará e do Amazonas freqüentarem os invernos europeus do que freqüentarem os nossos,

e o mesmo acontecendo aos do extremo sul, para quem Buenos Aires é mais acessível do que o Rio, ha ainda um grande desprendimento pelo que é nosso. Para as preferências notadas ha a justificação da menor distância, que implica a de menor despeza e a de menor cansaço; mas se nos lembrarmos de que mesmo dos Estados vizinhos iam pessoas á Europa, que se não dignavam de vir travar antes conhecimento com a Avenida Central?

Ao menos esta grande calamidade da guerra tem feito com que os nossos hoteleiros do interior vejam parar á porta das suas locandas carruagens peçadas de malas de que não saltam só os costumados *cometas*, mas, lá uma vez ou outra, algum hóspede que não viaje senão por este propósito quase absurdo — o propósito de ver.

Ver o quê?

Ah, bem sabemos que não vamos fazer romarias de arte; não encontraremos nem museus, nem pórticos de catedrais ou palácios antigos, nem architecturas de cidades históricas; mas em compensação observare-

mos aspectos novos e muito interessantes da nossa terra, e variados modos de ser da nossa gente. Eu por mim só lamento não a poder ver toda, com doces vagares, para me sentir penetrada pela diversidade das suas expressões e sabê-las traduzir, para a glorificar.

Geralmente, nós os brasileiros gostamos pouco de externar por escrito as nossas impressões de viagens, quer elas sejam feitas no Brasil, quer no estrangeiro; entretanto eu, sem propósito, reparo agora que, não tendo escrito nunca a respeito das sedutoras e inolvidáveis viagens que fiz na Europa, não deixo nunca de o fazer quando jorneio no meu país.

De Santos em diante a viagem começa a ser nova para mim. Chego á linda e vasta baía de Paranaguá, que irradia oftalmias, como diria Fialho, dos revérberos ofuscadores das suas águas luminosas. Paramos longe da praia. Chegam botes com merça-

dores das pequenas industrias do lugar, em que figuram cestinhas de taquàra e madréporas pintadas.

As borboletas de *cabaret* querem comprar tudo quanto vêem e enchem-se de frutas verdes e doces grosseiros. Quando o vapor levanta ferro o dia esplende. Subo ao *deck* superior, para observar melhor a larga planície azul. O navio caminha para a barra, que toda se agita em espumaradas loucas e alvinitentes.

— E' a agua batida nos arrecifes, informam-me. Nós vamos passar pelo meio deles.

Na ponte vejo o comandante de binóculo em punho e dois outros vultos, sendo que um deles se move febrilmente de um lado para o outro.

Chegamos á barra quando no mar se faz uma grande cova, túmulo de safira lapidada, em que o azul se torna mais fino e maravilhoso, e por ela entra decididamente o nosso navio até gemer na areia, de que se safa aos poucos, em trepidações geitosas mas lentas e rangedoras.

Olhamos uns para os outros com o su-

blime sorriso de quem sabe que nestes tempos de guerra não se deve ter medo de coisa alguma.

A guerra! ao menos nestes dias de isolamento, eu descanso da obsessão terrível que me obrigava, mal de manhã me levantava do leito, a correr para os telegramas dos jornais. Saída dos meus hábitos, sentindo paralizada a minha vida costumeira, tenho como que a impressão de que o mundo inteiro obedece ao mesmo repouso, ao mesmo espírito de liberdade pura que eu bebo a largos haustos no azul sem mácula do espaço infinito! Quem, sob este pálio de clemência e de harmonia, poderá conceber a idéa das atrocidades brutais dessa imunda xarqueada de carne humana que infesta o mundo e faz morrer de susto o coração das mãis?

Se Mulher quer dizer: — Creação — por que lhe não dá Deus forças para defender a sua criatura de tão horrível quanto detestada contingência?!

Ah, eu juro, soado o último tiro desta

guerra, que só um gesto divino parece poderá fazer parar, empenharei todo o resto das minhas energias para catequizar almas em pród de outra guerra maior: “guerra á guerra” será o meu lema; será o lema de todas as mãis e de todos os homens de coração.

O sol declina. Entramos na plácida e larga baía de S. Francisco, chamada de Bapitonga. Já a sombra flutua sobre a montanha vestida de vegetação espessa.

Ha neste recanto de Santa Catarina uma doçura suave que não atinq se é dele se é da hora que passa.

Desembarcamos e seguimos pela linha do cáis, rua branca, sossegada, que contorna a cidade. Noto umas árvores expressivas e ouço a um moço estudante do lugar o histórico do seu torrão adorado.

Contou-me um dia um paranaense que numas florestas do Paraná, em certo momento do crepúsculo, todos os animais que as

habitam desprendem vozes tão plangentes e de tão extraordinario poder suggestivo que homem, mesmo o mais rude, que as ouça, estremece e pensa incontinente em coisas tristes e irremediaveis: uma pessoa morta; um amor não gozado; uma carta sem resposta; uma falta sem reparação. Tudo que pereceu no seu caminho ergue-se do mais fundo do passado ao som daquela elegia misteriosa, a requisitar ainda um pouco do seu pensamento. Não sendo a Vida senão uma contínua sucessão de mortes, nós somos túmulos vivos em que os dias enterram alegrias e desgostos. Os nossos mortos cá estão dentro e não esperam pela corneta do juizo final para de vez em quando, embora ás vezes de muito em muito longe, se erguerem para que os vejamos e lhes demos ao menos um pouco da nossa piedade.

Caminhamos ainda sobre as areias brancas e galgamos uma ladeira até lá acima ao adro da Matriz.

Está tudo silencioso e já a lua ilumina o céu profundo. Não tenho vontade de falar.

Ouçõ apenas o que me dizem. Sinto uma

alma de monja saudosa dentro de mim, e vacilo ainda em compreender se a poesia será da hora ou do lugar

Desencadeia-se a tempestade entre São Francisco e a cidade do Rio Grande.

E' uma dessas legítimas e famosas tempestades do sul de começo de inverno, com impetuosas marchas de nuvens e fanfarras de guerra na ventania.

Navegamos ás escuras e a duzentas milhas da costa, em obediência ao aviso do Almirantado Inglez, embora sem a esperança de vermos o nosso caminho ameaçado pela impertinência de algum pérfido submarino. Nem ao menos o dorso negro e luzidio de alguma baleia, ou bôto cabriolador, nos dá, nem deu nunca, a ilusão de nos acharmos em face de um perigo tão sensacional.

Ao cair da noite, ainda me atrevo a espreitar do tombadilho o que vai lá fóra. As águas estão grossas e negras e o céu baixo e turvo.

Saem dos vagalhões vozes soturnas que parece ao meu ouvido, desesperadamente atento, exprimirem a queixa dos milhares de náufragos que o mar tragou nestes abomináveis tempos de cólera e de tristeza. E' a mocidade dos marinheiros afogados que tumultua sob a mortalha arfante das ondas, num choro de desespero sem esperança de consolação.

Com o correr da noite a fúria redobra de intensidade. Os retardatários, que ficaram a jogar, têm que atravessar o convés de gatinhas quando se querem recolher aos quartos, receosos de cair e serem arrebatados pelas ondas. Nos corredores, em baixo, a água é cercada e apanhada aos baldes pelos moços de bordo. Toda a gente enjôa, toda a gente sofre e prepara o ânimo para as eventualidades da procela.

Ao romper da madrugada tudo se apazigua. O dia acorda com bocejos anémicos e todo envolvido em algodões pardos e enovelados. Começa o frio.

Chamam para o almoço, mas não vou : quero ver a entrada da cidade dō Rio Grande. Já pelo mar dentro vejo os dois imensos molhes do seu porto, estendidos como dois braços para acolherem o forasteiro. Eles são bem o símbolo da hospitalidade amiga deste povo bom.

Vou enfim chegar ao Rio Grande, a terra clássica dos herois guerreiros, dos vergeis opimos e das ágatas maravilhosas, região admiravel, em que até as pedras têm fantasia e expressões imprevistas e singulares na sua contextura transparente de ouro velho, azulão, verde, vermelho ou tijolo, onde as veias escorrem leite, sangue, mel ou sol, em ondeamentos e ramificações caprichosas e indecifráveis.

Já no horizonte opalino se desenham os vultos imensos dos frigoríficos, velados por uma chuvinha constante e fina.

Entramos assim, em uma manhã de névoa no porto colossal da mais antiga das cidades do Rio Grande do Sul.

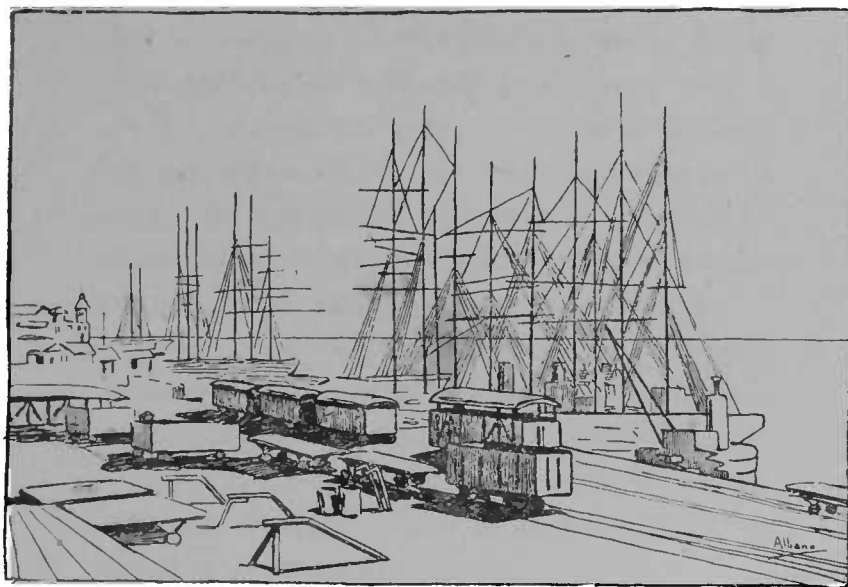
Atracado o vapor, apresso-me em descer ao cáis, nessa ansiedade de pisar terra firme

e de ver coisas novas, que é o prurido natural de toda a gente que viaja por mar.

Não é preciso estar-se prevenida: percebe-se num rápido golpe de vista a imensa importância deste porto, considerado pela engenharia brasileira como o mais completo de todo o país. Apesar da chuvinha insistente, que molha sem ser vista, como uma verdadeira poeira d'agua, apraz-me caminhar um pouco pela larga faixa do seu grande cáis, pois pouco tempo me concedem para um passeio longo. Saio, entretanto, em direcção á cidade e beiro vastos terrenos conquistados ao mar, em que ha uma regularissima plantação de cedros marítimos.

A' minha imaginação vagabunda, adoradora das florestas, sorri logo a idéa de que em poucos anos estes arbustos ainda pequeninos se tornarão em árvores adultas, que impregnem o ar salitroso da velha cidade marítima do seu aroma divino e toda a cinjam num bosque verde, de sagração.

Que delícia para o viandante de então, ao sair de sobre a onda buliçosa, passar sob as largas benções dos cedros evocadores!



PORTO DO RIO GRANDE

Mas não. Os enfezados arbustos que aí estão, e em que os meus olhos já descortinam os gigantes do futuro, são de raça pequena e estão encarregados de uma missão de utilidade imediata: a de solidificarem as areias pelo emaranhamento das suas raízes.

Toda a vasta zona em que eles se enfileiram agora, será um dia, que não virá longe, convertida nas largas ruas e grandes avenidas de um bairro novo, que ligará o porto á parte antiga da operosa cidade.

Noto que do meu guarda-chuva a agua escorre em fio e resolvo voltar para bordo. De mais a mais, é o dia 3 de Maio, e num feriado, e feriado chuvoso, é sempre melancólico o aspecto das ruas e injusto o juizo que delas se possa fazer.

Prefiro ir lêr.

Lêr! admiro e sobretudo invejo, que é afinal este o sentimento verdadeiro embora menos confessavel, as pessoas que num vapor ou em um trem se abstráem de tudo e

entendem, gozam e assimilam as leituras que fazem. Sou para tal de uma incapacidade tristemente desconfortavel. Por maior que seja a minha disposição e grande o número de livros que leve na bagagem, não consigo encontrar em nenhum o interesse ou o deleite que me dariam se eu pudesse sentir o espírito leve e esperto.

A poucos passos da minha cadeira um sujeito de ar neurasténico afunda o nariz entre as páginas de um livro de que procuro disfarçadamente perceber o título. Deve ser alguma obra de filosofia, a julgar pelo tórvo aspecto do leitor.

E' muito difícil refrear a curiosidade que inspira um livro que vemos em mão alheia, ou fóra do alcance da nossa, principalmente quando esse livro esteja ainda em brochura, nudez primitiva em cuja pele parece arder ainda o bafejo do autor. Para os que amam a leitura, uma obra literaria ainda desconhecida é como que um mundo de outro sistema repleto de almas e coisas nunca antes reveladas e que por isso mesmo nos atraem. Apenas folheado o livro, quasi

sempre a ilusão se desfaz, porque só muito raramente encontramos nele a acha acesa de uma idéa nova.

O tempo continua fôsko á hora de entrarmos no porto de Pelotas. Singramos agora o rio S. Gonçalo, vendo em uma e em outra margem extensos campos de pastagem, em que o verde pálido e suavíssimo da vegetação se orla no horizonte por uma faixa larga de areias brancas. A' beira das águas, que desenham no seu curso harmoniosas curvas, como se tivessem sido dirigidas por um paisagista entre relvados de um parque, noto grupos de aves de diferentes côres. Indago. São gaivotinhas brancas, a que dão o nome de *Trinta réis*, são os Guanapos côr de rosa, as marrequinhas e as garças. Mostra-se de vez em quando, isolada na campina, uma ou outra casa grande de lavradores, isto é, de criadores, e já na vizinhança da cidade, vejo um imenso terreiro coberto pelos tendais de pau de uma xarqueada.

E' outra a côr dos vegetais das margens; é outra a côr das águas em que navegamos. O casco do *Itaberá* passou no Rio Grande

das ondas salgadas do mar para a água doce do rio. Deslisamos agora suavemente, como que dentro de uma aquarela inglesa. O ar está húmido, a manhã desmaiada.

Desembarco. Tenho pressa de ir fazer a minha reverência á *Princesa do Sul*, como os rio-grandenses denominam Pelotas. Temos apenas uma hora para espairecer; não basta para se fazer idéa de uma cidade; noto, entretanto, a regularidade das suas ruas traçadas em xadrez e a lindeza da sua praça central, perfeitamente ajardinada. Uma cidade que ama as flores inspira-me sempre simpatia. Mas, eu queria ainda vê-las em maior abundância. Ah, minhas queridas amigas pelotenses, fazei de árvores e de flores propaganda carinhosa e incessante; não deixeis um metro dos vossos quintais sem cultura e guarnecei de jardineiras as janelas de vossas casas, para que delas se debruce sobre a aridez mineral das paredes e das calçadas a graça côr de rosa dos alegres gerânios.

O trabalho é insignificante, o resultado é

lindíssimo. A Princeza do Sul, merece mais :
merece grinaldas de rosas!

Naveguemos agora para a Lagôa dos Patos.

Nos meus tempos de colegial, estas águas exerciam estranha fascinação sobre a minha curiosidade. Supunha-as coalhadas de asas dos palmípedes que lhe tivessem dado o nome e tintas de azul violento. Deveria cingi-las um imenso anel de esmeraldas vegetais, pontilhado de onde a onde pelo marfim de grandes lírios aquáticos.

Era, como vêem, uma espécie dessas abomináveis paisagens a seda, sem outro relevo que o de contrastes buliçosos de colorido. A imaginação das crianças é enganadora e desproporcionada. Olho agora com certa melancolia para a planície imensa das águas lívidas sobre que se debruçam nuvens pardas e enoveladas.

Andamos em marcha sinuosa pelas grandes curvas que o canal descreve no vasto

leito da lagôa imensa, entre balizas que o as-signalam e que têm a fórmula de barriquinhas que flutuam.

Quando a lagôa se zanga as suas raivas fazem sofrer mais ao viajante, dizem, do que as fúrias do mar. Hoje, felizmente, ela está de bôa paz, embora tristonha. Vai-lhe bem essa placidez em que se sente um pensamento: o misterio do fundo, que tem sua poesia. Na superfície perpassam aqui e acolá leves borrões de sombra em flutuações, crespas, que fazem pensar nos corações trêmulos e perdidos dos náufragos da guerra... Atirou-os talvez a onda amarga do oceano para a remançosa doçura destas águas sem perigo, em que navegamos agora, já com todas as lâmpadas acesas!

Com cerca de vinte horas desde Pelotas, passamos pelo farol de Itapoan. Emerge-lhe a torre da pedraria da encosta, cuja língua escamosa se estende a lambar a epiderme das águas côr de pérola. Deixamos a lagôa e entramos no formoso Guaíba, que sulcamos até ver de face a casaria em anfiteatro de Porto Alegre,

O nome foi bem posto. Fundada na margem côncava e oriental do rio, e banhada a norte, sul e oeste pelas águas largas de uma baía doce, em que desaguam cinco outros rios, todos navegáveis, essa cidade tem expressão risonha e carinhosa. Esta última virtude é talvez devida á regular suavidade da linha curva, com que a sua margem contorna e abraça as águas do Guaíba, oferecendo-se como um seio amigo ao forasteiro curioso.

Como nas outras cidades irmãs, eu olho para esta através de uma cortina de chuva peneirada.

Um conhecedor do lugar, meu companheiro de viagem, responde ás minhas inquições:

— Aquele arvoredor? é da praça da Harmonia.

— As duas torres acolá, que lhe parecem descomunais? São da igreja das Dores. Aquela enseada? A do Menino-Deus. Aqui a Doca e o Mercado. Além, no alto, vê? a linha do Palácio Novo.

Observadas assim, as casas parecem en-

carrapitadas umas nas outras, o que assombrou uma certa senhora do interior, que ao vê-las perguntou a uma pessoa de bordo:

— Então a gente aqui para entrar e sair de casa tem de caminhar pelos telhados dos vizinhos?!

Sorrio e, vendo que já estamos atacadados ao cáis, despeço-me do comandante, e já aperto lisonjeada a mão amavel do representante do Intendente de Porto Alegre, que me apresenta os cumprimentos de bôa vinda.

II

*Le monde vit de la femme. Elle y
met deux éléments qui font toute civi-
lisation : sa grâce, sa délicatesse.*

J. MICHELET.

A casa encantadora e inesquecível de Ema e de Americo Moreira, onde vivo agora em Porto Alegre, passa o dia entre o retinir das campainhas do telefone e da porta da rua.

São recados amáveis, são ramos de flores, são senhoras e meninas que entram, em comissão ou isoladamente, e que empolgam de chofre a minha admiração pela beleza dos seus portes e pelo espírito vivaz da sua fala, de macio sotaque.

Estou encantada. Eu já sabia que a riograndense era bonita, mas não imaginava

que ela aliasse á sua formosura essa lhaneza de trato, essa naturalidade de expressão que é apanágio das pessoas superiormente educadas, superiormente civilizadas, mas que nem sempre é nestas mesmas observada.

Nenhuma terra pode apresentar mais evidente prova de civilização que a da cultura da sua população feminina; e esta demonstração tenho-a diante dos olhos no modo por que as senhoras desta terra se apresentam e conversam.

Desanuviadas e carinhosas, a sua linguagem é tecida de certezas e de doçuras, têm o espirito pronto, a frase elegante e o gesto vivo.

Agrada-me verificar que a mocidade do gárrulo bando de meninas que me enfeitam com a sua meiguice e a sua graça é uma mocidade verdadeiramente moça, é bem essa coisa deliciosa que fez dizer a Julio Janin: a mocidade, no livro, no sonho ou na realidade, póde suprir maravilhosamente bem todas as coisas, porque ela é a esperança que desabrocha com ideais fragranças; é o poder de sentir em toda a pleni-

tude as maiores emoções do coração humano; é a resistencia á dôr, o sono fresco e a saúde; é o amor com ímpetos e avidez de leões pequeninos; a despreocupação na própria miséria; os vestidinhos de nada que parecem tudo; a poesia esparsa e embriagadora que nos acompanha como um perfume invisível; é o apetite que se senta á mesa com alegria e trinca com dentes brancos duras amêndoas torradas; é esse poder divino, criador de obras de arte como “Paulo e Virginia”, “Manon Lescaut” e os primeiros capitulos do “Gil Blas”

Ser e saber ser moça, eis realmente uma condição rara nas gerações que se iam succedendo nestes últimos vinte anos de anémicas e de entendiadas, para quem o ideal consistia em ter corpo esquelético, muito dinheiro, boas tintas para o “maquillage”, e saber ministrar injecções de morfina como o único meio de suavisar decepções.

Ora tenho aqui a jubiliosa impressão de que estas lindas meninas rio-grandenses podem com a máxima facilidade esfarelar duras amêndoas com os seus fortes dentinhos,

assim como poderão enfrentar as mais rudes dificuldades da vida com um sublime sorriso de confiança em si próprias. Esta é a grande virtude de todos os tempos, mas que a luta das sociedades modernas ha de pôr cada vez em maior e mais luminosa evidencia.

E' esta confiança em si própria que resplandece no rosto comovido de uma criança de olhos sonhadores e dedos picados pela agulha, que me oferece com um feixe de flores modestas a consolação de confessar-me que me tinha por sua grande amiga desde a infancia. Ha muita candura nas suas faces de um moreno suave e energia na sua vóz cantante e fresca. Não a perturbam as sedas das senhoras da alta sociedade, que estão a seu lado na sala; fala de si com simplicidade e naturalidade. A sua vida é de trabalho, a das senhoras presentes é de gozo; no emtanto, nem ha nela expressão de humildade ou constrangimento, nem nas ou-

tras de soberbia. Sente-se que o fio geral da conversa corre maciamente, sem fazer nó. Parece-me perceber que no Rio Grande as mulheres que lutam para angariar os recursos da propria subsistencia são olhadas por todas as outras com admiração e certa ternura. E isso basta para me demonstrar a sua cultura.

Mas não é só esta querida criança que me fala de livros; todas as senhoras com quem converso gostam de ler e citam os seus autores preferidos.

E vivemos, nós todos que escrevemos, a queixar-nos de que ninguém nos lê, e de que as geniais produções do nosso cérebro ficam confinadas no pequeno círculo de meia dúzia de amigos pessoais! Por mim posso afirmar que no Rio Grande, ao menos as senhoras, lêem a nossa literatura e se interessam pelos assuntos da nossa espiritualidade.

Ora, pois, as minhas queridas senhoras rio-grandenses estão nesta berlinda porque são belas e fortes; porque têm entusiasmo e

sabem transmitil-o na sua palavra graciosa e franca; porque sabem rir com alegria e olhar com desassombro para as pessoas a quem fixam; porque têm firmeza na elegancia do seu modo de pisar em que nada se revela de contrafeito; porque já cultivam o *sport* que dá elasticidade aos músculos e alegria ao espírito, e, sobretudo, porque demonstram um evidente desejo de liberdade e de instrução. Percebe-se mesmo que elas começam a ter uma certa supremacia no seu meio e tel-a-hão cada vez em maior grau, não só pela capacidade da sua intelligência e o vigor da sua energia, como também. porque são muitas. E eis uma razão em que ninguém pensa e que tem a sua força. Vivendo em uma terra em que o número de mulheres é, segundo me dizem, muito superior ao dos homens, elas têm pelo menos, a primasia da quantidade; mas essa seria de pouco ou nenhum efeito moral se não se empenhassem, como se estão empenhando, em melhorar as condições espirituais e práticas, sobretudo as práticas, da sua nova educação.

Parece que os hábitos da mulher rio-grandense têm mudado muito nestes últimos anos. Conservavam-se antes submersas na pacatez caseira, saindo por excepção de muito em muito longe. Hoje nas ruas de Porto Alegre vêem-se senhoras em muito maior abundancia do que em outras cidades brasileiras, e o mesmo succede nas suas salas de espectáculo. Basta essa circunstância para as tornar simpáticas. Por tal e tão especialissima razão o Rio Grande do Sul poderia ser considerado um paraizo para os homens — se lhes não ministrasse com a fascinação da graça feminina a tortura tantalica do embaraço da escolha. E' que, além de intelligente e bonita, a rio-grandense tem ainda uma qualidade que a torna muito distinta e interessante: — veste-se bem.

De todas as nossas populações é talvez a do Rio Grande, a que pelas exigências do seu clima e a sua vizinhança com as Repúblicas do Uruguay e Argentina, se traja mais ao modo europeu. Ha uma projecção do sentimento artístico do vestuário desses dois países para a nossa gente do sul, prin-

principalmente no que concerne aos costumes de rua. O *tailleur* sombrio, o chapéu de veludo, sem o espalhafato que procura na originalidade um meio de destaque, na maior parte das vezes de máo gosto, dá-lhes um aspecto de agradável apparencia. Grande número de senhoras recebe os seus vestidos, suas pelissas dos grandes armazens de modas de Buenos Aires, onde o preço de todos os artigos é mais baixo do que no Rio e nas demais capitais brasileiras, graças ao bom critério e á atilada administração do Governo Argentino, que não taxa com direitos exorbitantes as mercadorias vindas do estrangeiro. De resto, o capricho no bem trajar não é só freqüente e notavel entre as senhoras mas entre os homens também, e direi mesmo — principalmente entre os homens, que parece terem a seu serviço excelentes alfaiates e não desprezarem também a arte de bem voltear o laço. da gravata.

Dentro de uns vinte anos o mundo feminino do sul brasileiro será de uma grande

e notavel independencia, tal o impulso que ele, talvez inconscientemente, está tomando com a adopção de idéas novas, práticas de novos regimens e sujeição á disciplina das escolas modelares que as meninas frequentam com expressiva assiduidade e de que o professorado é na sua maioria, constituido por senhoras, profundamente estudiosas e competentes.

Não digo que as rio-grandenses, a par dessa sofreguidão pelo saber, que as exalça, tenham já o gosto completamente formado na adoração da arte e da estética das coisas.

Seria impossivel. Por notaveis que possam ser nos individuos os instinctos de arte, sobretudo das artes plásticas, eles não acertarão no seu julgamento se não tiverem tido antes uma demorada e bem orientada educação da vista pela contemplação de obras superiores; e bem sabemos que nessas formosas terras a que o Guaíba beija tão carinhosamente os pés, como aliás em todas as capitais dos nossos Estados, não ha ainda elementos para uma tal afinação. Essa coisa vem-se formando aos poucos com o espólio

dos dias de pensamento e de esforço. Os que viajaram e viram nas velhas cidades architectónicas telas e esculturas dos mestres antigos e modernos e sentiram no fluxo dessa beleza imortal a revelação da arte suprema podem, ainda que ignorantes no assunto, discernir o ótimo do bom, o belo do vulgar; mas quem se não tenha submetido a essas impressões como poderá fazel-o?

Sinto em todas um sincero entusiasmo pela música. O Rio Grande é, como se sabe, a terra das melhores vozes brasileiras. O ídolo agora da mocidade estudiosa de Porto Alegre é o pianista e professor Guilherme Fontainha, Director do Conservatorio de Música, que em curto espaço de tempo tem creado discípulas admiraveis e inculido o gosto dos melhores autores classicos e modernos, em todos os que frequentam as suas aulas. A declamação do verso é que é ainda pouco cultivada nas rodas femininas, onde ha, aliás poetizas de talento e esperançoso futuro.

Deixar-me hia ficar por mais tempo na irradiação de simpatia com que me envol-

vem as encantadoras Rio-Grandenses, mas
é tarde e temos de nos despedir

Olhos de veludo que me lêdes, olhos
gaúchos cheios de fogo e de ternura, bem sa-
beis que não falseio e que vos estou falando
com o coração nas mãos.

III

A primeira vez que saio em Porto Alegre, é para fazer a minha visita de cumprimentos ao Chefe do Estado, Sr. Dr. Borges de Medeiros.

Não nego, entro com certa curiosidade no Palácio Presidencial. E' que vou ver de perto um estadista, notavel pela energia de sua acção e do seu modo de ser; um estadista cuja feição política individual centralizada está completamente isolada da do resto da nação, pela redoma da filosofia de Comte, sobre que é baseada a Constituição do Estado do Rio Grande do Sul.

A minha ignorancia política, a que todo o sectarismo constrange, sente-se torcida num ponto de interrogação.

Realmente sua Excelencia deve ser um

homem de extraordinario descortínio, grande critério administrativo e tacto finissimo, visto que ha vinte anos, ou perto de vinte anos, dirige em consecutivas reeleições esta terra livre e altiva que não toleraria nenhuma espécie de jugo, nem transigiria com sentimentos que não lhe parecessem nobres e justos. Isto, melhor que outra qualquer consideração, póde-me fazer crer quanto o tino e a prudência deste estadista possa ter concorrido para o relevo e a força que têm hoje a sua terra entre todas as da União. Vejo que é motivo de grande júbilo para o riograndense ver o seu Estado livre do pesadelo das dívidas que perturba o sono dos outros Estados irmãos. Não ter dívidas é na verdade uma felicidade, mas essa seria mesquinha em tais circumstancias se não houvesse maiores virtudes a louvar. Dever, quando com essa dívida se possa acelerar a marcha do progresso e da felicidade de um povo, não é dolo nem desacerto, porque haverá de sobejo com que a resgatar em terra tão feraz e bem dirigida. Ouço que o Tesouro riograndense acumula ouro em pesada

abundancia no intuito de realizar obras colossais e que serão pagas á boca do cofre.

Essa intenção honesta dá grandeza moral ao gesto previdente, porque guardar dinheiro só pelo prazer de acumular dinheiro seria em casos tais uma preocupação tão absurda como a que um dia inspirou ao poeta Horacio esta observação:

“De que te serve ir ás ocultas esconder com mão trémula no seio da terra um montão de ouro e de prata? — Por pouco que eu lhe bula, dizes tu, verei em breve esgotar-se-lhe o último vintem. — Mas se não lhe tocares que valor poderá ter esse metal amontoado?”

Conhecedor exímio do prestígio que em todos os tempos as riquezas dão aos organismos sociais, o Sr. Dr. Borges de Medeiros tratou de as injectar nas veias de seu Estado, por meio da sua administração de incansável vigilancia, para que assim tonificado ele possa realizar grandes empreendimentos sem nenhuma espécie de dependência. Suponho ser esse o espírito da sua administração. Suponho tambem adivinhar que a prin-

cipal virtude que dá realce e vigor ao governo deste homem inflexível é a honestidade, uma honestidade intransigente revelada tanto nos seus actos da administração pública como nos da sua vida particular. Afirmam os que o conhecem na intimidade que ele já-mais concederia favores a troco de elogios nem enfraqueceria a sua autoridade moral mandando cessar censuras com subornos; e ainda que, sendo chefe político e Presidente de um dos Estados mais prósperos e poderosos do Brasil, cujos destinos dirige ha tanto e tão largo tempo, se móra em um palacete é porque esse palacete lhe foi oferecido por seus amigos por ser insignificante ou nula a sua fortuna particular. E, todavia, ninguém trabalha mais nem com tamanho ardor durante tantas horas consecutivas. Desse modo o seu cérebro não tem tempo para o repouso. O seu temperamento de nervoso tral-o em contínua vibração. Ele sabe tudo, conhece tudo, vê tudo, indaga, observa, apalpa os factos, abre os ouvidos aos boatos, pesa-os e expreme-os entre os dedos magros para sentir-lhes todo o suco; busca

as pessoas competentes onde as encontra ou adivinha, aproveita-as com agudeza e é bem provável que já a esta hora esteja preparando um discípulo que o possa substituir em Porto Alegre quando ele, por sua vez, tiver de entrar no Palácio do Catete ou quizer fazer uma viagem de recreio ou de repouso através do Planeta.

A sua acção tem sido muito demorada no poder para que ele não tenha imprimido na alma do povo rio-grandense um pouco ao menos do seu cunho original. Vinte anos não são vinte dias; é um espaço de tempo em que se podem fazer julgamentos definitivos, afirmações e confirmações.

Pensando nisso, vejo que ha um problema delicado na politica rio-grandense e que não sei como poderá ser resolvido quando chegar o dia em que isso tenha de ser feito: é o que concerne á Constituição do Estado, com as convicções religiosas ou filosóficas do seu Presidente. Nem todos os homens de espirito culto e capacidade politica e administrativa, que possam vir a ser indicados para o exercício de chefe supremo do Rio

Grande, podem ser positivistas; e neste caso qual será a resolução a pôr em prática?

Quando o Presidente entra na sala, eu contemplo, através dos vidros da janela, a linda paisagem que dali se desenrola, ribanceira abaixo, até á prata polida do Guaíba. Volto-me e verifico que o Sr. Dr. Borges de Medeiros é verdadeiramente o retrato dos seus retratos, cousa que parece inverossimil a quem por experiencia própria e observação da alheia conhece a amabilidade dos fotógrafos e muitas vezes tambem a traição das chapas fotográficas. S. Ex. é delgado, nervoso e, se me fosse possível metalizar a comparação, diria que faz lembrar uma fina lâmina de aço, dessas que se não torcem nem quebram, mas cortam com resolução. A sua fisionomia aguda tem certa expressão de ironia e de sagacidade que o esforço da vontade própria procura adoçar e dominar.

Sei que Sua Excelencia está em período de grande actividade, com a abertura da Câmara, e que as conferencias com os deputados que chegam não lhe devem permitir atender a visitas de mera cortezia, como a minha. Ao mesmo tempo que falo, observo que estou sentada ao lado de uma jarra de Sèvres, naturalmente aquela que o Sr. Paulo Claudel, ou o Sr. Dumas, pois que ambos estiveram no Rio Grande, levou pessoalmente, em nome do Governo frances, ao Presidente do Estado.

Noto tambem que S. Ex. não cultivava só a difícil arte da política, cujas locubrações tornam geralmente os homens de humor desigual e esquisito, mas que tambem cultivava uma outra arte mais subtil, — a da conversação.

Saio trazendo a promessa de traçar elle proprio o itinerário da minha excursão através do seu Estado e entro no carro que me conduzirá ao palácio da Intendência Municipal.

IV

O dia está macio, de uma claridade leitosa, favoravel á minha miopia.

Terei agora de descer da cidade alta, onde estão construidos o Tesouro, varias secretarias, o principal teatro, a cathedral e os palácios presidenciaes, velho e novo, sendo que este ultimo ainda não concluido, para a cidade baixa, mais commercial e mais activa. As ruas por que passo, lavadas pela enxurrada de um forte aguaceiro da véspera, desmentem o que delas me tinham dito a bordo em relação ao asseio urbano e dão-me por isso uma impressão agradável.

Não me seduz certamente a architectura da maioria das suas casas, cujas linhas desproporcionadas lembram as de um aleijado de pernas curtas e busto avantajado. A

maioria dos prédios de residência, feitos recentemente, têm o primeiro pavimento ao rés do chão, muito baixo, e as portas pequenas, em desacôrdo com o movimento architectónico do primeiro andar, de salientes e pesados balcões quasi sempre guarne-cidos de balaústres grossos ou gradis pomposos.

Tive depois muitas vezes a impressão, quando descia algumas das ladeiras port-alegrenses, de que iria bater com a cabeça em uma dessas sacadas barrigudas e ameaçadoras que me disseram terem sido introduzidas na cidade por um architecto alemão. Para atestar a sua nacionalidade, ele procurou mesmo encimar alguns dos seus edifícios com um ornato pontudo que lembra a forma do capacete militar do seu país. Por fortuna foi esse talvez o único vestígio que notei do gosto tudesco no Rio Grande, onde o predomínio dos alemães não tem a importância que eu supunha, nem mesmo existe, visto que da sua colaboração nada ha dominante, nem sequer interessante no país. Mas se a architectura das residências particula-

res de Porto Alegre não tem na sua generalidade pureza de linhas nem elegância de conjunto, não se póde dizer o mesmo de alguns dos seus edifícios públicos modernos que são de aparência a um tempo nobre e vistosa, como este belo palácio da Municipalidade em que vou entrar agora. Mal o avisto tenho a impressão de que foi construído com certa consciência artística. E' de estilo Renascença e tem distinção e certa majestade.

Ah, a mania dos zimbórios, das cúpulas monstruosas, dos minaretes ridículos e torreões enredados por guirlandas em que ha mais gesso e complicação do que desenho e gosto, não atribulou felizmente o cérebro do construtor que o delineou. Não ha nada mais detestavel do que a fantasia de pedra e cal.

Muitas vezes, quando escrevia crônicas semanais no *O Paiz*, na vaidosa pretensão de que o meu julgamento pudesse ter alguma aceitação, pela sinceridade com que era emitido e pelo ardor da sua convicção, eu gritei como pude contra a exorbitância des-

ses imensos casarões sem arte e sem estilo com que era reedificado o Rio de Janeiro, pedindo de mãos postas aos poderes públicos que nomeassem uma comissão de artistas competentes, artistas de verdade, brasileiros ou estrangeiros, para lhe organizarem um plano geral e dirigirem com harmonia e beleza as novas construções. Alguem haverá por aí de bôa memória que se recorde disso. Pois a antipatia que me causavam já esses fantasmas de cantaria e de cimento cresceu com o correr dos dias, pois quanto mais envelheço mais adoro o que é puro e simples.

Foi bem impressionada pela beleza exterior do Palacio da Municipalidade de Porto Alegre que subi a sua larga escadaria, no tôpo da qual me esperava o Intendente da cidade, Sr. Dr. José Montaury.

Depois de poucos minutos de conversação sinto que este senhor, nascido ás margens da Guanabara, é o mais gaúcho dos rio-grandenses. Luzem-lhe os olhos, em que se lê bondade, ao falar desta admiravel gente, — desta magnífica terra, — deste excelente

ar! A sua pessoa modesta está toda como que a pedir desculpa da situação a que se viu guindada, como a dizer que não foi por culpa sua, enquanto me faz ver no salão nobre a galeria de bustos em gesso policromo executados pelo ilustre pintor Sr. Décio Vilarés e que representam vários dos mais eminentes políticos brasileiros, a principiar por José Bonifácio e Tiradentes.

Já, de passagem, eu tinha pouco antes visto, do mesmo autor, na linda praça Marechal Deodoro, que encima como um diadema a cabeça de Porto Alegre, um grande, rico e catapultuoso monumento em homenagem a Julio de Castilhos, que nele figura em atitude acanhada de pretendente mal aventurado, entre figuras simbólicas de gestos estirados.

V

E' noite; ouço foguetes e vozaria. Chego á janela. E' o povo que se diverte na praça com a tradicional festa do Espírito Santo. Acabou a novena na catedral e toda a gente que afluíu ao local e que enche grande parte do imenso largo suporta galhardamente o frio, a olhar com interesse para os quadros sucessivos de um cinematógrafo ao ar livre e para a iluminação da capelinha do Espírito Santo, em cujo tampo a pombinha simbólica abre as asas em contínua agitação, por efeito de movimentos bem combinados da luz.

Como por toda a parte, também aqui as tradições se vão perdendo, as usanças poéticas diluindo e os velhos costumes substituindo-se por novos costumes. São as leis da

Vida que de instante a instante mudam e se transformam. A gente moça pouco se importa, mas os velhos verificam com tristeza a diferença desses festejos, hoje apenas animados pela gente das camadas mais modestas, quando outr'ora o eram pela fina flôr da sociedade portalegrense.

— “Então, suspira com saudosa tristeza a meu lado uma doce velhinha, não havia cinematógrafos, nem bondes elétricos, nem estas luzes de côres mirabolantes, nem estes gramados de jardins públicos. As famílias de maior importância mandavam de casa pelas escravas os seus tapetes e as suas cadeiras para o centro da praça e aí faziam roda com os amigos, comendo pinhões cozidos, amendoim torrado e recitando versos de Castro Alves e de Casimiro de Abreu, até que o fogo de artifício rebentasse em rodas multicôres e se desfizesse em deslumbrantes plumas de ouro vivo. Aquele, sim, é que era um bom tempo. Como morávamos longe, minha mãe mandava-nos a todos na frente — as meninas de berlinda, os

meninos a pé e ela chegava depois de cadeirinha com as orelhas pesadas de brincos, o vestido de *moire* aberto sobre a roda do balão e o lencinho de rendas pendurado da pontinha dos dedos. Censuravam-lhe o luxo, porque naquele tempo havia simplicidade, mas gostavam de vel-a. ”

Como a do Espirito Santo, ha outra festa religiosa de grande devoção na cidade: a da procissão de *Corpus Christi*, que muitas associações, todas as irmandades, colégios, leigos e religiosos e grande numero de senhoras da alta sociedade acompanham a pé, no milagroso equilíbrio do salto alto nas pedrinhas desiguais e terriveis do chão. Porque a cidade é mal calçada. Esse espetáculo oferece á vista do forasteiro um aspeto decorativo e pitoresco. Assim a população rio-grandense, que se poderia supôr positivista pela aceitação dessa doutrina na Constituição do Estado, ou por convicção própria, ou por interesse político em seguil-a, é profundamente católica, embora haja uma grande

parte, uma imensa parte da sua sociedade que professa o culto protestante.

Escrevo de memória, sem ter lido estatísticas, subordinando as minhas apreciações a puras impressões pessoais de momento, impressões de que raramente tomei notas: não receio, contudo, errar dizendo que a maior parte dos colégios particulares do Rio Grande do Sul pertencem a congregações religiosas, são dirigidos por padres ou por freiras e estão instalados em prédios grandes e modelares. E assim é por todo o Brasil.

VI

Destino hoje o meu dia á intellectualidade de Porto Alegre: visito os seus jornais. as suas revistas, a sua biblioteca.

Nada me póde interessar mais vivamente: lamento apenas não poder enramalhar num rápido momento tudo quanto de melhor se tenha escrito até aqui no Rio Grande, para de um fôlego me sentir penetrada de toda a sua vida espiritual. E' tamanho o nosso país, conhecemo-nos tão pouco uns aos outros que, longe do meio em que cada qual gravita em torno de aptidões já celebradas, haverá outras aptidões talvez notáveis e de si pouco ou nada conhecidas.

A caminho das redações, pergunto pelo movimento dos jornais. Respondem-me que

é grande. Ha muitas folhas e toda a gente tem o habito de ler.

— Toda a gente?

— Quasi toda.

— Ainda assim!

De facto, tenho visto muitas pessoas na rua com livros na mão. E' symptomático: isto basta para criar no forasteiro a impressão de que está em uma terra de intelligência, em uma terra de estudo.

No Rio, onde a vida tem uma intensidade exaustiva, o prazer incomparavel da leitura é estragado por inúmeros accidentes que a perturbam; aqui nesta cidade tranquilla, e de clima propício a todas as actividades deve-se ler admiravelmente.

O meu excelente amigo Américo Moreira, antigo jornalista e homem de letras que em tempos da mocidade queimou cartuchos na defesa dos grandes ideais da abolição e da Republica, acompanha-me gen-

tilmente nesse meu peregrinar de redacção em redacção. Os dois grandes jornais de opinião pública são a “Federação”, órgão republicano governista, e o “Correio do Povo”, folha importante, muito popular e ao que me parece perceber imparcial, se não francamente oposicionista. Tanto melhor. Já o infavel Conselheiro Acácio deveria ter dito que todo governo precisa de opposição como toda a literatura precisa de crítica. O essencial é que tanto uma como outra sejam exercidas com nobreza. Também a não ser assim toda a sua acção seria contraproducente.

Ha entre os varios periódicos que visito, um “A Noticia”, que me interessa pela sua feição de mocidade: é a casa dos novos, cuja porta, ao que me contam, se abre de par em par a quem tenha talento, embora sem nome nem apresentações especiais. Conquanto os que começam tragam geralmente nas mãos mais espinhos do que rosas para todos aquelles que já no caminho das letras tenham conseguido alguma coisa pelo seu talento ou por grandes energias de vontade, é sempre

para estes motivos de júbilo ver surgir no mesmo campo das suas labutações novos semeadores dos mesmos ideais.

Ao descer da escada reparo que o meu amigo consulta disfarçadamente o seu relógio. Compreendo: devo abreviar, porque o dia aqui tem o mesmo mau costume dos outros lugares: o de não esperar por nós, — e teremos ainda de subir a ladeira que nos conduzirá á Biblioteca Publica, na cidade alta. Mas, é mais forte do que eu, esta coisa que me faz parar em frente aos mostradores das livrarias, atraída pela tentação da novidade literária. Na vitrina que vejo a poucos passos ha nada menos de tres obras novas: “Vultos do Meu Caminho”, livro de crítica, revelador de observação, cultura e elegancia intelectual de João Pinto da Silva; uma peça em tres actos, intitulada “Gente Alegre”, do jornalista Emilio Kemp; e “Terra Convalescente”, de Mansueto Bernardi, volume de versos em que se sente toda a alma de um verdadeiro poeta.

Tres livros novos em tão poucos dias não deve ser acontecimento comum na capital

rio-grandense, não o é mesmo em parte alguma, tanto mais que, cada uma dessas obras pertence a um género diferente — teatro, poesia e crítica literaria.

E não tocam os sinos?

Do mostruário á porta da livraria ha apenas poucos centímetros; já agora não resisto, entro e pergunto por algum novo trabalho de Zeferino Brasil, o nosso Cesário Verde, o original poeta rio-grandense da “Vovó Musa” — em que o sentimento palpita entre a graça fina da fórmula e a ironia esperta do pensamento imprevisto.

Respondem-me que ele trabalha agora ferozmente, delirantemente, em um volume de prosa e em outro rimado.

Espera-se um romance!

— E para conhecer-se esse senhor?

— E’ difficil.

— Por quê?

— Ele não gosta de fazer nem de rece-

ber visitas. Isola-se do mundo para escrever.
A familia defende-o dos assaltos.

Assim, nenhuma esperanza?

Estou na — Livraria Globo — um estabelecimento importantissimo, com vários andares, a que eles chamam, á hespanhola — *pisos*, com ascensores, subterrâneos, officinas de impressão, de gravuras, depósitos e salões repletos de brochuras e publicações de todo o género.

Esta casa, fundada por um portuguez de nome Barcelos e dirigida actualmente pelo seu filho e um socio italiano de grande descortínio Sr. Bertaso, é, bem como a casa Chaves, tambem de origem portuguesa, e do maior prestigio em todo o Sul, uma demonstração viva de que o alto commercio riograndense não está todo em mãos dos alemães, como se propalava.

Exulto; uma capital que além de sustentar várias livrarias importantes, como a Echenique e outras, dá tanta vida a esta do

Globo que é das mais ricas do Brasil, é uma capital que lê, é uma capital civilizada.

Esta impressão acentua-se em mim ao entrar na sua Biblioteca Pública.

Montada em edificio propositadamente construido, adornado com a figura de Minerva e outras figuras representativas das principais fases da civilização e da preparação da Humanidade, conforme o calendario de Augusto Comte; com boas salas de leitura e de secretaria e livros carinhosamente tratados, a Biblioteca de Porto Alegre não tem ainda o ambiente sugestivo das casas antigas, trespasadas de alma e espiritualidade, mas tem certo conforto e elegancia.

A maior e melhor prova da sua utilidade, é saber-se que a sua frequência mensal atinge a um elevadissimo número de leitores, segundo me informa o Sr. Victor Silva, seu director, o qual com Eduardo Guimarães, o poeta rio-grandense da *Divina Qui-*

mera e seu auxiliar na doce faina bibliotecária, catalogou pelo sistema americano — bibliografico decimal, todos os livros a seu cargo. Suponho ter sido ele a primeira pessoa a pôr em pratica esta disciplina no Brasil.

Percorrendo comigo o salão dos livros e fazendo folhear grandes edições de luxo o Sr. Victor Silva, antigo poeta, mais de uma vez premiado em concursos literarios, expôz-me a idéa que tem de fazer construir um dia, na parte nova do edificio, um grande salão completamente consagrado ao divino Dante. Nesse compartimento, portas, tecto, janelas, lâmpadas, tapetes, mobiliário e decorações, serão feitos de acôrdo com o estilo do tempo do grande Florentino cuja estátua figurará, no lugar de honra, entre paineis que reproduzam suas idéas e suas imagens maravilhosas.

Não ousou interromper o devaneio, mas penso, de mim para mim, que isso só poderia ser feito com beleza por artistas geniais.

VII

Sinto-me, neste momento, dentro do cérebro de Porto Alegre, que é a parte onde nesta cidade se agrupam em grandes edificios próprios as suas escolas preparatórias e superiores. Poder-se ha, por isso, denominá-la — Vila ou Séde da Inteligência — sem que o nome parecesse a ninguem eivado de pedantismo. Começo a minha visita pela circumvolução das mathematicas, pelas quais a minha admiração é tão profunda e tão vasta quanto a minha incapacidade de as comprehender é imensa!

Subo as escadas da Escola de Engenharia pelo braço do seu illustrado Director, Sr. General Barreto Viana, que não cessa de me dar provas da sua amabilidade esclarecedora, fazendo-me a descrição histórica do es-

tabelecimento, corpo central de que se ramificam seis institutos que lhe são subordinados, mas que tem cada um deles a sua vida autónoma: os Institutos Ginásial Julio de Castilho, Astronómico e Meteorológico, Técnico Profissional, Electrotécnico, de Agronomia e Veterinária e Gabinete Técnico.

Depois de um pequeno repouso no salão de honra, eis-me em romaria por corredores, aulas, laboratórios, bibliotecas e arquivos, salas de directoria, secretaria e congregação.

Assisto a um continuado abrir e fechar de portas, da liberdade dos corredores para os recintos silenciosos das aulas vazias, mas em cujo ambiente, entretanto, me parece sentir ainda a temerosa incógnita dos X. X.

As idéas que se cristalizam em palavras deixam sempre no espaço em que são debatidas uma vaga irradiação do seu sentido. E' essa cousa invisível, mas sensível, que dá encanto ás casas velhas, verdadeiros túmulos de almas.

O director adivinha a minha abstracção

e apressa-se em conduzir-me ao Ginásio Julio de Castilhos.

Tenho neste Instituto o vaidoso prazer de vêr um livro meu adoptado particularmente por duas das suas professoras principais e verdadeiras evangelisadoras das letras e da instrução: as ilustradas rio-grandenses Camila Furtado Alves e Pepita Leão.

Tem este facto a importancia de fazer a criancada olhar para mim com simpatia. Leio-lhes nos grandes olhos escuros e doces que já eram minhas amigas mesmo antes de me conhecerem. Esta certeza faz-me bem ao coração.

Sem nenhuma competência especial que possa determinar da minha parte um juizo apreciavel sobre assunto de natureza tão complexa como o organismo dos grandes estabelecimentos de ensino, eu procuro apenas fixar nestas ligeiras páginas de “croquis” a lapis, as exterioridades das cousas

por que passo. Não me sorriem vagares para fazer estudos profundos nem compulsar relatórios, mesmo por que a ter de lêr alguma cousa, prefiro lêr Shakspeare, com quem me considero sempre em atrazo.

Assim, deixo generosamente as das estatísticas para os profissionais de secretaria e vou traçando as minhas impressões pessoais sobre as lindas terras do Rio Grande do Sul, sem remorsos porque são sinceras, embora sem o peso de exposições documentadas que lhe dariam valor mais apreciavel.

Desprevenida, entro no Ginásio Julio de Castilhos, na hora da saída para o almoço. Em Porto Alegre, todos os trabalhos sofrem uma interrupção das onze horas ao meio-dia. Fecham-se então as portas do commercio e as dos colégios.

As ruas têm espreguiçamentos de sono e de tédio, na moleza do abandono e da sesta. Tenho, porém, ainda tempo para observar os magníficos exemplares de bôa raça gaúcha, representados nestas crianças em que predomina o tipo moreno-claro, de olhos e cabelos castanhos. Além de bonitas,

revela-se no seu modo e no seu vestuário a simplicidade correcta das boas normas educativas.

Ao zumbir das vozes das crianças junta-se agora, vindo de fóra, do ar livre, o som alegre de uma banda no — *Amor Febril* — que é a musica mais popular aqui, nesta estação. Quem toca são os rapazinhos do Instituto Parobé, — que é o do ensino técnico profissional mantido pela Escola de Engenharia para proporcionar gratuitamente aos meninos pobres uma educação teórica e prática. Nenhuma das várias secções da escola me póde ser mais simpática. Ela não representa só a intelligência e a sciência, mas tambem a equidade e o coração.

Não é por méra sentimentalidade, entretanto, nem só pelo espirito de justiça que eu, governo, favoreceria especialissimamente os estabelecimentos desse género; mas pela idéa de que é com os pobres que os povos devem contar de preferênciã para o progresso e a felicidade do seu paiz.

Atravesso um jardim e um páteo, por

entre alas de alunos bem uniformizados e sorridentes, e penetro, comovida e alegre, nas aulas e nas oficinas. Elas ainda frémem no calor do trabalho interrompido. Passo pelas secções das construções mecânicas, construções metálicas, trabalhos em madeira, artes gráficas, tipografia, encadernação, litografia, electro-química e artes de pintura decorativa, esculptura e modelagem em barro, onde me obsequiam com dous vasos artísticos para plantas e adorno de mesa.

Como me disponho a vêr as cousas com maior minúcia, lembram-me que não tenho tempo ás minhas ordens. E, francamente, é do que eu tenho pena. Se esse senhor me obedecesse, o que eu faria!

Entro no Instituto Astronómico e Meteorológico, de que é um dos directores um discípulo diplomado e premiado pela Escola de Engenharia; ouço cousas interessantes sobre climatologia, previsões do tempo, e belezas do céu rio-grandense; vejo mapas, cartas, instrumentos, subo as escadas do Observatorio e torno a desce-las, com a con-

vicção de que tudo aquilo está muito bem organizado e a tristeza, que talvez pareça absurda, de não poder admirar estrelas ao meio dia!

VIII

Lembrar-me hei sempre, meus amigos,
desta deliciosa manhã!

Debruçada da amurada do “La France”
— vaporzinho todo branco, como uma noiva
e que singra as águas do Guaíba acompanhado por um séquito de lanchas, estremeço
de comoção ao deparar numa volta de enseada,
com os cinquenta ou mais “gigs” em
que vós outros, moços, fortes, entusiastas,
elevais os remos numa saudação inesquecível.
No espelho das águas pálidas, as vossas
embarcações vistas de cima lembram
pequenos canteirinhos de flôres flutuantes —
papoulas rubras, açucenas brancas, e bluetas
azuis, de que emergem duzentas e quarenta
hastes, terminadas no alto pela pá dos
remos.

Sacudo o meu lenço; silvam as lanchas e o ar estremece á vibração das palmas com que todos os convidados de bordo vos saúdam.

Nenhum de vós mesmos, que o compuzestes, pôde imaginar o encanto deste quadro palpitante, vivo, com que inebrio os meus olhos ávidos de beleza. E não o pôde sequer imaginar, porque nunca um actor conhece completamente o efeito da peça em que representa; mas eu que vos vejo a todos, como espectadora, mas eu que estou surpreendida pelo pitoresco desta scena que a Liga Náutica Portalegrense compoz com arte tão fina, eu é que vos posso afirmar que estais realizando um acto de rara e sadia lindeza, digna do pincel de um Ziem.

Seria em verdade um pecado que esta baía de harmoniosas proporções, esta pérola líquida engastada em âmbar louro e esmalte verde negro, não se visse nem se sentisse gozada pelo “sport” náutico que dá robustez ao braço, alegria á alma e ousadia ao espirito da mocidade. Nadar e remar são dois exercicios que duplicam no homem a sua ca-



pacidade de domínio e de defeza no mundo, de que é prudente não esquecer que a maior parte é coberta de água. . Hoje a do Guaíba está ligeiramente crespa.

E' um espelho enrugado em que a vossa flotilha de gigs descreve festões matizados pelas côres emblemáticas dos respectivos clubs: Almirante Barroso, Tamandaré, Gremio Nautico, União, Vasco da Gama, Italiano Canotiere, e Guaíba.

Vamos agora com rumo á ilha da Pintada. Não chove nem faz sol. A luz difunde-se com suavidade; podemos olhar para tudo sem esforço da visão, com os olhos abertos. Olhar para as cousas com os olhos abertos, á luz do dia nos países de sol, é deleite, tanto mais apreciavel quanto mais raro.

E na brandura de amenas claridades passamos das largas águas do estuário do Guaíba, para as do poético Jucuí, saudoso rio, de prata fina, em cujas margens vejo de vez em quando casinholas de pescadores e uma ou outra canôa amarrada aos troncos do arvoredado baixo.

— Que assuntos lindos, meus bons amigos, para uma aquarela!

Quando desembarcamos na ilha agreste, já lá vos vemos a todos, em longas e cerradas alas, agitando as mãos num troar de palmas e cantando com entusiasmo moço hinos patrióticos e as “canções gaúchas”

Não! Vós também não vos esqueceréis desta hora de riso e de sinceridade. Não são tão freqüentes na vida momentos destes, para que possam ficar enterrados no poço da indiferença; mesmo que outros, de festas idênticas se repitam, já serão *outros*, poderá sobrar deles alguma cousa que vos deleite, mas ha de faltar-lhes também um pouco do que neste ha de peculiar e que é talvez uma alma de mulher, que ao fluxo da vossa simpatia transborda de comoção que adivinhais.

Na verde ilha, á sombra de espreguiçados Ingazeiros, já as postas do churrasco apetitoso, varadas pelas lanças agudas dos espêtos de taquára, fazem ronda ás fogueiras crepitantes e baixinhas. O ar está impregnado de um cheiro que faz a muita gente, dis-

farçadamente ou não, lamber os beijos. Sobre a mesa rústica improvisada de um momento para outro, um de vós despeja a fina farinha de mandioca para acompanhar o acepipe. Como diz a canção overnheza, também nós:

De nappe blanche
Nous ne servons pas.
Sur une planche
Nous mangeons ce que nous avons.
Assis sur un banc
Comme nous pouvons.

Dentro do grupo ha um rapaz que recita com inegualavel graça poesias e monólogos *rasgados* da gente da campanha, seguido logo após pelo chorar de um violão nos dedos de um marujo.

Bravo! Estamos em plena festa regional. Vêde que lindos rapazes esses dois que estão agora a tocar ao desafio nas suas gaitas ou harmónicas. Vestem-se ambos á gaúcha: bombachas largas, côr de cinza, ladeadas no correr da perna por duas fileiras de botões

de madreperola; trazem ambos casaco preto, lenço garibaldino ao pescoço, atado com um nó á 1835, e chapéu mole de feltro, redondo com o barbicacho passado sob o queixo.

Qual deles tocará melhor? Não se consegue saber. São ambos excelentes gaitistas. Sabem ambos do mesmo modo distender o fole da harmónica em prolongados gemidos e airozas curvas de sons.

A' sonoridade do instrumento popular responde a de uma voz feminina impregnada de doçura.

Cantai, meus amigos, cantai! Mocidade sem música é como vinho sem sabor ou como flôr sem cheiro e que a vossa mocidade é valente e bôa, bem o percebo no modo porque arrancais a dente os nacos da carne do churrasco que tendes suspenso das mãos.

Bom apetite!

Volto da festa com este vocábulo — gaúcho — a cantar-me no ouvido.

Penso um momento que ele possa ter sido trazido pelos Açorianos, primeiros habitantes destas margens, com o termo “galucho”, usado em Portugal para designar o recruta e que tivesse logrado outra aplicação aqui, sem maior trabalho do que o da quédia de um l. Esclarecem-me, porém, dizendo que a maternidade do termo cabe aos povos do Prata, que chamam gaúchos aos seus camponeses.

Pois, por uma tal ou qual analogia de gostos e de costumes, dir-se hia ter havido nos tempos da sua formação no Rio Grande uma certa influência de Alemtejanos que soubessem inculcar na alma do povo o seu sentimento do pitoresco, e o amor pelas acções da sua preferência.

Ha visiveis afinidades de expressão entre os dois povos: no Alemtejo o campino afoito, aqui o peão dextro, e a influenciar na alma de ambos a mesma natureza de horizontes amplos e os mesmos impulsos de valentia. Como os Alemtejanos, os Gaúchos apreciam os tecidos listrados, sómente esses tecidos empalideceram com a diferença do

clima; onde lá se entrelaça o vermelho ao verde, mistura-se aqui o cinzento ao castanho; mas em outras particularidades, como nos arreios de montaria, que são especiais, parece conservar-se aqui o mesmo tipo dos dessa provincia portuguesa. De resto, quem sabe? Póde ser que tambem nisto eu esteja enganada e tudo quanto me parece tradicionalmente filiado a um sentimento da raça, não seja senão uma projecção dos usos e dos costumes das Republicas platinas.

Dansa-se no “La France”, que dá tambem algumas largas voltas de valsa sobre a líquida planicie do Guaíba, até que a tarde se desfaz numa bruma algente.

IX

O vento.

Eu ouvi esta noite a voz do Minuano! Ela vinha grossa, cheia de segredos e de clamores. Abri os ouvidos, nesta minha ânsia absurda e indomável de querer compreender o sentimento de todas as cousas da criação, mas dessa assombrosa orquestra de sopros, uivos e silvos, nada ficou revelado á insignificância da minha humana compreensão.

Sobre o telhado que me abriga as ondas de ar se sucediam em fuga louca, e a casa situada em rua árida, parecia-me envolvida por uma floresta toda a ramalhar nas sacudidas de uma crise de histeria fantástica e furiosa.

Que bela vóz a do vento! Apras-me es-

tar ás escuras e ignorar as horas. O tempo perdeu para mim a sua significação mortal. Suponho-me na eternidade misteriosa, entre camadas do limbo vertiginoso. Que fui? que serei? não sei, nem isso me importa, basta-me a impressão do que ouço, do que sinto e de que sou um átomo neste concerto universal.

O Minuano é um vento purificador. Por onde passa varre com sopro virginal todas impurezas que encontra espalhadas no solo ou na atmosfera. Não leva só consigo as folhas resequidas das árvores cansadas nem as nuvens ásperas de pó, mas legiões de inimigos invisíveis do homem, criados pelo desleixo de uns ou pela transformação das próprias cousas impalpáveis. E' o melhor higienista do Sul. Vem das altas regiões dos Andes nevados, cujos topes despluma, para espalhar por sobre terras baixas um pouco da sua pureza inatingível. E, quando não tem violencias impetuosas e sopra de manso, o seu halito fino e glacial dá aos míseros mortais a deliciosa impressão de lhes espalhar no rosto carícias de anjos.

X

Como Constantinopla, Porto Alegre poderá ser denominada um dia — a cidade dos terraços — se mais alguns tiver como os dois que vi esta manhã e de onde se descortina um panorama largo e sugestivo. E que lugar se poderá prestar melhor para miradoiros dessa natureza do que este de aclives e declives violentos, barrado por um rio largo e cheio, em que ilhas estreitas de vegetação escura descrevem avenidas de sombra, como que traçadas a nanquim sobre prata reluzente? Olhando para essas ribanceiras pensa-se como daria vida e graça á casaria que por elas se encarrapita o estilo dos telhados árabes resguardados na hora da ardentia por toldos riscados, floridos de cra-

vos como os de Andaluzia, e abertos á tarde ás pompas do morrer do sol.

Bem inspirado foi por isso o architecto francês Maurice Gras, fazendo o Novo Palácio do Governo desta capital todo coberto por uma sotéa destinada a ser transformada num jardim suspenso. E essa fantasia, perfeitamente realizavel, porque a sotéa foi construida com cimento vulcânico e de modo a que as águas da chuva e das regas não possam penetrar na habitação, fará com que em todo este imenso Brasil seja talvez este o único palácio que tenha por coberta lenções verdes de relva em que floresçam rosas.

Fazem-me notar que o palácio é feito com todos os rigores da arte antiga e do conforto moderno. As suas linhas gerais obedecem á architectura grega classica; tem dois corpos principais, sendo o da frente de cinquenta e oito metros por vinte e quatro, de fórmula rectangular, e o do fundo de cinquenta e dois metros por vinte e nove em fórmula de u. Comunicam-se estes dois corpos por duas ordens de colunas de bôa perspectiva. Na fachada de agradavel simplicidade

mas que teria ganho em beleza se fosse mais alta uns poucos de degraus, ha, entre dois pares de colunas gémeas, duas estátuas em pedra calcárea, Agricultura e Industria, demasiadamente alentadas.

Abre o Palácio para a mais nobre praça da cidade por tres largos portões, comunicando o do centro com o vestíbulo e escadaria principal, destinando-se os outros para a entrada e saída dos carros. Todos os detalhes da sua ornamentação interior são sujeitos ao gosto da época Luiz XVI. Dizem-me que já estão encomendadas as mobílias, de estilo afinado com o de cada compartimento e que a alguns dos nossos maiores pintores, como Georgina de Albuquerque, Parreiras, Décio Vilares, Lucilio de Albuquerque e Luis de Freitas, foram pedidas decorações para os tectos e paredes principais.

Não só em Roma ha subterrâneos! tambem neste Palácio os ha, não escuros e misteriosos como os das catacumbas, que apavoram e tresandam a humidade, mas alegres, arejados, com instalações elétricas para

limpeza pelo vácuo, para luzes, telefones, ascensores, campainhas, aquecedores, ventiladores, por meio de tubos isolantes, e o que mais não sei. Chamam-me a atenção para a aplicação dos pára-raios do novo sistema Faraday-caye e que figuram aqui pela primeira vez no Brasil, assim como me dizem que para todas as colunas, embasamentos e escadarias que estou vendo neste palácio veio a pedra já aparelhada de Paris.

A esta informação dou um salto patriótico: — mandar vir pedra da França quando ha aqui o bellissimo granito rio-grandense!

Ao meu espanto respondem-me que para essa preferênciã houve uma razão formidável e indiscutivel: — o preço!

E' uma tristeza a sujeição ao *preço*, quando se pense em fazer uma obra d'arte, mas como ele tem inegavelmente a sua força, que objectar? Serviu ao menos o calcáreo de *Villars* para exemplo, á applicação do grês branco rio-grandense, que bem trabalhado é igualmente bonito e já figura em

obra na barra de um muro posterior do edificio.

Que singular complicação esta que faz com que nos custe menos dinheiro vindo de longe, aquilo mesmo que temos ao pé da porta!

Pois bela ocasião, meus senhores, para se aproveitarem em um friso decorativo de parede interior essas inegualaveis ágathas, que rolam em bruto aos pontapés pelo interior do Estado.

No Palácio dos Medicis em Florença, ha pedras preciosas engastadas entre os luzidos mármores patricios. Tivessem os florentinos tido á sua disposição estas pedras brasileiras de tão inéditos desenhos e côres tão originaes e como as teriam engrupado ou encarreirado em gradações bem combinadas nas suas catedrais ou nas suas capelas!

Mas é sobretudo o granito rio-grandense que lastimo não ver aproveitado nos balaustrés e nas colunas desta Casa do Gover-

no, lugar mais do que todos apropriado á demonstração do seu valor ornamental e architectónico. E' tão bonita esta pedra depois de afeiçoada, tão compacta a sua textura e tão bem distribuidas e distintas as suas malhas, que idealizo o prazer que deveria sentir um escultor animalista que nela pudesse talhar o corpo elástico de um tigre ou a cabeça fulva de um leão.

O segundo terraço que eu vi esta manhã foi o do edificio do Arquivo Público. E' tambem este, como o do novo Palácio do Governo, formado pela sotéa da casa, calçada de fino mosaico e guarnecido por uma elegante balaústrada.

E, ora aqui está uma construção especialissima organizada com intelligente previdência. Está sendo feita para servir de depósito ao Arquivo Público numa edificação incombustivel e em um dos pontos mais altos e mais arejados da cidade.

Tem um estilo sóbrio e distinto e ocupa

uma área de quinhentos e sessenta e sete metros quadrados; está dividido em onze compartimentos de cinco por seis metros. A fachada principal tem a extensão de setenta metros e o seu interior é todo guardado de prateleiras de ferro e de cimento armado, numa superfície total de mil e quatrocentos metros. E' alguma cousa. Simplicidade, comodidade e segurança são as qualidades reunidas neste palácio em que a história da vida passada dorme o seu sono eterno, sem receio das chamas nem pavor dos vermes.

XI

Recepção no Club Comercial. Os salões estão repletos do que a sociedade portalegrense tem de mais delicado. Vou vêr um grande baile precedido por uma sessão literaria e musical. E nesta festa de pensamento, de arte e de luxo, conhecerei o que ha de superior e de mais requintado na capital do Rio Grande.

A claridade branca das lâmpadas ilumina as mais belas mulheres e as mais sumptuosas joias da cidade. Bem como por toda a parte agora, predominam aqui as pérolas em fios cingidos a pescoços mais ou menos bonitos ou descaídos sobre a seda dos vestidos.

Como a vida é feita de contrastes e está nisso o segredo da sua palpitante sedução, nunca se viram no Brasil joias mais belas, nem mais caras nem em tamanha abundancia como neste tempo de guerra e de confessada penúria. Aqui no Rio Grande exactamente onde o seu uso me parece mais reservado e menos opulento, elas não me causariam tanto espanto; explical-as ia a prosperidade e a fortuna desta terra gaúcha de apregoada fertilidade criadora; mas no Rio? Trago ainda nos olhos desorientados a visão da última recepção carioca a que assisti, e em que os colares e os diademas evocavam a lembrança das trágicas princezas bizantinas.

Aqui as joias de alto preço não me ofendem os olhos, talvez tambem por que não vejo pedir esmolas pelas ruas; e ha nada mais cheio de sugestões do que a mão vazia de um mendigo?

Passa um frémito de curiosidade pelo salão e começa-se a ouvir num comovido silencio a vóz do illustre poeta Felipe de Oli-

veira, desdobrando em uma prosa cheia de coração e de poesia a alma do seu querido Rio Grande, a arfar nas pulsações de uma aventureira valentia ou a concretizar-se toda no vulto solitário de uma árvore pensativa e linda — o umbú.

Quem, melhor do que um espirito penetrado de poesia, que é a essencia vital da natureza, poderia desvendar aos meus olhos a significativa expressão das cousas silenciosas?

Através dos seus periodos cálidos e veludosos eu vejo á pradaria larga e iluminada, e viajo por estradas, discortinando coxilhas longínquas e horizontes barrados da vermelhidão do poente, em que se desenha o friso negro das cabeças cornudas do gado imóvel.

A' quente vóz do poeta succede a de outro poeta, Mansueto Bernardi, moço cheio de inspiração e de sentimento e que ocupa um lugar proeminente na intelectualidade do Rio Grande. Além de declamarem trabalhos próprios dizem os escritores poesias de poetas seus conterrâneos: Marcelo Ga-

ma, Alvaro Moreyra, Eduardo Guimarães, Fontoura Xavier, Zeferino Brasil, Pedro Velho, Leal de Souza e Homero Prates, para demonstrarem que a Poesia tem no seu Estado paladinos de mérito e de renome.

A' parte literária sucede a musical, desempenhada com muita distinção. Tenho assim em poucas horas uma impressão directa e viva da educação e do gosto desta sociedade.

Se ao jogo se revelam os princípios dos homens, dançando se revela a graça das mulheres.

Como em toda a parte agora, os tangos fazem aqui parte do *carnet* do baile, e parecem-me executados com menos impulso ou mais reflexão do que nas salas do Rio, onde quem dança se deixa levar demasiadamente pela musica suggestiva. Ha na sala uma encantadora criança, de dezaseis anos que me vem dizer que é este o primeiro baile a que ela assiste e que marca o início da sua entrada na sociedade. Sinto-lhe a emoção nas mãos frias e nos olhos onde se reflecte toda a ebriedade da sua alma em festa. Pas-

sa-me fugazmente pelo espirito a lembrança dessa mesma emoção, que a vulgaridade das festas hodiernas torna cada vez mais rara, e que na minha mocidade me fez estremecer no delicioso susto da primeira valsa...

E aí está alguém a quem esta noite já-mais esquecerá.

O interior do Club não tem confortos elegantes, mas dizem-me estar a meio caminho a edificação de um novo e pomposo prédio propositadamente construído para as funções que este casarão vem exercendo com alegria e sem cansaço desde longos anos.

A' hora de ceia, que é sempre agradável para quem não dança, porque é aquela em que se conversa, sento-me ao pé de um *cau-seur* espirituoso, médico e homem de Estado, o Sr. Dr. Protásio Alves, que me descreve com um colorido insinuante e bem



PENHASCOS DE TORRES

nuançado o pitoresco das regiões coloniais do Rio Grande do Sul, a beleza trágica do seu território serrano e a impressionante formosura da praia de Torres, onde altos rochedos lembram telhados de catedrais.

Lembro-me de ter lido qualquer coisa sobre a intenção do governo rio-grandense de utilizar esse porto de Torres, facilitando-lhe a comunicação com a capital do Estado. A realização dessa obra, parece que muito importante e discutida, teria a vantagem de abreviar em tres dias as viagens do Rio de Janeiro a Porto Alegre, o que não é argumento que se despreze, mas que outros argumentos terão para procurar obstar-lhe a execução as cidades de Pelotas e do Rio Grande? Por maior que seja o movimento de importação e de exportação do Estado será ele tamanho que possa alimentar a vida de um novo porto sem prejudicar com isso os interesses do outro? E tanto mais que esses interesses não são méra e puramente materiais mas também de uma grande importância moral para as regiões que lhe ficam visinhas.

Todo o forasteiro que tem de vir á capital do Estado é, por gosto ou forçadamente obrigado a passar por duas das suas cidades mais importantes: Pelotas e Rio Grande, e nessa travessia, se adquire conhecimentos da riqueza e do progresso da terra, tambem espalha animação e dinheiro que são elementos que ninguem despreza.

Desviado para o ponto oposto ao dessas cidades o desembarque da população ambulante de forasteiros que só tenha em mira Porto Alegre, não se sentirão elas prejudicadas? Quer-me parecer que sim, mas bem-póde ser que não. Seria necessário conhecer muito profundamente as condições do Estado para julgar a coisa com inteira precisão e justiça, e eu não tenho ocasião de mergulhar a vista até ao fundo do poço em que a Verdade se mira no competente espelho. Colho impressões de superficie como quem navega em um lago.

XII

Vagabundiei hoje por Porto Alegre, em caminhadas sem destino por entre a pedra e a cal das paredes de casas sem jardins e de portas fechadas, como se usa na Europa. Por vezes ao dobrar de uma esquina vinha-me rapidamente á memória um trecho da cidade alta de Lisboa, não só pela aparente aridez da terra como pela visão branca do rio barrando lá em baixo as ruas ladeirentas. Uma triste vitrine de belchior com lampiões de latão, figas tôscas de madeira e botões de mosaico veneziano, fez-me pensar que talvez houvesse lá dentro qualquer coisa que me indicasse algo da vida interior e íntima deste povo, e entrei.

Tal idéa não me veio a mim só. Já lá dentro havia uma senhora que vasculhava

com manifesto interesse as bugigangas inúteis em busca de utensílio doméstico, móvel ou joia particular, que pelo seu cunho especial ou pela sua antiguidade lhe transmitisse a impressão desejada.

E' singular e espantoso o poder evocativo que teem as cousas cuja convivencia com alguem foi demorada e utilizada por largo período de tempo. Com a sua vóz muda, se tal paradoxo me póde ser permitido, elas sabem relatar com eloquência o sentimento de épocas e de povos diferentes. Era essa vóz que eu queria ouvir, na vã loucura de supor poder existir algum objecto que a emitisse no meio daquela mixórdia banalissima e réles que via ali acumulada e em que a senhora, delegada sem dúvida de algum *bric-a-braquista* estrangeiro andava, em pura perda, a catar preciosidades.

Adeus, ideal de se poder encontrar alguma cuiasinha de mate chimarrão, pala, ou xairol com história. Nem esporas de Bento Gonçalves, nem arrecadas de Anita Garibaldi, nem móvel algum, embora des-

conjuntado, que nos revelasse o espirito de antanho.

Saí. Continuei a subir e a descer ruas que me obrigaram a imaginar que deve ser aqui muito rendoso o negócio das sapatarias. Em algumas lojas mais modestas, vejo na taboleta a designação de — Baratilha — por — Barateiro — vocábulo nunca empregado nestas legendas comerciais. Porque baratilha? não sei.

Noto que nas ruas quasi todas as senhoras usam por agasalho uma pele de raposa igual em tudo a uma que eu comprei em Paris como sendo européa. São as peles dos Guarachaíns, o que significa guarás pequenos. Guará é o nome indígena do nosso cão do mato de pelo fulvo, aspero e espesso. Os estancieiros dão caça aos guarachaíns porque eles lhes atacam as ovelhas e os galinheiros. Antes da guerra as peles dos guarachaíns eram exportadas, não se sabe por quem, mas em tamanha quantidade que ninguém aqui as via, nem lhes dava apreço ou aproveitava. Agora, porém, paralizadas

as remessas para o estrangeiro elas são vendidas tanto nos armazens de modas já preparadas, como pelas ruas, ainda mal curtidas. Como todo o animal este tem a sua estação de maior ou de menor beleza, em que o pelo é mais espesso ou mais áspero, mais veludoso ou mais brilhante. O seu valor depois de morto, como adorno, depende do tempo em que ele foi apanhado, e mesmo assim percebe-se no focinhito agudo deste bichinho quanto ele deve ter sido inteligente em vivo. Conta-se que, quando ele é caçado em mundéu ou laço se finge logo de morto.

Representa então, por tanto tempo quanto o tenham sob vigilância, uma comédia astuciosa e por certo bem aflitiva! Finge-se de morto para que o não matem, e prepara entretanto o seu plano de fuga, que escusado é dizer não o deixam levar a efeito.

O caçador diverte-se com esse jogo que prolonga o sofrimento do animal e enche de pena os que não são caçadores.

A's cinco horas entrei numa confeitaria para o meu chá.

Quer-me parecer que todos estes confeitheiros de Porto Alegre são alemães ou descendentes de alemães.

O seu doce e a sua pastelaria não são da raça suave e meiga da nossa. A sua massa é encardida e grossa, e no recheio ha um condimento que o meu paladar, aliás atilado, não adivinha qual seja.

Se o grande e inolvidavel Ramalho Ortigão, fosse vivo e andasse por estas mesas de chá a paparicar tigelinhas d'ovos encontraria nelas motivo para uma crónica.

Com aquella clareza e perfeição de estilo que o celebrizaram e o conhecimento largo e profundo que mostrava ter de todas as cousas, mesmo as de aparência mais insignificante, ele nos provaria a procedência destas canoinhas e queijadas, embora á custa de longas digressões.

Para essa espécie de Folk-lore do paladar nada no Brasil se póde comparar ao Norte, que é de todo o país a parte mais

capitosa, quer pelo aroma das suas flores, quer pelo sabor dos seus frutos e gostosa aplicação dos seus sucos, das suas polpas, das suas sementes e dos seus cocos tanto nos pratos de sal como nos de açúcar. O şul é menos epicurista.

XIII

Tivemos visitas ao jantar e discutiu-se literatura. Como sempre que ha discussão houve algazarra. Parece-me que a unica pessoa da mesa que permaneceu silenciosa fui eu. O debate teve certos pontos interessantes sob o ponto de vista psicológico e literário. Uma das senhoras presentes, a professora D. Leopolda Barnevitz, demonstra conhecimentos da literatura portuguesa, franceza e inglesa; critica com entusiasmo Camilo e Dickens, Flaubert e Daudet. Abro os ouvidos curiosa. E queixamo-nos de que não se lê em nosso país! A pessoa de opinião mais acatada e imperativa pelo seu saber e experiencia, Sr. Victor Silva, a quem os moços chamam: mestre, resumindo suas impressões sobre

obras nacionais no género — romance — cita como o melhor livro, depois dos de Machado de Assis, — o *Canaã*, de Graça Aranha.

Enquanto continuava a conversa espiritual e tumultuosa, eu meditava sobre o que pensará hoje dessa sua obra o ilustre romancista. Arderá ainda no seu coração, como quando o descreveu, aquela fé no colono alemão, como sendo o mais propício a infiltrar no Brasil uma superioridade de raça?

Realmente, para o esclarecimento da verdade *não ha nada como um dia depois do outro*, como diz o ditado.

E' noite e faz frio; ageito-me nas almofadas e leio um livro arcaico que me faz andar em tempos de Jesus Cristo pelas estradas poeirentas da Palestina.

E' uma outra viagem que faço através do tempo e da história sem enjôos de barcas nem incómodos de trens de ferro. Nela, nun-

ca Jesus me aparece como o vemos representado nos mármore e nas telas, com a cabeleira esparsa em ondas sedosas sobre os ombros, mas com a cabeça coberta com a rodilha de panos então usada por todos os hebreus. Em arte, só me lembro de o ter visto assim uma vez: no sonho de Theodorico Raposo, a maravilhosa página de Eça na sua incomparavel “Riliquia” Sobre este ponto diz mesmo o autor que estou lendo:

“Os pintores cométem um grande erro quando representam Cristo de cabeça descoberta. Todo o mundo usava turbante. O do Cristo deveria ser como o dos outros, preso em baixo do queixo por um cordão e com a ponta da faixa caída de um lado sobre a manga da túnica.”

Apezar de tudo acho que os pintores teem razão.

XIV

Por pequenos detalhes e traços insignificantes colhidos em palestras e ouvidos em descrições de hábitos locais, parece-me perceber que o Rio Grande do Sul, não tem só muito dinheiro pelo modo porque é governado nem tampouco pela notável abundância da sua produção agrícola, pecuária e industrial, mas também e muito especialmente, pela índole económica do seu povo que neste ponto nos poderia dar a todos nós, outros brasileiros, lições proveitosíssimas.

O critério, que faz do francês o povo mais rico do mundo, faz ou fará da população rio-grandense a população mais rica do Brasil.

Com um pouco de exagero poder-se hia dizer que está no ar que se respira esta pre-

venção cautelosa que obriga muita gente aqui a pensar com seriedade no dia de amanhã, guardando economias para as debilidades da velhice e da idade madura. Só depois de assegurada a casa e o pão cotidiano é que a maioria das pessoas se permitem satisfazer a ambição de sonhadas viagens ou de aquisições reputadas supérfluas.

Este modo de supitar impaciências é uma demonstração de força de vontade rara em indivíduos da nossa raça vivaz e imprevidente. Não perguntei ainda pelo valor das entradas mensais na caixa Económica do Estado, mas se a minha percepção não é por demais rombuda elas devem ser de considerável importância.

Enganar-me hei? E' cedo para sabe-lo mas suponho que não erro acreditando nas acertadas tendências financeiras destes nossos patrícios, para os quais todo o brasileiro nascido fóra do seu Estado é denominado — baiano.

Pergunto porquê, e não me sabem explicar a razão dessa curiosa anomalia, mas certamente que ela não poderá deixar de ser

lisongeira á ilustre e ilustrada terra nor-
tista.

Fui assim baiana durante os dias em que tive o gosto de viver no Rio Grande do Sul, gozando a glória de ser conterrânea do meu bom amigo Constancio Alves, e do eminente senador Sr. Ruy Barbosa!

Ha dois pontos no Planeta a que ainda muito criança me acostumei a amar mesmo sem os conhecer, através da saudade de duas aias que embalaram o meu berço e contaram as primeiras histórias que me embeveceram a imaginação. Esses dois pontos são, um — a Baía, terra da mulata escrava a quem eu dava com ternura o nome de — Mamã Maria; o outro a Ilha de S. Miguel, nos Açores, pátria da governante da casa de meus Pais, que eu chamava de Avó e a quem o meu coração é sempre reconhecido. Deste modo, ser baiana para mim não é muito difícil!

XV

Andei parte do dia pelo bairro dos Navegantes entre operários e teares, fornos e chaminés de fábricas.

Ha, parece, que nada menos de cento e cinquenta desses estabelecimentos em Porto Alegre. Convidaram-me a visitar cinco de entre eles, o que já não é pouco. O que me vale é que tenho curiosidade para tudo, graças a Deus.

Para mim a vida é um livro em que cada dia é uma página de interesse particular e significação diferente. Um verdadeiro romance, com períodos á Ponson ou á Eça, á Julio Diniz, ou á Zola.

Neste bairro operário penso involuntariamente em certos contos de Gorki, onde, o rangido das correias e os dentes das engre-

nagens exprimem idéas confusas em sons mastigados e de ruído insuportavel.

Ha no mundo só tres espécies de rumores com beleza : o das tempestades ; o da música e o das ovações ou imprecações das turbas.

Todos os outros fazem desesperar quem os suporte. Lembra-me que a primeira vez que entrei em uma fábrica fiquei tão horrorizada com o barulho, que fiz a mim mesma uma promessa de jamais entrar em nenhuma outra. E essa promessa só deixei de a cumprir hoje, quando transpuz a soleira da mais importante fábrica de tecidos desta cidade manufactureira.

É tão manufactureira, que eu scismo em como, com a nossa mania de fazer comparações, tais como a de qualificarmos o Recife de Veneza ; S. Luis do Maranhão de — Atenas, etc. ; nós não tínhamos ainda dado o nome da fabril Manchester a Porto Alegre ! Tanto melhor, por que essas coisas quando não sejam perfeitamente justas, são absolutamente ridículas.

Pois este bairro operário é grande e sugestivo ! Já do alto do sítio aristocrático

da Independencia e dos jardins da Idráulica, eu tinha voltado para ele os olhos notando-lhe a quantidade de chaminés que emergem da sua larga planície, desenrolando no ar consecutivos rolos de fumo.

Percorro a fábrica toda; atravesso páteos, entro em salões sucessivos, vejo tecer, vejo fiar, vejo tingir; sinto o cheiro da lã bruta e da lã cardada; subo e desço escadas, ensurdecida pelo vozear dos maquinismos colossais que me dá a impressão de me ter feito inchar a cabeça; grito para fazer-me ouvida em uma ou outra pergunta, não ouço as respostas que me dão, acanho-me de o confessar e admiro o esforço dos industriais em uma montagem que me parece completa e perfeita, a não ser que já existam no mundo maquinismos que façam as mesmas cousas em absoluto ou mesmo relativo silêncio, e saio, trazendo como lembrança da minha visita, um lindo ramo de flores e um não menos lindo corte de vestido.

Mas, como está determinado que o dia se consagre á observação das indústrias ma-

nufactureiras da capital rio-grandense, deste grande estabelecimento levam-me os meus amigos a um outro de não menor importancia — a uma Fábrica de Meias em que me dizem trabalhar, se não me falha a memoria — seiscentos operarios. Ha entretanto muitas máquinas paradas por falta de agulhas, que a guerra não deixa exportar da Europa. Reconheço nestas meias rio-grandenses muitas das que vejo expostas nas nossas lojas, como vindas do outro hemisfério... O edificio é grande e de caprichosa montagem, percorro-o todo, declaro-me admirada, recebo flores, e quando entro no automovel vejo amontoadas no banco da frente várias caixas de meias!

— Mas é um passeio lucrativo! exclama uma das minhas amigas, ao mesmo tempo que eu pergunto:

— E agora para onde vamos?

— Agora para uma fábrica de vidros, respondeu-me o amavel dr. Montaury.

O trajecto foi curto. Momentos depois atravessávamos a área do novo estabeleci-

mento em que, como nos pátcos das outras fábricas, havia empilhada uma enorme quantidade de lenha.

Desde que cheguei ao Rio Grande do Sul tenho a impressão de andar viajando em pleno reino mineral, tão insignificante me parece, relativamente, a vegetação no harmónico conjunto das suas areias, das suas águas e das suas pedras. Causa-me por isso certa estranheza vêr tamanha abundância de lenha nas fábricas que visito.

De que matas terão vindo essas árvores esquartejadas, amputadas e lascadas, que esperam ao vento e ao sol a hora suprema da sua ultima transformação?

Pergunto e respondem-me que elas foram trazidas das regiões ubérrimas do Rio Grande interior, das margens baixas dos rios ou dos dorsos das serras umbrósas.

A aridez que eu noto é limiada á região das cidades principais, onde ha pouquíssimas ruas arborisadas e raros parques ver-

des, tão queridos nas capitais populosas, mesmo naquelas de luz pálida e calma, como Londres.

Eu que adoro o arvoredor e trago na minha bagagem um livro de que faço propaganda activa, porque o escrevi certa da necessidade cada vez mais imperiosa e urgente do plantio da árvore no Brasil, não posso deixar de lastimar quando a vejo mal estimada. Certamente que o Brasil é uma terra de florestas, mas de florestas dizimadas, quando entretanto a sua glória e a sua fortuna estão exactamente dependentes da árvore cultivada!

Essas matas serranas de onde provém tanta madeira, serão ao menos replantadas?

A esta pergunta ninguém responde de modo claro e positivo. Quer isso dizer que não são replantadas; que não ha lei que obrigue o lenhador a substituir a árvore adulta que ele abate por outra árvore pequenina da mesma ou de melhor espécie, que perpetue na pátria o melhor tesouro da sua natureza e da sua providencia. Assim as lindas regiões montanhosas ou as margens férteis

dos rios necessitados de sombra, de onde vem a lenha para os ventres insaciáveis dos fornos industriais se converterão pouco a pouco em sítios escavados, sem poesia nem utilidade.

Um dos meus tios avós, filósofo português aferrado aos livros, sempre que a esposa lhe ia pedir dinheiro para compras e contas, abria uma gaveta, sem mesmo interromper a leitura que fazia, remexia os dedos em moedas de ouro e dava-as sem as contar, com o único desejo de que o deixassem em paz. Chegou um dia porém, em que á costumada solicitação, ele, executando maquinalmente o mesmo gesto de sempre e não encontrando nada dentro da gaveta, respondeu tranquilamente—*Acabou-se*. E continuou a lêr.

A mulher, nervosa, inteligente, e conhecedora da alta competência literaria do marido, não perdeu tempo em fazer exclamações e correu a inscrever o nome de Pedro Seixas num concurso que se encerrava nesse próprio dia para lente de Literatura não sei em que escola official de Lisboa. Foi o bom

do meu tio avisado da hora em que deveria comparecer ás provas públicas desse certamen de que tirou o primeiro lugar com admiravel e superior brilhantismo. Foi preciso que a ultima libra esterlina tivesse rolado do seu bolso para o abismo do incognoscivel para que o seu saber fosse útil á sociedade em que vivia.

Esperemos que não seja igualmente necessário o vêr desaparecida a ultima árvore das nossas terras para correremos então a semea-las, com gesto vivo e alma esperançosa.

Vejo fabricar vidro. Um operario de bigode ruivo, fisionomia de austríaco, presenteia um dos meus amigos com uma bengala e a mim com uma caneta de cerca de cinquenta centimetros de comprimento! Alem disso ainda os directores me presentiam com os seus mais vistosos vasos para flores.

— Será preciso vêr mais fábricas?

— Sim! Vamos agora a uma de bonbons, que derrama doçura por todo este Brasil, e depois a uma de perfumes habilitada a rivalizar com a do próprio Houbigant!

E assim aconteceu. Em todas a mesma actividade, as mesmas comodidades e bôas instalações, em todas muitos operários, ar de riqueza e as mesmas flores e caixas atadas com fitinhas em lembrança da nossa visita. Não se pôde ser mais gentil, mas sinto-me cansada. Terei febre? Suponho que sim. Recolho-me mais cedo esta noite e ao adormecer revejo a linda figura de uma rapariga trigueira, de tranças negras, pendidas á moda cigana, e que na fábrica de tecidos tomava conta do seu tear.

A séria e singular expressão dessa operária formosa e moça impressiona ainda a minha imaginação.

XVI

E' manifesto o gosto dos estofadores portalegrenses pelo verde burocrático.

Em muitas das salas em que tenho entrado é essa a côr que predomina nos acolchados das cadeiras e nos reposteiros das portas. Estender-se ha até a essas particularidades íntimas de interior a influência positivista do Sr. Dr. Borges de Medeiros?

Diz-se que o verde é uma côr repousante, benéfica á vista e de bôa combinação com outras nuanças, segundo nos ensina a natureza dos jardins, e, se nem sempre consegue em sofás e banquinhos de pé exprimir a mesma harmonia sorridente é quasi sempre discreta, e muitas vezes acomodada a severidades de estilo.

Chloris! deusa das flôres e consequente-

mente dos matizes, que importancia no conjunto das cousas que observo póde ter este traço aparentemente tão insignificante? Tu bem o sabes, tambem eu adoro a maravilhosa côr das árvore de que ando apregoando o plantio por montes e vales.

Goethe, ao morrer, pediu — luz, mais luz! — eu peço — sombra, mais sombra! — sombra benigna que proteja a nossa terra querida das ardentias do sol e faça entumecerem-se os veios de água cristalina e pura no seio das nascentes criadoras. Sombra, mais sombra!

XVII

Água pura. água cristalina onde encontra-la?

Desde que cheguei ao Rio Grande do Sul ouço falar em tifo. Por isso, para a minha sêde só me aconselham Caxambú. Arruíno os meus hospedeiros submetendo-me a tão previdente conselho, mas seria levar muito longe o meu abuso se também me quizesse banhar em águas minerais!

Contudo, posto que prevenida não pude deixar de hesitar na hora do meu primeiro banho em Porto Alegre: — entro? — não entro? tal a côr encardida da água que enchia a grande banheira apesar das suas torneiras terem filtro.

Aprendi nesse momento de vacilação, que tanto se póde filosofar á beira de um

túmulo como ao lado de uma tina de banho. O aroma do imutavel cipreste funeral ou o da água de Colonia que refresca o ambiente de uma alcova balnear podem do mesmo modo sugerir indagações mentais e perplexidades dignas de Hamleto!

Teriam essas águas a doce virtude que os meus habitos reclamam, ou outras qualidades contraproducentes? Ser incolor e inodora, ou ser côr de âmbar, que me deveria importar se fossem os mesmos os seus predi-
cados? Qual seria a razão por que a vontade toda poderosa do homem não intervinha nessa questão de tão essencial interesse para a vida e a felicidade do povo, procurando ou outra água melhor para o abastecimento da cidade, ou melhorar a única de que se pode servir?

Seria esse um problema insolúvel? A sciencia moderna tem desvendado segredos mais complexos, mas nenhum certamente de maior interesse do que este de que depende a hygiene e a saúde dos habitantes de uma cidade, e cidade grande.

XVIII

Quem me oferecerá mate chimarrão?

Até agora ainda ninguém se lembrou disso. Pois eu tinha uma certa curiosidade por me vêr numa roda gaúcha em que se praticasse essa cousa típica e de que tantas vezes li e ouvi descrições, qual a de tomar chimarrão na bomba clássica e tradicional... Afinal fica a gente suspeitando de que tudo é literatura.

E' provavel que eu não gostasse do mate servido dessa maneira, como aprecio o chá preto que me dão aqui em chávenas delicadas e que em parte nenhuma do mundo póde ser melhor; nem mesmo em Ceilão; se é que em Ceilão não tomam por acaso de preferência o mate! E' provavel que não

tomem, porque nós não sabemos fazer propaganda de cousa nenhuma, nem mesmo a do mate, que seria fácil.

Quando pergunto pelos usos e costumes originaes do Rio Grande, respondem-me que elles só podem ser observados hoje em dia na *campanha*, como denominam o interior e o campo.

Em verdade, as capitais são todas parecidas quanto á sua vida e trato na sociedade. Quem poderia determinar a que país pertencia o lindo salão onde ontem passei tão bellas horas e que pelo seu mobiliário e adornos ecléticos, como pela maneira por que era dirigido tanto podia ser do Rio como de Paris?

A chuva tamborilava nos vidros das janelas veladas por cortinas de seda.

Nas doces profundezas de uma poltrona maiple, entre estantes de livros e jarrões de rosas eu ouvia o som de um piano na sala

próxima, admiravelmente dedilhado por uma formosa morena em sucessivas músicas de Chopin..

E a conversa era atraente, cheia das curiosidades do ocultismo e de impressões de literatura exótica.

XIX

Nem sempre as preferências de cada viajante, variam segundo as condições do lugar em que ele esteja. Ha alguns que ao visitarem uma cidade, a primeira cousa que nela procuram conhecer é o cemitério; outros só se preocupam com os museus; para a curiosidade de muitos nada ha como a rua, em que toda a gente passa e em que cada edificio ou mostruário de loja é uma demonstração do sentimento e da vida própria da localidade; para outros não ha o que tão grandemente lhes possa atrair a atenção como os teatros ou os jardins, as escolas ou os mercados. O mercado de uma cidade é quasi sempre cousa pitoresca e até certo ponto elucidativa dos gostos e dos habitos da sua população.

Quem leu — “Le Ventre de Paris” — de Emilio Zola, o escritor todo poderoso do romance, em que a natureza morta é reproduzida com pinceladas que só encontram parentesco nas dos quadros de maior realce do nosso grande pintor Pedro Alexandrino; quem saboreou essas scenas multicores que palpitam nas páginas do livro numa expressão flagrante de verdade, não póde deixar de considerar um mercado como um elemento indispensavel não só ao estômago cada dia mais exigente do homem, como tambem á visão cada vez mais original do artista. Pois qualquer colorista á espanhola, encontraria nos kakís que esmaltam de vermelho o Mercado de Porto Alegre, entre mirradas bananas e outras mais ou menos murchas frutas do norte, um elemento admiravel para alegres manchas e risinhos quadros de género.

O kakí, ou káki, como se diz aqui acentuando a primeira sílaba, é a fruta da estação. Japonesa de origem, cultivada no Brasil ha poucos anos, ela parece que em parte alguma se poderá dar melhor do que no Rio

Grande, a julgar pelos magníficos exemplares que tenho visto e saboreado. O valor deste fruto é sobretudo decorativo, é ele que põe uma nota alacre nas barracas dos mercados, agora mal sortidas de verduras e de frutos. A praça é asseada e está construída na parte baixa e comercial da cidade. Falta-lhe, como faltam em todos os mercados brasileiros, a graça da vendedora, a alegria petulante da mulher do povo, que assusta um pouco as senhoras mas que é sempre um elemento de pitoresco em conjuntos dessa natureza.

As Colónias do Rio Grande do Sul, de que toda a gente fala como sendo o que de mais curioso e de mais sugestivo ha a vêr neste Estado, despejam no comércio da cidade uma grande variedade de produtos, e bons produtos. São da colónia italiana de Alfredo Chaves os excelentes queijos de massa bem ligada e macia que figuram em vários taboleiros do mercado e dos quais um rapazinho

lava um deles com uma escova áspera sob a água corrente de uma bica.

Alem dos queijos, de cuja fabricação os italianos sempre gozaram de boa fama em todo o mundo, figuram tambem na praça, vindos da mesma próspera Colónia, suculentos presuntos e toda a espécie de sal-sicharia.

As colónias nas montanhas são os celeiros, as hortas, os pomares, e tudo mais que pode fornecer o alimento para a população do Estado. Elas são fontes de fartura de que jorra não só a abundância como a poesia de um encanto próprio, peculiar, porque reproduz cada uma delas, no campo serrano brasileiro, o tipo das suas respectivas nacionalidades. Engastam-se assim na terra rio-grandense, variando-a nos seus aspectos e sistemas de cultura, pequeninos trechos que se diriam europeus. São pedacinhos de alma da Italia, da Alemanha, de Portugal, que, pela fidelidade ás suas tradições e ao seu sentimento natural continuam na terra americana, verdadeiro seio de Abrahão, a vida começada no outro continente.

Dizem-me todos que as Colónias são a parte mais pitoresca e mais variada do Sul; sómente, quando falo em ir vê-las, objectam-me logo que é péssima agora a ocasião para faze-lo; porque nesta quadra eu só encontraria nelas casas fechadas, frio, chuva e lama.

O frio, confesso, não me assusta nem mesmo desagrada. A provisão que eu trouxe no sangue do calor do Rio faz-me afrontar com bizzarria todos os rigores deste inverno; mas para o resto, concordo não valer a pena qualquer esforço.

XX

Decidi esta manhã ir surpreender o professor Augusto Luis de Freitas, na sua aula da Escola de Belas Artes, no segundo andar do Conservatório de Música. Encontrei-o rodeado de discípulos a circular de cavalete em cavalete, na afanosa e simpática actividade dos mestres esforçados.

No silêncio atento da sala, meninas e rapazes copiavam o gesso clássico do Apolo e das Venus consagradas, ainda sem forças para arcarem com as dificuldades do modelo vivo. Mas não tardará o dia, dizia-me o mestre com um raio de entusiasmo a tremeluzir-lhe nas pupilas, em que os meus alunos comecem a trabalhar do natural. Possam eles então encontrar sempre bons modelos, o que constitui um dos grandes escolhos dos pinto-

res no Brasil. Ha muito pouco quem se queira sujeitar aqui á profissão de pousar nos atelieres para estudos e quadros. Vencidas as primeiras difficuldades, os meus alunos farão milagres porque são intelligentíssimos e pertinazes. E' admiravel a applicação da vontade destes moços e destas moças.

Tenho em todos a maior esperanza.

Eu não esperava ouvir tanto. Nem supuz nunca que numa cidade em que faltam ainda os principais elementos propulsores do gosto artístico, quasi sempre formado pela observação e inspiração de obras dos Mestres, pudesse haver já tamanho ardor no estudo do desenho. Um ambiente de arte não se fórma de um dia para o outro; assim, todo aquele esforço que eu estava presenciando era o desabrochar de um ideal luminoso, mas que tão cedo não poderia ser completamente realizado, a não ser

“— A não ser, disse o mestre como se tivesse lido em meu pensamento, que o Rio Grande possa manter os melhores destes discípulos na Europa por prazo indeterminado, organizando um grupo de artistas que venha

depois para a sua terra transmitir a outros o que tenha aprendido. Uma andorinha só não faz verão.”

Criatura que volte fascinada pelos esplendores do velho Mundo, cada vez mais velho e por isso mesmo cada vez mais belo, e não encontre na pátria quem tenha vibrado ás mesmas impressões e no irradiar os seus estudos e pensamentos não veja quem o secunde, apoie e acompanhe, sentir-se ha como no deserto e perderá o ânimo para o trabalho criador

E criar uma arte regional, é quasi um dever neste Estado, um dos mais típicos da União. Ele deve por isso acoroçoar os seus artistas, favorece-los, acenar-lhes com prémios compensadores para que, nas suas telas ou nas suas estátuas como nas páginas dos seus livros, resplandeçam todas as qualidades físicas dos seus filhos e toda a graça pitoresca dos seus costumes.

XXI

Ha dois lugares que ninguem visita sem sentir o coração coberto por uma grande sombra: o Hospicio dos loucos e a Correção. Casas de alucinados, elas inspiram uma piedade mesclada de receio. Ir-se ha entrar em uma cela de homem ou numa jaula de féra? A féra ao menos é um perigo que não póde ser encarado senão de um modo; mas os outros. os outros! Ah, os infelizes, com que amargura os vê quem considera o espírito e a liberdade como as mais peregrinas e legítimas glórias da humanidade! No manicómio, como no cárcere tudo é doença, tudo é desgraça. Essa persuasão, que a sciencia moderna divulga e o meu instinto aceita como a única verdadeira, faz-nos doer

ainda mais na consciencia a curiosidade com que procuramos olhar de relance para a mão que matou, como se esperassemos vêr nela ainda um pouco do sangue que fez correr.

Depois, fica-nos ainda a pungir na memória a idéa de que o criminoso tenha percebido esse movimento fugitivo, mas terrivelmente evocador.

E' sempre doloroso visitar prisões a quem não tenha o dom suavíssimo de saber transmitir em palavras que dulcifiquem ou que esclareçam, um pouco da piedade luminosa com que o sol cá fóra espalha por todos ir-mãmente o seu manto de luz.

Ser santa! se eu o fosse como as dos séculos da Fé sem jaça, diamantina e pura, não deixaria nunca de percorrer as lôbregas galerias onde os criminosos se aglomeram, para com a maciez dos meus dedos, a meiguice da minha vóz, o resplendor da minha auréola e dos meus olhos tristes, transformar-lhes os rancores em esperanças, as idéas sinistras em pensamentos pacíficos e criadores. E isso tudo eu faria por considerar

que não ha na terra maiores desgraçados do que os criminosos.

Assim eu tinha dito aos meus amigos quando os vi mandar abrir deante de mim as portas da Correcção de Porto Alegre. Já que eu queria vêr tudo era indispensavel que visse tambem aquilo.

Entrei. Num páteo empedrado vi soldados e homens vestidos de pijamas ás riscas de côr vistosa. Contenho o meu estremecimento deante daquele uniforme e deixo-me conduzir ao escritório do director do estabelecimento: Sr Coronel Frederico Ortiz. Em poucos minutos esse cavalheiro, de fino trato, faz-me compreender que não estou em frente de um carcereiro á maneira medieval, e como ha tantos ainda, mesmo nos países mais civilizados, mas deante de um homem de teorias modernas, idéas avançadas, e sentimento humanitário. Respiro.

Uma das minhas últimas leituras antes da viagem tinha sido o *De profundis* de Oscar Wilde, livro em que uma lôbrega e imunda moradia de sentenciados de Londres é descrita pelo seu antigo habitante com mais fel do que tinta. Embora o espírito moderno tenha querido modificar esses antros de tédio inútil em fontes de trabalho proveitoso e rehabilitador, o sentimento do livro inglês fazia-me crer que essa remodelação, esse saneamento moral, ainda está bem longe de ser exercido em todo o mundo, pois se no tempo de Oscar Wilde, que a bem dizer foi ontem, ainda havia na opulenta capital da justiceira Inglaterra uma prisão assim tão infecta, que serão ainda hoje muitas outras semeadas em países pobres e lugares ignorados?

Felizmente, ao percorrer esta penitenciária de Porto Alegre, observo que ela parece mais uma fábrica do que uma cadeia.

Os ferros que rangem aqui são os das máquinas e não os das algemas. Ha por todo o edifício grande quantidade de oficinas, e tambem, valha a verdade, grande

quantidade de presos. O habito que teem geralmente no sul, de trazerem uma faca constantemente comsigo, na cinta ou na cava do colete, contribuirá um pouco para isso. Um instante de cólera ou de desvario converte ás vezes um homem bom mas impulsivo em assassino, se ele encontra facilidade de levar a sua fúria até ao extremo. A alucinação desses precipitados é menos mal-dosa do que infeliz. Por que não hão de as mães rio-grandenses empreender a campanha de desacostumar os seus filhos de um habito cujas vantagens não estão provadas e cujo perigo é sempre tão vivo e ameaçador?

O número de mulheres encarceradas na Correção de Porto Alegre é relativamente pequeno, só dezassete. Embora mais ignorantes do que os homens, elas são menos impetuosas, é esse dom da reflexão que as salva, o que não impede que as que por tatar ou por vício cheguem a ser criminosas, o sejam a valer. Entre os presos, alguns foram iniciados na senda do crime pela embriaguez sanguinária da revolução de 93.

O mal das guerras não acaba com elas, projecta a sua sombra para deante. Com que vôz será preciso persuadir o povo e os governantes de que as revoluções cruentas são escolas de barbaridades e de selvagerias, que só geram o mal?

Passo por um preso com o qual o meu olhar se cruza rapidamente. Nesse relancear tenho a impressão de ter olhado para uma pessoa inteligente. Confirmam a minha suspeita dizendo-me que esse indivíduo era um advogado, ou engenheiro de prestígio no momento de ser preso.

De mim para mim, no recesso da minha consciência, indago se o condenado processo da máscara não seria mais piedoso do que aviltante, em casos como este em que momentaneamente nos encontramos o sentenciado e eu.

Um mascarado é sempre um incógnito e isso vale mais do que fazer lembrar na face nua o estigma que a ensombra ou a enodôa.

Informam-me em uma das oficinas da prisão que já ali tinham feito um aeroplano, que um inglês levou para a Europa e que deve ter figurado num dos *raids* da guerra.

Não acham vocês que isso daria um admirável assunto psicológico para um romancista de pulso?

Imagine-se a febre, o anseio, o tremor de tantas mãos cativas, nessa fabricação de asas potentes, destinadas a cindir o espaço em vôos livres!.

Entre os prisioneiros ha dois irmãos negros, quasi crianças, que ainda em meninos assassinaram o pai adormecido. A terrível tragédia, que me arrepia a alma e a péle, clama pela necessidade cada vez mais urgente das Escolas para pequenos degenerados e delinquentes. Os senhores criminalistas já teriam dito a ultima palavra nesse sentido? Ignoro-o, mas desconfio que não. O problema terá certas complexidades mas não póde ser insolúvel e é sobretudo de absoluta urgência. Por serem adolescentes estes dois facínoras cumprirão

sentença até que se extinga o prazo da sua minoridade, como determina a lei. Sairão assim da cadeia para a sociedade dos homens livres em plena força da vida e exuberância da mocidade, mas sairão sabendo, o quê? Amando, o quê? Respeitando, quem?

A fazer girar entre os dedos uma faquinha de osso lavrada pelos presos, contamos o Snr. Director a curiosa e comovedora lenda da Rita Pires.

Senhora de fartos haveres e de rígidas idéas, firme nos seus princípios de intransigência e de severidade fez Rita Pires doação á sua cidade de Porto Alegre de um grande e magnífico terreno com a condição de que nele fosse construída a cadeia. Para dormir seus sonos socegados queria saber em baixo de ferro todos os ladrões da redondeza e algemados todos os malfeitores.

Ora aconteceu esta coisa espantosa: concluído o edificio de grossas paredes e seguras portas, a primeira pessoa que a Jus-

tiça se viu forçada a encarcerar lá dentro foi, — ó tristeza dos acasos da sorte! — o filho amado da própria doadora.

A' violencia daquele chόque terrivel e inesperado a pobre mulher succumbiu. Estalou-lhe o coração, morreu de tristeza.

Mas desde então, de longe em longe ha quem afirme te-la visto a horas caladas da noite a caminhar lavada em lágrimas por entre os muros da Correccão.

Com um chalinho vermelho sobre os ombros, a cabeça núa a reluzir na prata dos cabelos, um vestido caseiro a cobrir-lhe as fórmas magras, ela esgueira-se dos corredores para os páteos, passando rente ás sentinelas que estremecem de pavor, ou penetra nos cárceres mais resguardados, quedando-se a contemplar com infinita mágua os prisioneiros moços.

Uma vez mesmo, á clara luz do sol um official novo no serviço da Correccão e que não conhecia ainda a história da Rita Pires, mandou um guarda saber o que desejava ali uma velhota que ele via da janela, no ângulo de uma área interna. O guarda foi

imediatamente e voltou sem ter visto nem os vestígios de mulher alguma, ao que o oficial retrucou que isso era impossível, porque ele a vira no mesmo instante em que lhe dera a ordem; e por sinal que era uma velhota em cabelo e com um chalinho vermelho sobre os ombros magros.

O guarda desmaiou.

A alma triste da Rita Pires não se desprende da grande mágua que sofreu nesta vida transitória, e gira em torno a ela na eternidade como uma louca falena em torno a uma luz inextinguível.

XXII

Eram oito horas da manhã quando saímos de casa picados por um friozinho de apetite. Depois de sacudir-nos sobre as pedras das ruas, o nosso automóvel deslizou por uma longa e macia estrada para os lados de Viamão. A origem deste nome bemsoante formado por tres palavras, é attribuída a alguém que, ao descrever um ponto em que nas visinhanças de Porto Alegre descortinara a confluência de cinco rios, como cinco dedos abertos de que a mão era representada pela ampla baía do Guaíba, disse — Vi a mão. Pois infelizmente, eu não a vi. Parece que esse arrabalde tradicional fica muito afastado do centro, o que não se dá com o Instituto Agronómico a cuja

porta fomos bater. No género não sei se haverá algum mais bem instalado no Brasil, mas já será motivo de felicitações ao país se houver outros semelhantes em todos os nossos Estados principais. Gentilíssimamente recebidos pelos directores das respectivas secções, percorremos todo o grande edifício, assistimos a estudos e interessantes experiências nos salões de biologia, química, física e veterinária e passeámos depois por jardins e pomares em que as laranjeiras vergavam ao peso da fruta madura. Todas as outras árvores tiritavam.

Um dos directores do estabelecimento, que nos acompanha através das alamedas, relata-nos que dentro de poucos meses o Instituto começará a fornecer em larga abundância á cidade de Porto Alegre, leite de vacas sadias, continuamente inspeccionadas; leite puro, natural, pastorizado ou esterilizado, conforme a necessidade de cada consumidor. Será um novo elemento de saúde para o povo e de tranquillidade para as mães que não podem criar seus filhos. Em-

quanto conversamos os meus amigos assaltam uma laranjeira, que:

*esposa do Sol que a adora
Com que cuidados divinos
Curva ela os ramos agora!
Entre as folhas abrigados
Seus filhos, frutos dourados,
Parecem sois pequeninos.*

como diz o poeta da “*Árvore*”

E os meus amigos colhem astros doiro ás mancheias, com irreverência. autorizada!

Parece que o comércio das laranjas com as repúblicas do Uruguai e da Argentina, tem aqui certa importância. De modo que os meus bons e honestos companheiros não estão só a cometer o pecado da gula, estão também a lesar o Estado!

Hoje ao almoço comi perdizes. Ha muitas e deliciosas no Rio Grande. Como

as perdizes são aves de campo que se aninham no chão, tais quais as galinhas, e faceis de caçar, e como não faltem campos para estas bandas, nós saboreamo-las frequentemente ás refeições.

Eu tenho muita pena delas, coitadinhas, mas como não fui eu quem as matou. Não; que ao menos esta culpa não pese na balança com que na hora definitiva eu possa ser julgada. Matar? Nunca! Mas prevalecer-me da maldade dos outros. porque não? E entretanto, com franqueza, eu preferiria, como os nossos ancestrais em Darwin, encontrar sempre para a minha fome de bôa saúde, e de frugívora: — uvas, pêssegos, figos, abacaxis e mangas. .

Se me lembrei de ti, perguntas-me. Pois nunca tão vivamente como ontem, quando á hora em que o sol se faz de veludo, entrei no grande Club Lawn Tennis de Porto Alegre.

Magnificamente situado, este club tem

os seus cortes, a que aqui chamam canchas, vastos, simétricos, cercados por bonitas paredes de bambús. Do alto de uma varanda enredada de trepadeiras e que domina todo o recinto eu via-te reproduzida em cada *cancha*, como por uma combinação de successivos espelhos, nas lindas meninas que de *raquette* em punho aparavam ou sacavam com destreza e graça as bolas do jogo. Tu que és doidinha por esta espécie de *sport*, que tão bem cultivas, com que vigor perguntarias aqui o teu — *Play?* — no afago deste clima propício e pela colaboração das tuas gentis parceiras, ás quais caberia, naturalmente, o vitorioso grito de — *Game!* — Porque, minha amiguinha, se os meus olhos não se enganaram, estas pequenas d'aqui ainda jogam melhor do que tu. Estou a vê-te responder-me:

— Será possível?!

XXIII

Sentemo-nos para descansar num dos bancos da Praça da Harmonia, sítio um tanto abandonado, suponho mesmo que mal frequentado, mas onde vejo as mais belas árvores da cidade. Estas sim, parece terem alguma cousa para dizer, segredos antigos que as espiritualizam e fazem vontade á gente de os adivinhar. Estão plantadas á beira rio, uma delas deixa pender sobre as águas um dos braços fatigados. Em noites de lua cheia este cantinho deve fazer lembrar a Judia de Tomaz Ribeiro. Nem a barca lhe falta, porque a bem poucos metros da margem vejo deslizar uma, suavemente. Aqui o poeta é o sombrio Ingazeiro que se debruça do alto sobre a corrente páli-

da do rio. Mas do seu rimário é que não ha tradução.

Olhando para as frondes deste arvoredor reparo que, desde que estou no Sul, não tenho ouvido cantar os passarinhos. Dizem-me que para isso seria preciso ir ao campo.

Não é portanto o rumor da cidade que os deva espantar, pois que no Rio, a pequena distancia das ruas barulhentas, visto que a nossa capital é positivamente a capital do ruído, eu tenho o meu jardim cheio de passarada. Será que o frio aqui os afugente? Não creio, porque se o frio é rude em um dia é logo no outro compensado pelo agasalho de um sol quente.

E não vemos em invernos muito mais rigorosos, na Europa, os pardais petiscarem na própria neve?

Seja porém qual fôr o motivo desta ausência dos passarinhos, só agora reparo, pela falta que deles sinto, quanto os meus ouvidos já se habituaram á sua voz.

XXIV

E' noite. A Federação Académica dá uma linda festa literária no salão principal da Faculdade de Direito.

Não ha um lugar vazio ; sente-se no ar o anseio das grandes espectativas: vão falar poetas, vae orar um moço de grande talento e fina cultura; abrem-se os ouvidos para o som delicioso das palavras de emoção e de arte, fulgura nos olhos o lampejo da curiosidade.

A' mesa, guarnecida de flôres raras, o presidente da Federação abre a solenidade literária convidando sucessivamente a falar os senhores Rubens Barcelos, Valdemar Vasconcelos e Jorge Olinto, o primeiro prosador, os dois últimos poetas.

Vibram ainda no ar, como sinos de oiro

em manhã clara, os finos conceitos literários de um e as encantadoras rimas dos outros, e já vejo voltados para o meu lado olhares interrogativos.

Não será precisa grande perspicácia para perceber o que se espera. Tremo, sorrio, esquivo-me, e pergunto do Íntimo d'alma ao grande Deus clemente por que não me teria Ele concedido a sublime graça, o dom, sobre todos os dons maravilhoso, da oratória e da improvisação. Ha muitíssima gente que não compreende que um escritor não seja também um orador, pelo menos sempre que isso lhe seja preciso, assim como não se convence de que um poeta não saiba escrever em prosa nem que um prosador seja incapaz de escrever em verso. Entretanto assim como ha escritores que jamais venceram a sua timidez rompendo a improvisar alto e bom som em público, ha oradores a quem é impossivel escrever uma página no isolamento e no silêncio de um gabinete de trabalho, porque só ao influxo da multidão sentem o ímpeto criador das imagens e das ideias borbotar-lhes na imaginação. Já li

não sei onde, que só é poeta quem nasceu poeta, mas pôde ser orador todo aquele que o desejar ser, desde que tenha talento. Basta para isso aprender a dominar os nervos, educando a vontade e criando o habito de fazer discursos, quer aos seixos dos rios quer aos amigos da casa, vitimas mais infelizes.

Sofrendo pela minha falta de audácia, que me faz não dizer alto o que penso baixinho, lembro-me da minha boa colega parisiense, a cronista Séverine, única mulher que até hoje ouvi falar de improviso com verdadeira eloquência e superioridade. Os seus discursos são verdadeiras ondas harmoniosas em que as ideias passam boiando á tona, como flores vivas de colorido intenso. Toda coração, ela é bem mulher no sentimento com que trespassa as suas orações latejantes e luminosas.

Perguntei-lhe uma vez como tinha ela descoberto em si esse dom peregrino e tão raramente apreciado nas mulheres, tanto em França como no resto do mundo.

Já tinha a cabeça completamente bran-

ca, respondeu-me, o que nela succedeu aos trinta e seis anos, por efeito de uma forte emoção, quando uma vez, acompanhando um morto ao cemitério sentiu á beira do túmulo todas as suas lágrimas se cristalizarem em palavras, que lhe saíam irreprimivelmente da garganta. Ignorara até então que possuía essa faculdade poderosa e brilhante e que hoje os seus amigos e os seus admiradores não deixam permanecer em paz. Sempre que ela, a bondosa Séverine, aparece num banquete, ou outra festa qualquer, ha vozes que reclamam e mãos que se agitam pedindo-lhe que fale.

E ela fala sempre, com o mesmo vigor, a mesma clareza, a mesma bondade, a mesma perfeição.

E aí está um caso em que o orador não se fez a si próprio, pelo domínio da vontade e de uma cultura tenaz e bem orientada, mas que o era de nascença, embora o tivesse ignorado até á idade madura.

Por desventura, as repetidas emoções por que tenho passado na vida, não lograram produzir em mim tão lindo milagre.

XXV

Uma verdadeira colmeia borborejante de actividade útil, onde mil e oitocentas alunas estudam admiravelmente, guiadas por um professorado de notavel competência, a Escola Complementar de Porto Alegre! A casa, muito grande, parecia-me pequena para conter o imenso número de meninas e de moças que eu vi hoje espalhadas pelas suas galerias, salas e corredores.

Alguem que me acompanha, e tem deste notavel estabelecimento de ensino um conhecimento profundo, assevera-me que nele o estudo não representa, como em muitas escolas do país, uma simples formalidade, aparência illusória de instrução sem base séria, mas que nele se aprende de verdade, e se ensina com entusiasmo. Esta escola é

o verdadeiro viveiro de todas as outras do interior do Estado, a mãe benigna e fecunda que espalha por todas as povoações doces mestras esclarecedoras e amáveis.

Como o dia era de festa, não sei a que jardins de espantosa uberdade tinham ido buscar as rosas e as violetas que alcatifavam o chão, enchiam as jarras, transbordavam de todos os vãos, como se a inesgotável flora as fizesse brotar até do estuque das paredes, e das frinchas do soalho.

Ao fulgor da mocidade casava-se a toada das músicas. Noto, com prazer muito especial, que no Rio Grande do Sul gostam de cantar. Sempre que ha um pretexto para um hino, ninguém pede licença á casmurrice para o fazer ouvir.

No salão principal surpreende-me a maneira eloquente e torrentosa por que um poeta baiano e lente de pedagogia, Snr. Henrique de Casaes, estuda e critica a obra de um escritor patricio ali presente. Mais uma vez vejo manifestado assim esse fascinante dom da palavra, tão característico do torrão nortista de que o orador é filho,

Calado o poeta, rompem de novo os cantos. E' toda a alma da mocidade rio-grandense que vibra alegremente, desassombradamente, nessas notas de júbilo e de patriotismo de que mal posso dar uma impressão nesta página banal.

Banalidade. que importa! Este não é um livro de literatura; é, a bem dizer, um diário de impressões. A sinceridade é a sua virtude; o estilo a sua menor preocupação. Quem o lêr saberá que impressão causaram em um forasteiro no ano da graça de 1918, num dos invernos mais ásperos do Sul, as populações e as terras do Rio Grande, onde, ele mesmo, se voltar um dia, verá talvez tudo já de outro modo, e com outro espírito, tão vária é a vida e tão fulgurantes os contrastes que o Tempo imprime ás coisas em cada uma das suas passadas vertiginosas.

XXVI

Ouço falar do — Roseiral de Servita, — e tenho a sensação de que aludem a uma página bíblica. Mas não; aqui a Serva de Deus é uma senhora rica, robusta, e que sabe fazer brotar da terra, não os verdes pomares de figos e de vinhas de que nos fala o Velho Testamento, mas principalmente as mais nervosas, modernas e perturbadoras flôres deste nosso século fantasista e sábio. Pois vamos nós lá a vêr esse decantado roseiral. Para que lado fica?

No vale de Terezópolis, a que melhor deveria caber o nome de — Vale da Graça, — tão gentil e suave é a sua curva e tão plácida e risonha a sua vegetação.

E' da minha parte atrevimento, agora que sei a quem se applica o nome de Servita.

escreve-lo sem o preceder de um cerimonia *d* maiúsculo. Perdoai senhora a irreverência e já agora, deixai que a sugestão literária me leve para diante na mesma confiança, tanto mais que nisso não vejo ofensa á vossa respeitabilidade de mãe de família.

Mãe? não me lembro bem se vi ou não vi filhas vossas na linda tarde em que vos visitei, mas se não as tendes de carne e osso, imaginemos que o são todas essas formosíssimas rosas que nasceram do vosso carinho e do extremoso cuidado das vossas mãos.

E já que tendes gosto e que tendes fortuna, duas circumstancias que raramente vemos no Brasil entrelaçadas, é bem possível que dentro de pouco tempo, e á parte qualquer sugestão alheia, esse doce recanto em que viveis e onde plantais as vossas roseiras com tão calculada simetria, reproduza aspectos feéricos como as desse famoso — *Roseiral de Bagatelle* — delícia das almas e dos olhos dos parisienses.

Que será preciso para isso?

Apenas uma viagem a Paris, na Primavera, e, ao voltar, trazer de lá um paisagista de jardins, especialista em rosas.

Aqui nem com a lanterninha de Diógenes iluminada a rádio, poderemos conseguir encontrar um homem que, aliando a arte do desenho decorativo ao conhecimento da imensa variedade de roseiras que existe no mundo, soubesse applica-las nos diferentes efeitos da sua architectura floral. A tentativa é cara, mas é bela, e como exemplo neste nosso país de indiferença seria então admiravel! No tempo da maior abundância floral, quando os festões rubros ou pálidos se balançassem em longas cadeias harmoniosas sobre os taboleiros rasos ou convexos, côr de oiro ou côr de açafão, róseos ou brancos do vosso belo roseiral, concederieis licença á gente da cidade para vir pascer os olhos em tamanha formosura, e com esse acto de generosidade não vos acusaria de vaidosa a vossa consciencia, mas ao contrario, vos felicitaria por prestardes um lindo serviço á vossa terra.

Disseminar o gosto por tudo o que encanta os olhos e eleva a alma, é dar á pobre humanidade sofredora um alívio divino.

Quantas vezes, eu que vos estou falando, sinto na memória, a propósito de cousa nenhuma, os perfumados e floridos quadros desse Roseiral de que vos disse o nome, e, só com essa visão do passado, em que as rosas de um dia se fixaram para sempre, tenho um minuto de fino gozo espiritual!

Mas já fazeis muito, cultivando como cultivais essas lindíssimas roseiras, que se estendem em filas pelos jardins da vossa quinta inesquecível, pelo que vos felicito, Senhora.

XXVII

Grande dia. Recebo aviso da secretaria do Interior de que o livro — *A Árvore* — por cuja adopção nas escolas brasileiras tenho quebrado as minhas pobres lanças, foi adoptado pelo governo para leitura das crianças rio-grandenses.

Estranha alguém que está a meu lado a minha satisfação e pergunta por que, tendo eu publicado tantos livros e entre eles alguns escolares nunca me dei ao trabalho de viajar por amor de nenhum deles e pela disseminação deste me mostro entretanto tão interessada.

Vejo que é preciso explicar-me:

O modesto volume que trouxe na minha bagagem e que escrevi com o poeta Afonso Lopes de Almeida, não representa para o

nosso espírito um motivo de glória literária que nos envaideça mais do que outra qualquer das nossas obras, nem é tampouco um trabalho que nos dê a esperança de nos enriquecer.

Com a sua divulgação o que desejamos, e desejamos com fé viva, é inocular na alma da juventude brasileira essa cousa que só poderá parecer frívola aos frívolos: o amor da árvore. O momento de se lançar essa sementeira deveria ter sido já ha quatro ou cinco gerações, e assim teríamos agora benefícios que não fruímos e não ouviríamos essa justa queixa que de todos os lados se levanta contra os devastadores de florestas e exgotadores dos mananciais, contra a pouca abundancia de frutas e outras faltas. Temos consciencia e certeza de que a nossa propaganda é útil, tanto que, se fôssemos milionários, distribuiríamos montões desses livros por toda a República; como isso não póde ser, e ninguem o lamenta mais do que nós, é forçoso pedirmos aos governos para que façam eles essa distribuição.

Ensinar a amar as aves e as árvores é

uma das preocupações mais veementes dos modernos educadores do mundo inteiro. No Brasil, que financeiramente depende tanto delas, pelas culturas do café, borracha, algodão, cacau e madeiras de lei, e onde, como em parte alguma, elas são tratadas com tamanho desamor e mesmo desprezo, uma propaganda em seu benefício não pôde ser considerada mera fantasia panteísta, mas um serviço de proveito nacional.

Na secretaria encontro a encomenda de dois mil exemplares “d’A Árvore”, que deverão ser espalhados por todas as escolas do Estado. Pedem-me também que esses dois mil exemplares sejam escritos com a ortografia antiga. A actual edição, de que deverei ter ainda alguns milheiros, é grafada com a ortografia reformada em 1911 pelos grandes filólogos D. Carolina Michaelis, Gonçalves Viana, Adolfo Coelho, Candido de Figueiredo e outros e sancionada no Brasil, pela Academia Brasileira

de Letras, que já antes tinha feito reforma quasi igual, tendo por fim eliminado as pouquíssimas divergências encontradas. De modo que a presunção é de que a actual grafia da nossa língua foi estabelecida e sancionada pelas maiores autoridades no assunto de ambos os países interessados.

Compreendo que sendo todos os outros livros adoptados nas escolas rio-grandenses, grafados pelo velho sistema, o meu só poderia criar confusão no espirito das crianças, e aceito a imposição, tanto mais que ela fôra alvitrada por mim.

Foi para chegar a este ponto, que reputo essencialíssimo, que introduzi neste livro estas notas particulares.

Ninguem pode duvidar que dentro de pouquíssimos anos toda a nossa gente se veja impelida a escrever os seus livros ou as suas cartas pela ortografia moderna official, e assim, porque não começarmos desde já a ensina-la ás crianças, poupando-lhes o penoso trabalho de estudarem duas vezes de modo diferente a mesma disciplina?

Que a conservem ainda os velhos, de tal

modo habituados ao seu uso que o não possam repudiar sem saudades, nem estudar outra sem penoso esforço, vá lá; mas impô-la a quem amanhã terá forçosamente de a renunciar para adoptar uma nova, é o que não me parece prudente.

Como em tal assunto fui sempre uma rebelde, e mais de uma vez esbravejei contra a intrincada floresta de tt; pp; ll; mm e nn dobrados e maiores complicações inúteis da ortografia antiga, aceitei a simplicidade e a clareza desta moderna com infavel satisfação.

Fora qualquer ponderação de ordem prática ou sentimental, que no caso não deveria ter cabimento, ha ainda a meditar sobre a inconveniência de querermos conservar uma coisa que já começa a parecer arcaica, cuja aprendizagem é tão difícil e em que nunca se alcançou unidade de vistas, sendo que cada professor ensinava a seu modo e cada escritor grafava como queria.

XXVIII

Senhor Deus, ter eu trabalho pelo que faço, vá lá! mas pelo que não faço, parece-me demais. E é o que me sucede agora por amor de uma célebre carta escrita pelo ilustre prosador Carlos Malheiro Dias, na sua popularíssima — “Revista da Semana” — e assinada com o doce e nacional pseudónimo de — Iracema.

Toda a gente aqui no sul acredita ter sido escrita por mim essa vibrante e patriótica página, o que, se me lisongeia a vaidade de profissional das letras, faz-me também passar às vezes por transes de bem esquisito embaraço.

A's pessoas a quem tenho dito positivamente, redondamente, não ser eu a autora

dessa peça epistolar que anda a percorrer o Brasil, com a minha assinatura por um desses mistérios que fazem a glória dos romancistas de folhetim, percebo um tão grande, um tão visível desapontamento, que chego a ter pena delas e de mim, porque no fundo das suas pupilas vejo com isso demorona-se o pedestal em que estava acente a principal razão talvez, da sua simpatia pela minha obra de escritora insistente. Mas ha tambem quem, demonstrando certa agudeza de perspicácia, atribua teimosamente a minha negativa a qualquer razão particular entre a minha pessoa e a “Revista” e não se queira dar por convencido da verdade.

Nunca uma página de jornal fez tamanho sucesso. Uma certa vez apresentaram-me a uma senhora muito inteligente e distinta que, tendo já adquirido todos os meus livros, mandou, para complemento da obra, encadernar luxuosamente todas as cartas de *Iracema*, onde mandou gravar o meu nome com todas as suas letras. Compreendo que a confissão peremptória de me não ter cabido

a honra da autoria desses escritos de tão larga e justificada divulgação, deva tel-a de algum modo desgostado, mas a decepção ficou atenuada pela convicção de que eles merecem o arquivo que lhes deu.

São poucos os dias em que eu não veja evocada diante dos meus olhos, como a homenagem de maior apreço, a lembrança dessa página, toda palpitante como uma bandeira ao vento, e ocasiões ha em que um desmentido implicaria numa incivilidade: é quando em festa pública um orador sacode essa carta sobre a minha cabeça como a obra magna da minha vida literária. Em tais situações calo-me, porque presinto quanto ele se sentiria acanhado com o meu esclarecimento, esclarecimento que eu aliás já tinha feito em jornais do Rio e na própria “Revista da Semana”, em carta ao seu abnegado autor

A complicação deste incidente repete-se muitas vezes em salas particulares e lugares públicos, em mesas de hotel e de vapores, e de tal modo, que um dos meus ami-

gos me fez prometer que deixasse passar o caso sem elucidação, para não desapontar ninguém na minha presença, deixando a exposição da verdade para depois. E' o que faço pela terceira vez em letra de fôrma.

XXIX

Vejam! o dia, todo feito desse macio setim azul de que só o tear dos anjos tem o segredo e engrinaldado por pequeninas nuvens brancas e côr de rosa, parece mesmo pintado por Wateau!

Na Estação do Riacho espera-nos o trem destinado a realizar o paradoxal serviço de conduzir uma carregação imensa de alegria para a — Tristeza. Tal é o nome do arrabalde que vamos visitar. Dizem-me que ele é acertado, por que o sítio é de uma melancolia plácida e sugestiva. Para contraste, no trem, que vai cheio de moças, ha muito riso, desse riso sadio que entra pela alma da gente como lufadas frescas de climas altos.

O que mais me encanta nestas moças do Sul, é a sua jovialidade sem artifício nem o estouvamento arrebatado que os figurinos americanos dos cinematógrafos têm espalhado pelo mundo e que por candura de espirito muitas criaturinhas copiam exagerando-lhes as atitudes arrogantes ou as frases de ultra moderna desenvoltura, que não são nem da nossa raça nem da nossa educação familiar.

Dir-se hia que este trem não leva mulheres, mas rouxinois. Vai todo fremente de música.

Sibila Fontoura, a pianista aplaudida dos salões, acompanha em uma sanfona, ou gaita como dizem aqui, o coro de vozes moças que entôa com doçura *A Saudade do Gaúcho*, e outras cantigas regionais.

De todos os nossos Estados o do Rio Grande do Sul é talvez o mais agarrado às suas tradições e o que maior valor sabe dar ao que tem em si de típico e de característico. Falta-me conhecer ainda muitas das coisas que constituem os mais vincados traços da sua originalidade, porque tenho tido

por enquanto uma vida exclusivamente de cidade, e as cidades têm mais ou menos os mesmos costumes, o que as torna parecidas entre si.

Sinto-me entretanto penetrada pelo sentimento que faz este povo mostrar-se tão amoroso pelo que é seu.

Parado o trem, e pascido o olhar pelas devesas socegadas da — Tristeza — eis-nos a caminhar por estradas mais ou menos curvas e enladeiradas para a Pedra Redonda, entre granjas silenciosas e vinhedos recentemente podados, de cepas curtas e retorcidas.

Decididamente eu preciso voltar ao Rio Grande no tempo das vindimas, quando as verdes parras abrigarem na delicadeza da sua sombra os cachos retintos das uvas saborosas.

Chegada a estação da maturidade da fruta também aqui o amigo Dionisios en-

contraria motivo para o transbordamento da sua alacridade. Por estes campos agora transfigurados pelo sono cataléptico do inverno na apparencia da morte e que despertarão na Primavera todos floridos e cheirosos, zumbirão abelhas em torno aos bagos de que o vinho escorre e voarão as aves ao brando calor do sol. Toda esta terra é criadora da força, fonte do sangue puro e que não cheira a carne, sangue espumante da fruta transparente e doce. Os tres graus abaixo de zero, acompanhados de ventanias rudes, mudaram o aspecto de tudo, menos o das pedras. Ah, essas.

Na margem areenta do rio, uma bonita praia em que as águas morrem em recortes de ondas pequeninas, ha, entre várias pedras de formas mais ou menos interessantes, uma que tem o feitio de um porco alentadíssimo, de largas orelhas pendentes e focinho estendido.

A doce e piedosa Mãe Natureza, na previsão de que nenhum escultor de génio se quizesse ocupar nunca com a modelagem de animal que enquanto vivo é tão repudiado pelo homem, tratou de o consagrar em uma escultura a que não falta expressão nem harmonia mas apenas a usual inscrição em caracteres convencionais. Essa será feita um dia, quem sabe, por algum boémio ou poeta gastrónomo que, á feição de Charles Monselet, saiba cristalizar a eloquência da sua gratidão pelos excelentes paíes e presuntos dos seus almoços num verso, pelo menos tão entusiasta como o célebre :

“Adorable cochon, animal roi, cher ange!”

do curioso vate francês.

O mundo entra em uma nova éra — a da Justiça. Os seres e as coisas mais humildes e desprezadas pela humanidade até este momento, porque não hão de esperar, — se não recompensas, — pelo menos um pouco de simpatia e de respeito?

Em tal caso, confessemos que, as que a arte proporciona são ainda as mais fáceis!

Dansa-se.

A' sombra azul de um bosque de figueiras bravas, mesmo á beirinha d'agua, as moças fazem ronda ou serpeiam de mãos dadas na *Polonaise* por entre os troncos das árvores.

Transporto-me a tempos idos. Em vez do som das frautas de pastores idílicos, os que fazem vibrar o ar sossegado deste dia excepcionalmente luminoso, saem dos pistões soprados com valentia por fortes soldados da Brigada Policial.

Acredito que estes sejam mais afinados e senhores de repertório muitíssimo mais vasto, o que é uma compensação!

Relembro quadros de museu: — não são menos graciosas do que as Driades estas deliciosas criaturinhas que vejo voltearem sobre tapetes de folhas mortas entre colunas vivas de arvoredos, com um sorriso nos lá-

bios, as faixas ondeantes e pinceladas de sol na carne moça.

Está escrito, pela mão enigmática do Tempo que as horas de alegria têm de ser curtas. O dia vôou e extingue-se agora entre pompas crepusculares. Todo o horizonte arde numa candente barra de ouro chamejante. E' uma glorificação á tarde que acaba ou á sombra, que aí vem?

XXX

Se o meu instinto não me ilude na percepção vaga com que me faz sentir indeterminados influxos, suspeitarei que em politica os partidos estão aqui muito mal equilibrados: ou ha fanatismo pelo governo, ou uma reserva muito especial no lhe comentarem os actos, como se pelo debate das suas opiniões pudessem os próprios particulares temer consequências desagradaveis. E' possível que eu esteja enganada, mas tambem é possível que este excesso de prudência ou retraimento, seja ainda um residuo da revolta de 1893 e 94, que tanto fez soffrer a população deste Estado e ensinou aos seus filhos que um dos preceitos da guerra é que se deve desconfiar das próprias paredes, porque tambem elas teem ouvidos.

XXXI

CACHOEIRA

Que frio! Puxo o agasalho até as orelhas, bafejo as mãos através das luvas grossas e encolho-me num cantinho do vagão que me leva da capital do Estado á cidade da Cachoeira.

Está ainda escuro e já são seis horas quando o comboio abala e parte. O caminho de ferro é de bitola estreita e a locomotiva puxa os carros com lentidão. Colo o rosto aos vidros da janela, no desejo de apanhar em flagrante o despertar do loiro dia no seio negro da noite, e a primeira coisa que diviso no lusco-fusco da madrugada, é um fiosinho alvadio, traçado ao correr da estrada entre o campo e o leito dos trilhos. Percebo pouco a pouco que essa linha pálida

é uma sargeta de água gelada e sinto certa curiosidade em olhar para ela, tanto a sensação de vêr neve é agradável á gente tropical. Aliás esse modestissimo fio branco que se desfará aos primeiros raios quentes do sol, tem o poder de transportar-me a certos dias distantes, em que atravessei os Alpes numa verdadeira sinfonia de alvuras. Enquanto não ha claridade que me permita descortinar o que ha lá fora, viajo pelo mundo que trago espelhado dentro de mim e ao qual a saudade imprime um encanto muito sedutor. Mas não demora muito a acender-se a luz da manhã; começa esbranquiçada, coada em neblinas opacas até fazer-se brilhante e lúcida.

Vejo agora paisagens plácidas, vastas e sucessivas campinas de um verde descorado, bordadas aqui e acolá por pequenos bosques, ou capões, como dizem aqui, de arbustos tufosos, de tom denegrido. Por vezes são tão bem organizados, tão bem dispostos esses agrupamentos de plantas espontâneas, que os diriamos ali semeados por atilados e sábios paisagistas ou architectos de jardins.

O horizonte foge-nos diante da vista. E' a imensidade verde, clara, por onde sem rugas nem soluços serpeia um rio azul, do qual aparecem trechos aqui e alem. Nunca vi tanto ceu, nunca senti tanto ar, nunca afoguei os meus olhos em tamanha claridade!

O dia fez-se admirável.

Parece-me estar debaixo de uma descomunal copa florida de Jacarandá.

No banco em frente ao meu vão duas lindas meninas de dezoito a vinte anos. Vestem-se carinhosamente de igual. E' um costume este que se tem perdido nas sociedades modernas, em que as criancinhas ainda são de mama e já timbram em ter o seu gosto peculiar e uma personalidade inconfundível, no desesperado esforço de destaque que alanceia as almas e que só por si não consegue dar a ninguem um vislumbre sequer de originalidade. Esta submissão, esta comunhão de gostos, faz-me olhar para as minhas companheiras de viagem com curiosidade. São filhas de um estancieiro de São Gabriel e viajam sós. Esta circunstância tem uma significação agradável, porque só

nos países civilisados as meninas podem viajar sózinhas.

Depois de exclamações de surpresa e de abraços efusivos, dois passageiros que se encontram no trem, encetam uma palestra de sabor regional. São ambos gaúchos, um médico o outro lavrador na vizinha republica do Uruguay. Fala este das suas terras e das leis agrárias desse país com visível entusiasmo.

Desespera-o a rotina brasileira. Aponta para os campos que vamos ladeando, com certo ar de desprezo; acha-os mal aramados, com poucos fios e postes tortos e desiguais. Parece-lhe um contra-senso a liberdade concedida no Rio Grande ao lavrador, de cercar os seus terrenos com tantos fios quantos lhe dêem na vontade.

No Estado Oriental, cada estancieiro é obrigado, por lei, a fazer os seus cercados com dez fios pelo menos, de modo a que por entre eles não possa absolutamente passar, nem mesmo de rastos, um simples guara-

chaim ou cão ovelheiro. Aliás a praga dos guarachains é lá quasi desconhecida, e em matéria de raça de cães, só admitem no campo a do pastor. Toda essa malta vagabunda de canzoada ladradora que aflige aqui os cavaleiros, não seria lá tolerada. Entre nós os aramados são constituídos por cinco a sete fios, sendo ainda que os nossos postes são muito mais espaçados do que os do Uruguay, que são fincados em intervalos muito mais curtos e bem determinados. Em conclusão: lá, essas cousas não ficam ao livre arbítrio dos proprietários, mais ou menos económicos, entretanto ninguem se queixa e todos ganham dinheiro. Ele está rico; sente-se feliz; só o impaciente a longura das viagens quando de além das fronteiras tem de vir visitar a familia a Porto Alegre.

Quer-me parecer, por esta amostra, que o Rio Grande do Sul, como aliás todo o Brasil, precisa de boas estradas de ferro. E nenhum dos nossos Estados as pode construir com maior facilidade, graças a não exigir o seu terreno custosas obras de arte.

No correr da conversa oiço dizer ao

moço loquaz, que além de agricultor parece também engenheiro e bom conhecedor de toda a região, que se poderia viajar desde a fronteira por essa mesma estrada até á capital, na terça parte do tempo. Olhem que já seria uma diferença a considerar, para quem não dispõe ainda dos aeroplanos! Agora que eles não tardarão por aí, não sei se valerá a pena exigir muita coisa das estradas de ferro. O moço acha que sim, faz considerações apreciáveis sobre as vantagens de se baratear e facilitar o transporte de mercadorias.

A' parte o gado, são o milho, o feijão, o arroz, as forragens etc, que constituem, mais do que todas as fábricas existentes e por existir no Estado, a fortuna do seu erário. Este ficaria tanto mais abarrotado, quanto aos lavradores fossem permitidas todas as facilidades na exportação dos seus produtos.

Aqui, como em todo o Brasil, a mesma queixa.

Afoito-me ao frio e abro a janela.

A luz é fulgente; os campos desenrolam-se ainda e sempre em planícies largas. Em

nenhum deles ha solidão completa: animamos sempre um ser vivo, ao menos um cavallo, um touro ou qualquer outro animal, a pastar solitária e socegradamente.

Cachoeira está toda aninhada entre campinas e envolvida por um ambiente alegre e leve. E' uma cidadezinha que lembra uma criança que ri, de olhos pasmados para o esmalte azul dos céus e a vastidão dos horizontes; mas é uma criança que se fará depressa adulta, a julgar pelo que me dizem da sua prosperidade. Não tardará muito que a denominem — A Princeza do Arroz — ou de outra qualquer cousa, á maneira americana, e do principado ao imperialismo não mediará talvez grande numero de anos. Afinal, é justo que aprendamos tambem a andar depressa!

Nesta, como em outras cidades rio-grandenses, faltam ainda aperfeiçoamentos materiais, que a tornem confortavel, mas essa falta é perfeitamente compensada pela lhaneza e simpatia da sua população e por

um não sei quê, que enche a sua atmosfera de carinhosa jovialidade.

Quando ás onze horas da noite entrei no meu quarto, vi ainda a janela escancarada para a algidez da treva e do relento. Mal pude dormir: senti frio até nos cabelos que me pareciam transformados em fios de vidro quebradiço. Por que não adotarem no Sul o sistema europeu dos aquecedores em fogões fixos ou móveis? Seria um luxo que ninguém lhes poderia levar a mal!

De manhã, saio cedo. A rua está ainda guarneçada por cortinados de neblina. As pessoas que encontro apertam contra a boca um lenço que trazem amarfanhado na mão. Receiam que o nevoeiro matinal lhes faça mal aos pulmões. Uma delas, a quem eu fôra apresentada na véspera, vem a mim e exorta-me a voltar depressa para o hotel. Considera uma imprudência a minha caminhada numa hora em que só vão á rua os que teem por obrigação fazel-o. Pois supponho que tambem eu tenho essa obrigação e continuo no meu giro sob as lindas paineiras da grande praça central.

De volta ao hotel, entro, com o pretexto de qualquer compra fútil em uma das lojas por que passo, e verifico, com certa surpresa, que o seu comércio é exclusivamente feito por mulheres. O estabelecimento pertence a uma senhora que tem por empregadas as filhas e as sobrinhas.

Nada mais simples, nada mais natural; mas, como entre nós a iniciativa feminina é ainda vaga e tímida, este facto dá ao meu espírito uma agradável impressão.

Encho minha alma de azul, contemplando do alto do cemitério o panorama admirável e cuja vastidão sugere o desejo do vôo. Compreendo, como nunca, o ímpeto de velocidade dos “peões” gaúchos, atirando em galopadas a toda a rédea os seus cavalos embriagados de ar e de luz. No ambiente translúcido, sente-se tenuemente o cheiro vêrde dos campos, em cujas ondas suavísimas, se percebem de vez em quando pequeninos trechos do columbrino rio Jacuhy.

A caminho da Xarqueada do Paredão,

vejo com frequência ninhos do pássaro João-de-Barro como remates ornamentais dos postes das cercas e do telégrafo. Nesta terra de ventanias e de descampados é mais do que em qualquer outra admirável a habili-
dade architectónica desta ave singular. E eu nunca as vi em tamanha quantidade, pousadas de sentinela sobre as suas habita-
ções, a espalhar por todo o ermo a sua aten-
ção corajosa.

Tenho por companheiros de passeio, além de muitas senhoras, a mais conside-
rada professora do lugar, verdadeira mãe
espiritual dos cachoeirenses: D. Candida
Brandão, e o escritor Gregório da Fonseca,
que, por um acaso feliz, veio hoje de visita
ao lar materno. Casa-se assim á emoção
despertada por estas paisagens novas, o sa-
bor de uma palestra interessante.

O mau estado de uma estrada não nos
permite completar o programa do passeio
com a visita a um bosque de eucaliptos plan-
tado pelo médico dr. Baltazar de Ben, mas

as outras estradas permitem-nos excursões encantadoras.

Disse Bergson que uma paisagem pode ser bela, trágica, sublime, insignificante, graciosa ou feia, mas cómica — jamais. Seja qual fôr a atitude de uma árvore, o movimento de uma correnteza, a fôrma de um penhasco, a irregularidade de uma montanha ou de um vale, nunca despertam o sentimento do ridículo. Não creio, como o escritor, que o cómico exista apenas no que é humano, por que em todos os animais ha expressões e movimentos que excitam o riso, mas estou de pleno acordo de que essa impressão nunca foi comunicada a ninguém pela paisagem, que nem só os poetas como o amado Teócrito gostam de contemplar.

Não sei quantos quilómetros percorre o nosso automovel, que nos leva dos campos altos para o velho bairro da — Aldeia, — muito pitoresco, e depois, á porta de um engenho de arroz de grande movimento, á beira-rio.

Como pertenço a uma familia em que esse cereal goza de uma espécie de venera-

ção um tanto asiática, observo com especialíssima atenção a sua preparação através de tubos, peneiras, polidores, etc.

De volta á cidade tenho ainda tempo para visitar escolas, que são os templos da minha devoção. Mas á noite tirito, sob o acolhoado do edredon e de não sei quantos cobertores.

Parece-me agora estar fazendo parte de uma representação cinematográfica americana. O cenário conviria para um quadro da *Paramount* ou de outra qualquer empreza idêntica. Estamos em Ferreira, a convite do amavel engenheiro Dr. Serzedelo Mendes, director do — Serviço de Sondagem e Pesquisas de Carvão de Pedra e Petróleo — a duas léguas da Cachoeira.

A habitação do chefe, feita de madeira, está a poucos metros do lugar onde instalaram o maquinismo, cuja função é a de perfurar a terra por meio de uma sonda rotativa que a seu tempo revelará se existe ou não neste ponto uma jazida carbonífera.

Para consolação de qualquer possível desengano, sabe-se de ante mão que, se as pesquisas forem negativas nem assim os trabalhos ficarão perdidos. Eles virão a servir para a planta geológica do Estado.

Ao terminar o encantador almoço, oferecido pelo director na sua pequena *cottage* de trabalho, noto a propósito da presença de um pernambucano na roda, que, de todos os Estados, é Pernambuco o que oferece maior contingente de população ao Sul. A esta observação responde alguém que, de facto assim é. A própria magistratura do Estado está quasi toda em mãos de juizes pernambucanos, o que não deixa de ser curioso.

A's cinco da tarde — chá no Club Renascença. O salão amplo e florido está repleto. Muita *menina e moça*, muitas crianças, muita animação.

Em todas as cidades do Rio Grande do Sul ha clubs familiares de grande concorrência, o que testemunha a sociabilidade do povo. Esses clubs são em geral mais fre-

qüentados por senhoras do que por homens, arredados deles por outras fascinações.

O que vale é que a mulher rio-grandense não é só bonita, mas também vivaz e tão exuberante que sua presença compensa a desilusão de outras faltas e enche de animação a sociedade em que está. As de Cachoeira parece que não teem, nesse sentido, muita razão de queixa. Pelo menos hoje, vejo que elas teem com quem dançar. Não sei mesmo se nesta doce e amena cidade ha casas de tavolagem e *cabarets*, que são os rivais dos clubs familiares.

Em Porto Alegre, dizem-me haver nada menos de cento e oitenta desses antros de perdição, como se escrevia na linguagem romântica de outros tempos.

Ora cento e oitenta casas de tavolagem e *cabarets* em uma cidade que não é excessivamente grande, já é uma continha mais do que redonda: — redondissima!



Volto á capital pelo Rio Jacuí. O dia é desses de luz preguiçosa, e lenta transfor-

mação. As águas são mansas e nas margens o verde da vegetação tem uma nuance escura e uniforme. Ha melancolia nesta paisagem fluvial. ha mesmo muita melancolia, mas ha poesia tambem.

XXXII

PELOTAS

Desembarco em Pelotas sobraçando ainda as últimas violetas de Porto Alegre. Chego assim pela segunda vez á cidade mais aristocrática do Estado. Na primeira mal lhe pizei as pedras das calçadas, numa volta rápida. Terei agora vagar para apreciá-la melhor?

A Princeza do Sul, como a chamam, recebe-me com alegria: — brilha o sol nos céus altos.

Encontro amigos nesta terra amiga; entre eles o Dr. Bruno Chaves, que por largos anos exerceu na diplomacia brasileira os mais elevados cargos, e vive agora feliz no seu torrão natal, desenvolvendo a sua actividade de médico e de estudioso entre os

labores da Biblioteca Pública, de que é director, e os trabalhos do Hospital da Misericórdia, de que é provedor e chefe de clínica. Não se conformando com a ociosidade que para a conservação da sua saúde lhe aconselhavam os seus colegas, este homem de coragem e de acção, tendo cedido á necessidade de abandonar as preocupações do seu cargo de ministro plenipotenciário, deixou-se pouco a pouco empolgar por outros deveres menos ostentosos e mais profícuos. Enfeixando no seu querido lar objectos artísticos, que lhe recordam a sua passagem pelas principais cidades do mundo, ele não se quedou a olhar para eles de mãos cruzadas e expressão saudosa. Em quanto um homem tem a faculdade de poder ser útil aos outros, a sua inércia é um crime.

Assim o pensou e foi-se pouco a pouco enchendo de responsabilidades novas. A maior que tem é a de bem servir os pobres do Hospital da Misericórdia.

Escreveu ha pouco tempo uma das nossas sumidades médicas, o Dr. Austregésilo, quando de volta de uma viagem a Buenos Aires, que o progresso dessa grande capital está manifesto no modo por que ela mantém e dirige os seus hospitais. O coração de um povo espelha-se nas suas enfermarias para os indigentes. Nem é precisa outra prova: terra que tenha um hospital perfeito, é terra civilisada. Não faltariam outras manifestações de adeantamento físico e moral para bem impressionar o espírito do nosso compatriota na Argentina, mas ele fixou-se nesta como a de mais bela e altruistica significação. De facto, quando os homens só se interessam pela política, que lhes satisfaz as ambições; ou por especulações que os enriqueçam; ou por vaidades e gozos que afaguem as exigências do seu egoismo, sempre vivo e ansioso, esses homens trabalham menos pela comunidade do que para sí, embora o seu esforço, directa ou indirectamente faça construir belas cousas materiais e anime soberbas creações de arte, que a todos envaide-

cem ou inebriam. Tudo isso é inteligência, não é coração. Quando porém acima de todas as preocupações, o homem demonstra a de suavisar na humanidade o que ela tem de mais triste e de mais feio, — a doença, e leva ainda ás classes mais desafortunadas o conforto de uma assistência cuidadora e incansavel, então sim, atinge o que na civilização ha de mais perfeito, exercendo a caridade pela justiça, o dever pela fraternidade.

A Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, não é só uma casa feita para alívio dos tristes e em que tudo está organizado com inteligência e mantido com ordem, é também um hospital de expressão alegre. Póde parecer paradoxal dar-se esse epíteto a um lugar destinado ao sofrimento e á dôr, mas ele é perfeitamente cabível neste caso, e está nisto a sua principal feição de simpatia e de modernismo. Tudo nele é nítido, resplandecente, polido, sujeito ás regras de higiene a mais intransigente.

Ha plantas nos corredores, águas correntes nos lavatórios, tiragens de ar nas enfer-

maria, ramos de flores nos quartos particulares e, embora tudo me pareça ter sido já previsto e executado, falam-me ainda em projectos de novas instalações e no desejo de construirem pavilhões isolados, cercados por jardins.

Lamentam então a falta de terreno, que não permite ao hospital abrir ainda mais os seus braços caritativos. A mim, entretanto, parece espantoso que para uma cidade que á minha vista se afigura pequena, seja necessaria uma organização hospitalar de proporções tão vastas.

Um médico, a quem eu manifesto esta impressão, responde-me que para a cidade de Pelotas veem doentes de toda a parte do Estado, atraídos pela superioridade dos seus hospitais e da sua Santa Casa de Misericordia.

A ser exacta a teoria de que a civilização de uma terra póde ser julgada pelo modo por que ella socorre e ampara a sua população enferma, que se ha de pensar desta cidade?

Tinha-me dito a bordo um inglês, conhecedor do Brasil, de Norte a Sul, que em parte alguma deste país os homens se podem gabar de ter um club tão completo nem tão luxuoso como o Club Comercial de Pelotas.

Até parece feito por ingleses!

A opinião devia ter peso.

Na Inglaterra nenhum homem se póde considerar verdadeiramente *gentleman* se não puder gozar da prerogativa que lhe confere o seu direito de contribuinte para ir lêr o seu jornal numa *maiple* do club, em vez de o lêr na amiga poltrona familiar, ou perder dinheiro jogando cartas com os seus consócios, em vez de o não perder nas partidas do *pocker* caseiro. O club é assim para eles como que uma espécie de segundo *home*, onde teem os seus confortos sem terem maçadas, e as suas distracções, ás vezes bem terríveis.

Conheço um fidalgo espanhol, que troca Madrid por Buenos Aires, só para fugir do Cassino, o lindo Cassino da Calle de Alcalá, onde se tem arruinado várias vezes

de um modo absoluto. Na Argentina não joga. Nas praias de banhos e nas estações de águas onde toda a gente passa a vida na roleta, ele não joga; sabe resistir. No próprio Monte Carlo conseguiu sem heroísmo da vontade dominar a fascinação do pano verde; mas no *seu* club, entre a *sua* gente, todo o seu esforço de resistência é vão, sente-se na vertigem e atira-se para o abismo de corpo e alma. Depois de ter passado alguns anos em Buenos Aires, sem pegar numa carta nem tentar a fortuna do azar, voltou um dia a Madrid e logo nessa tarde, após uma volta pelo Prado, viu-se sentado no seu lugar do Cassino, tão naturalmente como se entre a última vez que ali estivera e esta agora, não tivesse mediado senão o espaço de curtas horas.

Este perigo das instalações confortáveis, póde existir no Club Comercial de Pelotas, cujos salões estão guarnecidos de mobiliário rico, tapeçarias e alfaias de luxo.

De resto, o bom gosto na organização de interiores, arte subtil e deliciosa, dizem ser um dos apanágios da sociedade pelotense,

que viaja muito, observa muito, e vive carinhosamente, como numa só família.

Terra de nomes e de fortunas tradicionais, com o seu character especial, uma acentuada pontinha de bairrismo e grande ardor patriótico, ela vibra toda agora na campanha nacionalista, propagada pelas palavras, cheias de mocidade, de Fernando Osório e Maciel Moreira, que se não cansam de escrever livros, folhetos e discursos, incitando a juventude a bem servir e defender a pátria. Teem estes senhores trabalhado muito para animar a organização do escotismo no seu Estado. Este esforço põe de pé diante de mim a figura de uma brasileira que fui conhecer em Paris, e que nessa capital dedicava todo o seu tempo ao estudo do que pudesse ser benéfico ao seu país.

Foi ela quem primeiro e mais activamente se interessou pela introdução do escotismo no Brasil, e isso mesmo ouvi num brilhante discurso feito pelo Dr. Bruno Chaves num sarau literário da Biblioteca, onde o orador se referiu ao nome de Jeróni-

ma Mesquita, com a distinção que ele merece.

Nestas páginas, que são apenas umas pequeninas crônicas de horas vividas á pressa, e em que procuro registrar o que vejo e o que sinto, quero deixar fixada a doce impressão que me causou ouvir falar, com justo elogio, de uma amiga ausente.

—

A semana corre ligeira. Assisto a festas animadas: quermesses; chás dançantes em benefício da Cruz Vermelha; partidas de *Tennis* no *Sport Club*, onde vejo reunida a fina flor da sociedade pelotense; passeios, visitas, recepções em que oiço dizer versos dos poetas do sul, e um adoravel almoço em que uma senhora de cabelos de neve e várias vezes avó, me conta com fino espírito alguns episódios das suas viagens, e cousas passadas em Roma com um nosso amigo comum.

De todas as brasileiras é talvez a rio-grandense a que melhor sabe guardar na velhice uma certa graça e uma frescura de

espírito que tornam a sua presença sempre atraente e agradável. Em geral, nós não sabemos envelhecer. Aceitamos como um estigma os sinais que o Tempo, com mão inexorável traça em nosso rosto. Humilhadas, tratamos de apagar-nos, como se tivéssemos culpa da transformação física de que somos victimas. Por essa espécie de pudor das rugas, em que a nossa vaidade se sente espesinhada, mais do que por qualquer outra razão, são raras as senhoras velhas que sejam interessantes, que tenham opiniões, saibam defende-las e encham de sorridente amenidade uma hora de palestra em um salão. E é tão leve e tão bonita, essa exuberancia de vida que prolonga até aos dias da maior decadência física, um clarão de mocidade intelectual e moral!

E' esta encantadora velhinha que me chama a atenção para o sabor especialissimo dos doces de Pelotas. Oh, um poema!

Estes, sim senhores, merecem todos os meus cumprimentos.

Não sei se por aqui houve conventos, mas se não foram ensinadas por mãos de

freiras, exímias na fabricação de guloseimas, caíram do céu para as cozinhas pelotenses as receitas destes papinhos de anjos, casadinhas fôfas e queijinhos de ovo, que tenho no meu prato e que são mesmo uma tentação!

Eu já sabia serem famosas as passas de pêcego, que nesta cidade se fazem como em parte alguma, mas para a delícia das outras complicações de ovos e açúcar é que não estava prevenida. Pois é uma especialidade digna de menção, não só pela maneira por que ela agrada á vista como pelo bem que sabe. ao coração.

Reparo que todas as pessoas íntimas da bôa sociedade no Rio Grande se tratam por tu. Fala-se, em geral, mais correctamente do que entre nós. Ha diferenças sensíveis no sutaque; mas o sutaque não importa.

A syntaxe é que é tudo. Eles aqui acham graça no que chamam: o *chiado do Rio*, e que é o som molhado dos nossos plurais.

Na sala em que estou, oiço a uma linda pelotense de dezoito anos dizer a outra menina da sua idade: — “Como estás tu? Esperei-te ontem.

— “Não pude vir mas aqui me tens hoje.”

Francamente, não foi muito mais bonito e cordial assim, do que se dissessem:

— Como está? esperei você ontem. ?

— Não pude vir mas você aqui me tem hoje?

—

A criada do hotel Aliança, em que me hospedo, vem dizer-me de manhã que os telhados fronteiros estão brancos de neve e se quero que abra a janela para os vêr. Digo-lhe que sim.

Ela escancara as vidraças com gesto trágico, persuadida de que me vai fornecer um espectáculo nunca antes presenciado em minha vida. Não posso retribuir a bôa vontade da bôa mulher com a exclamação de surpresa que ela espera, porque mal distingo uma espécie de neblinazinha errante sobre a superfície porosa e grosseira das telhas do

visinho; em todo caso tenho que conchegar ao corpo a roupa que me cobre. — Estão tres graus abaixo de zero, informa ainda a serviçal Maria.

Creio bem.

Este dia estava destinado a um passeio de automóvel pelos arrozais do coronel Pedro Osório, e a algumas visitas. E' o dia do adeus, o dia sempre melancólico, de partir

Uma telefonada avisa-me de que o máu estado das estradas impede a excursão aos campos do arroz. Desço então sozinha a passear a pé pela cidade. Como na primeira vez que nela pisei sinto ainda a falta da árvore, quer nas suas ruas quer debruçada de algum dos seus muros.

O hábito que temos no Rio e em S. Paulo de vêr vegetação, acostuma-nos os olhos á côr verde de uma tal maneira, que ela se torna para eles uma necessidade.

Como na Europa, as lojas principais estão defendidas do frio e do pó das ruas por portas móveis de vidraça. Empurro a de uma livraria e entro á procura de um ro-

mance português, de Aquilino Ribeiro, que ouvi elogiar e cuja remessa se esgotou dentro de poucos dias no Sul.

Estou na livraria Echenique, a melhor de Pelotas. Pergunto pelo movimento de livros na cidade. Respondem-me que se lê muito.

E' uma sensação animadora esta, que recebo em pleno seio, de brochuras e revistas abertas.

Lê-se, e lê-se principalmente na nossa lingua, o que é ainda mais admiravel.

A mania de só ler francês e de só achar bonito o que é escrito em francês, não contaminou ainda estes espíritos mais positivos e mais francos. Vagueio ainda pela cidade, até a hora em que deverei fechar a minha mala e partir

XXXIII

RIO GRANDE

Chego ao entardecer á velha cidade marítima do Rio Grande do Sul. Um cheiro confuso de terra húmida e de maresia espalha-se pesadamente pelo ambiente calado. Como o hotel que me indicam como o principal fica a pequena distancia da estação, sigo para ele a pé, por uma rua quasi deserta. Uma badalada de sino tremúla no ar e vem dizer não sei que segredos nostálgicos ao meu espírito que se retráe tristamente.

Por onde quer que eu ande, sinto falta em alguém que sabendo a fundo a historia e a crónica destas terras, de que é talvez uma das mais características esta em que agora estou, me faça notar o que nelas ainda possa

haver de original e de típico, visto que já agora no Brasil, só na paisagem logra um viajante encontrar certo motivo de novidade, tão semelhante é entre si a vida das suas populações, pelo menos no que essa vida tem de aparente.

Pois esta cidade do Rio Grande dá-me a impressão de ser um cofre de recordações. E' uma verdadeira terra maruja, onde comecem a aparecer contrastes. Sente-se que, em alguns pontos ela permanece como nos tempos da sua fundação, com ruas silenciosas e vielas sujas, em que a imaginação de um romancista, mesmo o mais moderno, poderia colocar em ambiente próprio as suas heroínas apaixonadas e submetidas a todos os rigores paternos: casamentos obrigatórios, idas para o convento e outras aventuras camilianas de raptos, envenenamentos, cartas empapadas em lágrimas, suicídios e toda a magna caterva de sentimentalidades descabeladas que abarrotavam os volumes de 1830.

Ao mesmo tempo, nesta mesma cidade, outro romancista igualmente verdadeiro,

poderia descrever quadros arejados, em ambiente próprio, á moderna, com cassinos de praia em que se joga; meninas á americana que andam sós; grandes estabelecimentos industriais frígoríficos que elevam para os céus profundos os seus vários andares de cimento armado, e clubs em que se faz excelente musica e em que se conversa muito agradavelmente. E' uma cidade quieta, provinciana, com hábitos burguezes e beatos mas que pelo seu novo porto e excelente cais, recebe agora em pleno peito todo o influxo, das civilizações distantes. A sua transformação será rápida, tanto mais que a sua população me parece muito inteligente, trabalhadora e sensata.

Como nas outras localidades do Estado, vejo-me sempre rodeada de mulheres amáveis e interessantes.

Ha entre estas uma, a bem dizer ainda criança, cuja cabeça loira de finos cabelos revoltos, faz-me pensar na noiva de David Coperfield. Sómente, que diferença moral entre a leviana Dora e esta criaturinha, que é já uma educadora, e que ensina, espalhan-

do com as suas mãozinhas de princeza desterrada, carícias sobre as cabeças das crianças pobres.

Como em todas as outras cidades passo horas aqui a visitar asilos e escolas; vejo as rudimentares; assisto a magnificas aulas no Ginásio; demoro-me a folhear livros na Bibliotheca Pública, a mais antiga do Estado e que dispõe, como a de Pelotas, de um bom salão para conferências.

E' bem expressivo isto de se encontrar em cada uma das principais cidades rio-grandenses uma biblioteca pública, grande e bem organizada.

E' noite. O carro que me leva atravessa um bairro baixo, que as chuvas inundaram transformando-lhe as ruas em rios.

Agora, passada a enchente, sinto que as rodas do veículo se vão afundando em lodo grosso até pararem em frente a uma casa fechada.

Hesito em bater, mas decido-me. Dentro de curtos instantes vejo-me numa salinha

agasalhada, em face das duas irmãs Julieta e Revocata de Melo, que ha longos anos cultivam sem desânimo a literatura, escrevendo livros e publicando regularissimamente um jornal onde comentam o movimento espiritual do país. Espanta-me tamanha energia e tão paciente tenacidade em duas pessoas idosas, de aparência tão frágil e ás quais as tempestades da vida teem sacudido por vezes brutalmente.

A natureza tem segredos curiosos e o destino das cousas outros não menos interessantes. Quantas e quantas revistas e jornais, criados entre nós com o bafejo de gordos capitais e de grandes nomes feitos nos maiores centros brasileiros, sossobram mal dão os seus primeiros passos na existência, e entretanto a modesta folha escrita por estas diáfanas mãos femininas, já cansadas mas não desiludidas, logra varar o tempo durante anos e anos, ininterrompidamente!

E' mais uma prova, e bem expressiva, da energia da mulher rio-grandense.

— Uma lenda? ora graças!

— Pouco mais ou menos, respondeu-me alguém pousando a mão no espaldar alto e esguio de uma cadeira acolxoadade sedas vistosas, e que figurava ao lado da mesa de trabalho do Sr. Intendente Municipal.

— Conte lá, que eu não perdi o costume de gostar de histórias.

— Isto representa um caso de simpatia e nada mais. Quando o actual intendente tomou posse do lugar, como os seus antecessores tivessem morrido em pleno exercício das suas funções governativas, a cadeira da Intendência Municipal começava a ser considerada pelo nosso povo como fatídica. Foi então que os portugueses da Ilha dos Marinheiros, localidade próxima de imensa prosperidade e intensissimo movimento agrícola, lhe ofereceram esta, para que o novo intendente, por cuja vida eles se interessavam, não sucumbisse á *guigne* da outra.

Ora, embora esta outra continue a servir, é justo que a cadeira votiva se conserve em lugar evidente no salão da Intendência,

como símbolo da bondade espontânea da alma popular.

— E essa Ilha dos Marinheiros?

— E' um grão de oiro; o mais fecundo de todo o Estado. Só a sua lavoura enche vapores e vapores de productos, que exporta para o norte e para as repúblicas do Prata. Alem de rica, a Ilha dos Marinheiros é um dos lugares mais pitorescos do Sul.

Impelida pelo movimento comercial e crescente do seu porto, que dentro de alguns anos terá transformado esta cidade laboriosa mas modesta, numa capital de consideravel importância, o Rio Grande se espreguiçará um dia até ligar-se a Pelotas por um bosque de pinheiros ou de eucaliptos que saneiem o solo e aromatizem o ar, attenuando ao mesmo tempo, tanto os malefícios dos terrenos baixos e enxarcados, como a brancura árida dos seus areiais.

Parece que esta ideia já flutua por entre os projectos de reformas, e de futuros melhoramentos municipais.

O grande impulso para a realização desses melhoramentos, além de ser dado pelo novo cais, será também movido pelos modernos frigoríficos, enormes armazens que uma famosa empresa americana está construindo e que, com as suas instalações para a matança do gado, para a exportação de carnes congeladas, couros, etc., vem substituir as tradicionais xarqueadas, que impestam o ar de mau cheiro e de moscas, elementos estes não só contrários á saúde, como ao conforto, á elegancia e á felicidade da vida.

Nestes frigoríficos, em poucos minutos o animal é reduzido a postas para bifes; a couro, para sapatos; a pó de osso, para adubo de rosas; sem que aos ouvidos de ninguem chegue o som maguado de um gemido, nem ás narinas o menor vestígio desagradavel ao olfato. Só isso, meus amígos, que benefício!

E' possivel, entretanto, que pelo menos nos seus primeiros tempos, essa empresa suscite uma certa crise no comércio do Estado. São os inevitáveis percalços das reformas radicais. porque os criadores, sabem-

do que os americanos pagam bem a sua mercadoria, bem possivelmente preferirão vender-lhes, a eles, o seu gado, e assim os xarqueadores brasileiros começarão a sofrer as desvantagens de uma concorrência de tão grandes proporções.

Passado o desequilíbrio do momento, caso ele se dê, concordarão todos na excelência destes novos sistemas de matança expedita e asseada.

O *frigorífico* que eu visito, edificado á beira mar, entre colxões de areia em que os pés se afundam, tem o salão da — Morte — no seu andar mais alto, talvez para que a alma do sacrificado suba ao céu com menor trabalho. Mesmo nos propósitos mais egoistas dos homens, póde residir um fundo de inconsciente piedade... Para não dar aos bichos a sensação, nem sempre agradável, do ascensor, nem os obrigar a subir degraus, ao que não se sujeitariam de bom grado, fizeram em aclave suave uma rampa que vai desde a praia até ao alto do edifício, para que os bois subam por ela sem resistência até ao patíbulo que os espera.

Tambem eu subí essa rampa, e, não di-rei que a subí com perfeita impassibilidade, porque tive pena dos pobres animais.

Mas estas cousas não se confessam em terras gaúchas, onde o hábito de vêr matar e carnear o gado, torna o acto da matança uma cousa perfeitamente indifferente..

Do salão da Morte descemos a outros salões e percorremos terraços amplos, em face do largo mar de um azul forte que o vento encrespa.

Ha mais de uma hora que não oiço ao redor de mim senão vozes inglesas. Dir-se ia que estou em um dos empórios industriais americanos, entre caras côr de lagosta e cabelos côr de milho, tantos são os operários desse país que borborinham por entre os blocos de cimento, as vigas de aço, e as grandes vidraças côrredias dos seus armazens e dos seus escritórios.

Atravessavamos o bonito jardim da Praça Tamandaré, quando parei, de súbito, vendo diante de mim a estátua de Bento

Gonçalves, toda destacada no fundo violáceo da manhã fria. O coração bateu-me no peito. Ha muito que eu não sentia uma emoção de arte, e creio que escandalisei com as minhas incontidas exclamações de entusiasmo os poucos pássaros que por ali se entretinham a debicar nos gramados tostados pela geada.

Já em Porto Alegre Filipe de Oliveira me tinha falado com emoção desta escultura do grande mestre que é Teixeira Lopes. Conhecendo a sua obra, e admirando nela tudo quanto de mais prodigioso, sugestivo e belo podem realizar o talento, o sentimento e a técnica de um artista tão excepcional como ele é, foi ainda assim no abalo de uma maravilhosa surpresa, como se a cousa fosse inesperada, que eu contemplei esse monumento, digno de uma bela, de uma grande capital de arte.

Em pé, no alto de um pedestal de linhas harmoniosas, o guerreiro Bento Gonçalves, fardado de general, aperta com o braço esquerdo, freneticamente de encontro ao peito a bandeira que toda lhe escorre

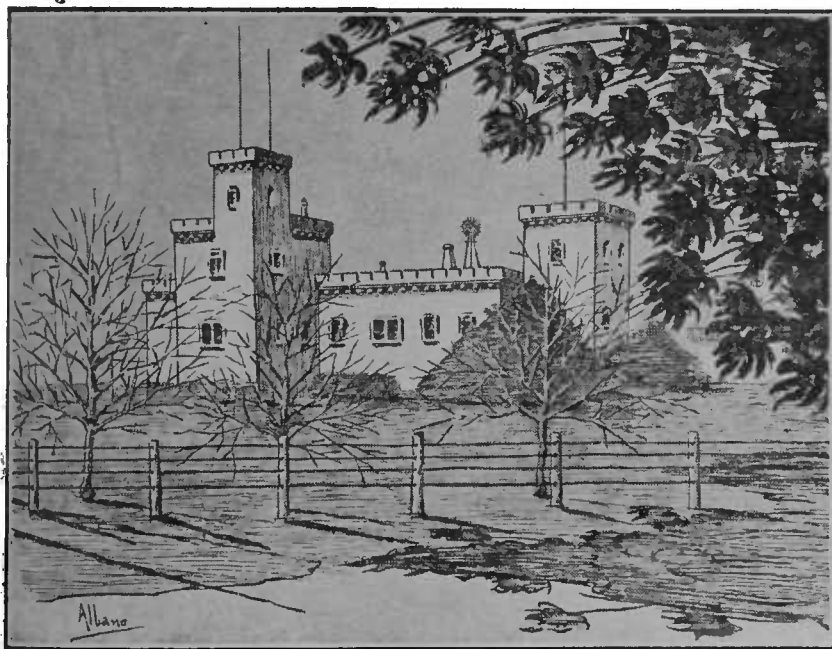
pelo flanco, enquanto com o outro braço estendido, segura na destra a espada nua, que se desenha no ar em linha oblíqua.

Ergue-se-lhe a cabeça num gesto altivo, sente-se-lhe a voz imperativa na boca aberta e fremente; todo ele é força viva, todo ele é vibração, todo ele significa; coração para amar, braço para defender, voz para aclamar a Pátria!

A seus pés, a meio pedestal, lutam dois formosíssimos leões, símbolos da Monarquia e da República. Esta está subjugada, mas não morta.

Sente-se-lhe na dureza do bronze o latejar da carne, a nervosidade da cauda, o desespero das garras crispadas e que fazem prever que de um instante para o outro, o papel dos lutadores possa ser invertido; o outro leão, em atitude ativa de rancor e de orgulho, pousa as patas dianteiras sobre o ventre do inimigo, e olha para deante com expressão de domínio e de ódio.

O escultor profético não dilacerou a fêra vencida; ela está por terra mas toda ela é vida que se contrai, que sofre, mas que es-



CASTELLO ASSIS BRAZIL.

pera. E o que ela conseguiu, todos nós o sabemos.

Bastaria esta hora de contemplação, que passou tão rápida mas que se cristalisou para sempre na minha memória, para me dar por feliz nesta viagem.

São raros, mesmo nas capitais mais artísticas do mundo, monumentos de praça pública que saibam aliar, como este alia, a harmonia á magestade e a expressão do sentimento á perfeição técnica da obra. Abençoado quem se lembrou de confiar ao artista, que é hoje não uma glória de Portugal mas uma glória da Europa, o que equivale a dizer do mundo, a execução de tamanha homenagem.

Pegam-se-me os pés ao chão; é pela urgência das circunstâncias que, fazendo violência sobre mim mesma, abandono o meu posto de admiração feliz. E até entrar no carro, ao atravessar a praça Tamandaré, volto a cabeça para vêr, enquanto posso, a estátua admiravel.

XXXIV

PEDRAS ALTAS

Muita gente terá inveja de mim, quando souber que já estive no castelo de Assis Brasil, em Pedras Altas. E terá razão. Rodeado por altas árvores e lindos prados da sua granja modelar, com as suas torres de pedra em ameias descortinando largos horizontes, esta linda residência senhorial, edificada e planejada pelo seu proprietário, com tamanho gosto e tanto carinho, traz-me á lembrança doces recantos da Europa, visões suaves do campo inglês ou da verde Irlanda. E esta impressão do exterior acentua-se dentro da sala de mobiliário severo, onde ha quadros originaes pelas paredes e arde o lume no braseiro de um fogão ladeado de

poltronas, em que a família reunida conversa entre si, freqüentemente em inglês.

Lá fóra o vento frigidíssimo vergasta a doce laranjeira carregada de frutas e plantada mesmo rente aos degraus da entrada principal. Nesta casa amiga de tradições, a querida árvore que lhe está á porta e de que é proibido tocar-se sequer num fruto, é a representação de um caso histórico da propriedade, e como que um doce símbolo da sua felicidade doméstica.

E, como em parte nenhuma do Rio Grande, encontro neste lar o amor pelas coisas, os usos e os costumes regionais.

E' junto ao fogão á europeia da sua sala, que eu tomo pela primeira vez mate chimarrão na respectiva cuia com bomba de prata, conforme o uso tradicional da terra, e que vejo lindas mãos femininas entrançarem com destreza longos fios de uma graminia para me mostrarem os vários modelos típicos do enastramento dos chicotes e dos arreios gaúchos, feitos com finas tiras de couro.

Durante o dia passeia-se, á noite conversa-se no abrigo quentinho da sala, enquanto uma das meninas canta e a dona da casa preside ao serão. O chefe da familia está ausente, passando uma temporada em uma das suas estâncias visinhas á fronteira. Tem de dividir o seu tempo pelas suas terras e divide-o com todo o rigor, porque a sua actividade física para o trabalho só póde ser igualada á sua capacidade intelectual. Com propriedades importantes em diferentes pontos do Estado, e dirigindo todas de modo superior, ele tem de repartir por elas a sua atenção, achando ainda modo de fazer, quando de passagem entre umas e outras, na cidade que lhe fique em caminho, conferências que elucidem e instruem o povo. Não cessa assim este homem de estudo e de gabinete, que por tantos anos foi um dos nossos mais brilhantes ministros no estrangeiro, e que é um dos nossos estadistas de mais larga visão, de lançar nos campos da lavoura e nos da intelligência a semente próspera da bôa cultura, com os exem-

plos das suas observações práticas e das suas idealisações.

Diz-me alguém que o vê frequentemente em acidentais encontros de caminho de ferro, todo vestido de linho azul que lhe faz sobressair o moreno da face e a alvura da cabeleira, com perneiras de couro amarelo até aos joelhos e largo chapéu de feltro, que, sempre que o ouve em momentâneas palestras entre uma ou outra estação da linha, abre bem os ouvidos na certeza de colher nesses momentos de acaso, qualquer cousa de utilidade para o seu pensamento ou para o seu trabalho.

Considera-o por isso um verdadeiro semeador de benefícios.

Na granja das Pedras Altas, não se conhece a preguiça. Informada de que as duas filhas mais novas dos donos da casa fazem madrugada para tratarem, elas próprias, dos terneiros das suas vacas Jersey, saio do

meu quarto mal vejo clarear o dia e vou esperá-las no jardim.

Pouco depois eil-as que chegam, com a sua faquinha gaúcha á cinta e o redondo chapéu de feltro a sombrear-lhes os rostos juvenís.

Acompanho-as na sua tarefa de boas lavradeiras, vendo-as mugir as vacas, desnatá-las o leite, preparar a nata para fabricação da manteiga, abrir o curral aos bezerros e levá-los para o pasto tangendo no ar uma varinha leve e assobiando de vez em quando ao gado experto mas submisso.

Quando escrevi o meu “Correio da Rocha”, e procurei nele insuflar na alma das minhas patrícias que vivem no campo esse amor pelas cousas e os seres que nele constituem toda a sua fortuna e todo o seu encanto, disse um crítico que as personagens femininas desse livro seriam interessantes, mas eram absolutamente inverosímeis, em vista dos nossos hábitos e da nossa educação. Em face deste exemplo vivo, que venho encontrar no Rio Grande,

numa família muito mais ilustrada do que a que figura no meu livro, e de outras tradições literárias, sinto que não errei ao dar ás minhas criaturas espirituais certa iniciativa e independência, como possíveis de florescerem entre nós. Ainda assim, quanto deveriam elas invejar a estas gentilíssimas gaúchas.

E como a nossa terra precisa destas devoções! Sim, mais do que de nenhuma outra.

Soltos, os terneiros no pasto damos algumas voltas pelas aléas do parque onde encontro, a passear lindos cavalos, peões de gorro escarlate e lenço da mesma côr ao pescoço. E' o distintivo dos empregados da casa, a nota rútila da manhã de névoa, tanto ás vezes um ponto insignificante dá a quadros importantíssimos, valores curiosos.

Tenho a impressão de que nesta granja modelo não ha nada em que se não tenha pensado mesmo antes da sua fundação.

As cousas teem a feição que a vontade
que as executou quiz que elas tivessem des-
de a primitiva.

Não ha aproveitamentos, ha criações.
Tudo foi determinado pela vontade de um
homem de gosto.

Deixo Pedras Altas com saudade.



XXXV

BAGÉ'

E' curioso, nesta terra em que os trens de ferro gozam da má fama de chegarem ás respectivas estações com atraso, eu tenho quasi sempre a felicidade de chegar no horário justo. Os amigos que me esperam sofrem com isso certo desapontamento... Quando entram na gare para receber-me, já eu lhes estou a bater á porta.

Em Bagé, o carro que me conduz da estação á cidade, cruza-se com outros em que pessôas surpresas voltam para mim os olhos com expressão de espanto:

— Quê! será possível que o trem tenha chegado hoje a hora certa?!

— Sim senhores, chegou, que assim o

quize a bôa estrela que por estas bandas do Sul me vem guiando os passos.

A tarde, luminosa e seca, envolve a alegre cidade da campanha num véu tecido com poeira loira e fulgurações de um potente magnífico. Como em muitos dos outros lugares já visitados, o horizonte aqui é amplo e sugestivo. Já no trem, a olhar para os campos de infinita planura onde a clareza se diluía numa só onda larga e mole, estranhei comigo mesma que não tivesse sido um rio-grandense o inventor do aêroplano. Não conheço região alguma em que se veja tanto céu, nem onde, por isso mesmo, o homem se possa queixar com maior justiça de não ter asas.

A sombra trágica das montanhas alucinadoras não projecta aqui a sua taciturnidade, nem elas com os seus vultos disformes interrompem a vastidão da campina, que se funde ao longe com o azul do céu numa linha suave, de côr intraduzível. Às vezes esses campos se desdobram todos em rugas achamalotadas, a que chamam: — coxilhas, e são como ondas de um oceano estático.

Mas por sobre o ondeamento de coxilhas ou de planuras lisas, a mesma sugestão de liberdade acorda no forasteiro a vontade de percorrer extensões largas em galopadas formidáveis ou em vôos a pequena altura. A pequena altura, por que supponho ser preciso que o homem não se afaste demasiadamente da terra, para poder gozar mais profunda e deleitosamente todo o encanto do seu desprendimento. Subir de mais, é como que renunciar a tudo, sentir cortadas as suas raízes terrestres, ser, no isolamento do vácuo, como que um ente diverso, perdido, e sem pensamento.

As ruas que percorro até chegar á hospitaleira vivenda de Milton e de Rosalina Cruz, que me esperam com todo o coração, são ruas largas, bem alinhadas e algumas das quais arborizadas. Agrada-me esta circunstância, tão pouco comum me parece no Rio Grande o gosto pela arborização urbana. Pudessem eu ter a eloquência de um An-

tonio Vieira, e o poder sugestivo de S. Francisco de Assis, que em cada burgo ou cidade mais ou menos árida por que passasse, arvorando-me em sacerdote panteísta, prégaria ás turbas o amor pela árvore e pela sua cultura.

Explicou-me um dia alguém, de teorias teosóficas, que em outra vida precedente eu deveria ter sido botânico, ou, pelo menos, jardineiro.

Julgo mais de acordo com o meu espírito a simplicidade desta condição de servidor humilde das cousas belas, que não as sabe explicar mas tem alma para as compreender

Na sala elegante do casal Cruz, vejo reunida a fina flor da sociedade do lugar, e verifico mais uma vez quanto a mulher rio-grandense é animada e inteligente. Faz-se música, e oiço uma vóz de soprano-dramático nascida para comover grandes plateas; palestra-se, e os argumentos que se cruzam tem algo de interessante; dansa-

se, e a elegancia dos gestos e dos vestuários revelam educação e bom gosto. Ha sobretudo um grupo de meninas, na radiante idade do alvorecer da mocidade, que daria ao pintor mais fino admiraveis modelos para cabeças de arte. Serão mais lindas as moças de Bagé do que as das outras localidades do Estado? não o afirmo, porque em todas ha mulheres bonitas e em todas ouvi dizer aos rapazes que: — as mais formosas riograndenses eram as da sua terra natal. Ora pois, antes assim.

Ha em todas as cidades do interior uma personagem de destaque, cujo nome é citado com freqüência, quer seja pela irradiação da sua simpatia pessoal, quer pelo predomínio da sua acção ou da sua intelligência na localidade.

Cabe aqui este papel ao Sr. Visconde Ribeiro de Magalhães, que não conheço, porque no frio inverno em que visito Bagé, goza no Rio de Janeiro a delícia de uma temperatura primaveril.

Todos me falam da Estância do Sr. Visconde; da xarqueada do Sr. Visconde, para que ele construiu belas estradas para automoveis; da igreja do Sr. Visconde e do teatro que ele fez construir para a fé e a distração dos seus operários. De resto, eu desse senhor recebi logo ao chegar uma gentileza, com a ordem por ele deixada de ficar á minha disposição o seu automóvel particular.

Foi nesse excelente carro que percorri as estradas que serpeando por entre macios tapetes de um verde tenro e fino, sobem ao Cerro, de vista larga, ou vão aos pomares cheirosos da quinta de sua excelencia, pomares bem cultivados e onde as laranjeiras vergavam ao peso da fruta madura.

Como em toda a parte, passo horas aqui visitando escolas, que são os templos da minha devoção, igrejas e hospitais. Em uma destas visitas conta-me o vigário da Matriz a história interessante de um orfanato cria-

do por inspiração de uma preta, e o que é mais singular: uma preta pobre, e que só pelo influxo da sua piedade e da sua energia consegue manter em Bagé, sob humilde teto, um rancho de orfãos a quem dá pão e mestres.

Um dia, essa mulher lhe apparecera após a missa, na sacristia da Matriz para a confissão de um pensamento que cada vez mais avultava no seu espirito mas qué ella tinha certo pudor de revelar, tão insignificante e miseravel se considerava na sociedade como diante de Deus. Essa obsessão era a de dedicar-se, só e absolutamente, ao cuidado de criar crianças sem pais. Sentia uma grande ternura maternal a encher-lhe o coração e tinha coragem bastante para arcar com todas as responsabilidades de tamanha empresa. A sua pobreza e a sua raça tiravam-lhe a força e o prestígio que essas idéas requerem, e assim vivia na tristeza de vêr esgotar-se sem nenhum proveito a energia da sua vontade e as horas mais aproveitáveis da sua existência inutil.

O vigário recebeu com as duas mãos a

oferta daquele coração, e ajudou a pobre a realizar com modéstia um pequeno asilo de orfãos a que ela consagra hoje toda a sua vida.

Quando entrei nessa casa de caridade, veio receber-me uma mulher alta, vestida com uma túnica de burel pardo cingido ao corpo por uma corda, como as das monjas

De sua face escura irradiava simpatia e bondade. Era ela. E' a primeira vez que vejo no Brasil realizada uma obra de bene-merência por uma mulher da mais humilde condição, pobre e de côr

*How wonderful is Death,
Death and his brother Sleep!*

SCHELLY.

A minha amiga faz um gesto ao *chauffeur*, que pára o auto junto ao portão de um vasto terreno murado de branco.

A manhã desfaz as ultimas neblinas num azul deslavado picado de frio. Entro. E' a primeira vez que visito um cemitério rio-grandense. Trazem-me a este para vêr túmulos bonitos — e alguns devéras o são. Estranho mesmo o estilo e a pureza de algumas esculturas bem feitas, tão mal habituada estou a só ver na maioria dos nossos cemitérios duras e mal acabadas imagens de marmoristas comerciantes.

Os mortos de Bagé não devem ter muita razão de queixa da sua instalação.

Alguns teem mesmo moradas sumptuosas. Percebe-se por elas que este povo é amigo do luxo e da ostentação. O character dos seus visinhos platinos comunicou-lhes naturalmente esse amor pelas aparências, o brilho das exterioridades, que distingue as gentes de Espanha das dos outros povos. A melhor parte dos mármores e bronzes que ornam esta sagrada terra de repouso veio trabalhada e pronta do Uruguay e creio ter ouvido que tambem da Argentina, onde, como se vê, os bageenses se fornecem não só de

cousas para a Vida como para a Morte, que o sonhador poeta inglês denominou de maravilhosa :

*“Como a Morte é maravilhosa,
A Morte e o Sono, seu irmão!”*

Tenho porém a impressão, certamente ainda mais absurda do que esquisita, de que o sono de um morto que jaz sob lápides faustosas não póde ter a mesma tranquilidade profunda do daquele que dorme sob um modesto lençol verde de hera viva. A’ beira deste sinto a quietação de um sofrimento extinto; á beira do outro parece-me perceber através dos poros da pedra polida o raio oblíquo de um olhinho agudo, observando a impressão que causa ao forasteiro a pompa da sua última morada.

A sociabilidade do Rio Grande está manifesta na quantidade de clubs que tem espalhados por todas as suas cidades. Nos

pouquíssimos dias que me demoro em Bagé assisto a duas grandes festas em dois deles. São os principais da terra e, como tais, existirá naturalmente entre ambos essa pontinha de rivalidade que aguça energias e estimula a vaidade.

A primeira festa teve a originalidade de ser organizada e dirigida por um grupo de meninas da mais requintada amabilidade, no Club Comercial; a segunda foi no Club Caixeiral.

Aliás parece que são por esses nomes batizados quasi todos os clubs do Rio Grande!

Pois poucas vezes tenho visto salões tão cheios e tão alegres como os salões deste vasto — Caixeiral — A casa é enorme.

E' a sexta ou sétima noite de uma quermesse de caridade. Ha tendas graciosas esparsas por todos os recantos do edificio. As tendei-
ras vestem-se a caracter: de floristas, as que vendem flores; de ciganas, as que leiem sortes; com bonés de estafetas, as que levam os telegramas e os postais da tenda do correio para vários pontos das salas, pro-

fusamente floridas e iluminadas. Ha música, ha riso, e ha tambem discursos. Como em muitas outras vezes, percebo, sinto latejar ao redor de mim a curiosidade pelas palavras que supõem eu irei pronunciar diante da multidão fremente. O meu silencio deve parecer a todos indelicado, e, do fundo da minha perturbação peço ao Deus dos Exércitos que faça sentir a esse grande punhado de almas que me rodeiam, que eu, se lhes não digo cousas, é porque sou incapaz de as exprimir num discurso!

Deveria ter partido ontem para Santa Maria, e deixei-me ficar mais um dia, sollicitada pela deliciosa preguiça que o luminoso céu de Bagé me infiltrou nas veias. Neste último dia caminho a pé pela manhã, para fixar aspectos e observo que tambem aqui, como em quasi todos, ou todos os logares do Estado por onde andei, ha, guarnecendo a cidade com um dos seus melhores edificios, um hospital de Beneficência Portuguesa, prova eloquente do esforço, da in-

teligência e da providente bondade de uma colónia que é, entre todas, a que maior co-participação tem na nossa vida e a que mais evidentes e profundos sinais dá sempre da sua amizade e do seu interesse pela prosperidade do país. A' tarde vou a chás particulares de muito carinho, onde verifico que as bageenses recebem bem, e dou depois uma volta de carruagem á Cova do Candal, nome que me traz á lembrança a “Doida” do grande Camilo; doida que espero a todo o momento ver surgir de um dos declives do terreno a sacudir-me de longe adeuses em gestos largos e românticos.

Antes de apagar a lâmpada nocturna, leio ainda uma revista de Porto Alegre e estremeço ao encontrar nela a afirmação de que ao despedir-me do Estado falo mal das suas cousas e da sua gente! Oh, meus Senhores, para quê esta gotinha de veneno numa taça de tão pura ambrosia? Não! tudo quanto eu poderia ter dito foi tudo quanto aqui escrevi.

XXXVI

SANTA MARIA

Parto de Bagé ao alvorecer do dia, e só ao cair da noite deverei chegar á cidade de Santa Maria. Como em todas as viagens que tenho feito através do Estado, vejo os campos sempre animados pela presença de um exemplar ao menos de gado vacuum ou cavalgar ou por pequenos bandos de avestruzes pardos, que se movem na tela iluminada em passadas largas e tristonhas, com a singular expressão de almas penadas vindas á Terra em dura penitência.

Suponho que ainda ninguém aqui procura explorar esta ave no commercio das plumas, a exemplo da África Central, que haurer dessa indústria somas fabulosas, se não mentem certos artigos de revistas ilustradas

que se têm occupado do assunto pelo seu pitoresco e a sua utilidade.

No Rio Grande do Sul não ha sertões. Todo o solo por que tenho passado está demarcado por propriedades particulares bem determinadas pelas respectivas cercas de arame. Eu quizera ir á fronteira e jornada, não em comboios de caminho de ferro fagulhantes e guinchadores, mas nos tejadilhos de diligências á antiga, através de pradarias verdes sem traços de estradas e perseguidas por avestruzes irriçados, enlouquecidos pela fascinação dos metais reluzentes dos arreios ou pelos olhos chamejantes dos animais.

Tenho um compromisso com Sta. Ana do Livramento e seria agora a ocasião de o pagar, mas o tempo de que disponho é tão escasso que sou obrigada a adiar esta promessa para quando, não sei.

Os pastos que vejo agora pela janelinha do vagão, parecem-me de herba menos fina e mais áspera que as dos campos que vi anteriormente.

Ornamenta-os em grupos tufosos um ar-

bustozinho crespo como a carqueja dos montes, e a que dão o nome, se não entendi mal, de — xirca. Deve ser aproveitavel no aquecimento de fornos e de fogões. Reparando para o interesse com que olho para tudo, aponta alguém para a cancela de uma propriedade, dizendo-me ter ela sido feita por um modelo de excelentes comodidades práticas de invenção do ilustrado agricultor Dr. Assis Brasil, sempre interessado, nos máximos como nos mínimos detalhes, pela lavoura do país.

Em um banco fronteiro ao meu um viajante velho, de chapéu de feltro e ponche riscado, não resistindo ao desejo de conversar, porque o gaúcho é palrador e expansivo, pergunta-me se sou francesa. A resposta de que sou do Rio, pede-me notícias da guerra. Que se diz na Avenída sobre o valor do marechal Foch ou sobre os arreganhos do Kaiser?

Aí de mim! dou-lhe informações que o

não satisfazem. Ele quer saber mais, quer saber tudo!

Tal e qual como eu; mas teremos ambos de sufocar dentro do peito a curiosidade trepidante que nos faz volver os olhos, ansiosamente, através dos mares inquietos e profundos.

Por fim ele exclamou com um suspiro filosófico:

“Seja o que fôr, a gente ha de saber depois! ”

Ao meio do dia, em uma das estações mais animadas onde o trem fez parada, olhava eu distraídamente pela janela, quando de um grupo que estava a palestrar na gare se destacou uma bela senhora, gorda e bem posta, que veio até a mim e, apontando para um sujeito esfarrapado a quem, se me não engano, deu o nome de Rosas, disse:

— Repare para aquele homem que ali está e que parece um mendigo e fique sabendo que é um milionário! Um grande milionário!

Fêita a estravagante revelação voltou placidamente a conversar com os amigos enquanto o trem se punha em marcha e o vento fazia esvoaçar em acenos desesperados as abas esfarrapadas do sobretudo do Rosas.

Fiquei assim sem saber o que mais admirar: se a sordidez do ricaço, se a necessidade de expansão da inquieta alma cristã que m'a revelara.

Fez assim com que na minha carteira, rabiscada á pressa numa reportágem de caminho de ferro, não faltasse esta nota de humana tristeza. Senhor! como esta cousa da fortuna está mal dividida na Terra!

Porque ha de um artista com fantasia e gosto para tirar do ouro um gozo imaterial e divino desconhecer a glória do milhar de contos e estarem estes quietinhos na algibeira imunda de um homem que os não quer utilizar nem ao menos na compra de um par de sapatos ou de um casaco decente!.

Chego á noite a Santa Maria. A cidade está numa situação anormal, por causa de um crime que ha dias lhe abalou os nervos.

Como terei de seguir viagem de madrugada, saio á noite para colher uma impressão da cidade e tenho a surpresa de a vêr animada, na sua rua principal, que está cheia de moças que passeiam aos grupos para baixo e para cima.

E' o dia da moda, explica-me um casal amigo e que passeia comigo. Ha um ar espanholado no ambiente que se respira e na maneira desenvolta das pessôas que passam. Volto para o hotel bem impressionada pelo que vi e pelo que adivinhei no escuro dos trechos apagados. A cidade é maior do que eu pensava e interessante.

O que não posso conseguir, embora para isso esteja pronta, como o bispo do poeta— a empenhar até a cruz e o anel, — é um leito no trem que em estirado caminho me deverá conduzir ao Paraná.

Positivamente, parece-me de mais ter de passar dois dias e uma noite sentada num vagão, e mal imaginava eu ainda que espé-

cie de vagão! Percebendo a inutilidade dos meus rogos e não me resignando a emprender uma viagem tão desconfortavel, resolvi demorar-me mais alguns dias em Santa Maria, até conseguir a acomodação desejada em outro trem. Dá-se então esta cousa fantástica: sorridente e implacavel, o bilheteiro afirma diante de testemunhas impassiveis, que dentro de quinze dias eu não poderei arranjar um só leito em viagem entre o Rio Grande e S. Paulo! Está tudo, tudo tomado com antecedência!

Clamo, esbravejo, desespero-me, mas a minha infelicidade não comove ninguem e acho mais prudente reflectir sobre a conveniência de voltar á cidade do Rio Grande, para ali tomar um vapor do Lloyd ou da Costeira. Afinal, para abreviar acabo por comprar a minha passagem sem cama. Estamos em tempo de guerra em que o vulto das grandes atribulações diminui a importância de tudo o mais. Imaginarei que sou uma dama da Cruz Vermelha em travessia por uma zona perigosa, e a minha

imaginação emprestará assim á realidade um pouco de aventura e utilidade.

De madrugada, antes de tomar o trem entro no bufete da estação, para o café. A proprietária ou gerente da casa é uma moça delgada, pálida, vestida de luto, de ar vivo e gesto lépido. Enquanto em uma mesa próxima ao balcão eu me vou servindo resignada e previdentemente de pão com manteiga, o hoteleiro que me hospedou relata-lhe a tragédia da minha viagem.

A pobre senhora logo toda se atormenta á idéa do que me espera, e promete intervir doce e espontaneamente, a vêr se atenua o meu desconforto. Que poderá ela fazer? Pergunto a mim mesmo, ao vêl-a correr á bilheteria e da bilheteria a um médico político do lugar, que reservára só para si todos os lugares do carro-salão, para vir á vontade com a mulher e os filhos. Foi com os olhos a reluzir de tristeza que me veio confessar a inutilidade dos seus esforços. Já eu estava acomodada no meu lugarzinho sem aborrecimento, disposta a tirar da minha viagem todos os proveitos possíveis,

quando, no próprio minuto da partida a meiga criaturinha entra no vagão, corre para mim e atira-me no colò um pacote de *bon-bons*. Não ha tempo para um “obrigada” O trem parte.

Este incidente da última hora confirma, pelo que em si revela de carinho, de singeleza e de sinceridade, o que desde a minha chegada pensei da mulher rio-grandense — que ela é activa, delicada e bondosa.

Mas que viagem, Senhor!

O trem imundo arrasta-se com uma moleza de preguiça moribunda, embora seja aquele a que denominam — *Internacional* — e que dizem oferecer mais comodidades aos viajantes do que os que partem em outros dias da semana. Nem ao menos restaurante ele traz, por motivos que me explicam e a que já mal presto atenção, porque em boa verdade não lhe sinto a falta. Um rico estancieiro que vem com a família a meu lado, conhecedor das agruras e do

mau tratamento que inflige aos seus passageiros essa empreza ferro-viária, apercebeu-se para o caminho com dois inesgotaveis cestos de ótimas iguarias e de bebidas finas, e faz-me gentilmente compartilhar das suas merendas. Sou assim acompanhada até fora de portas do Rio Grande do Sul, pela cativante gentileza da sua gente!

Tinham-me dito maravilhas das paisagens que vou descortinando, ora em regiões serranas, ora á margem de rios suaves; e talvez pelo exagero da promessa nada vejo de imprevisto nem grandemente comovedor.

Referem-me então que os mais belos trechos da paisagem são passados na hora das trevas, e em que nem ao menos tenho, para consolação, a possibilidade de repousar, dormindo. Não importa, para isso terei toda a eternidade! O principal, enquanto existo, é sentir a Vida, seja como fôr.

Apezar de toda a minha filosofia, lembro-me de vez em quando, com um saudoso

suspiro, da minha *cabine* do *Itaberá* e dessa viagem azul, menos monótona e menos cansativa do que esta verde que venho fazendo através das matas, ao fechar o circuito da minha jornada.

Haverá talvez ainda uma impressão moral a influenciar sobre esta comparação: é que então eu *vinha* e agora eu *volto*, e onde a esperança punha uma expressão de júbilo é bem possível que a saudade ponha uma sombra de melancolia.

XXXVII

PARANÁ

Perdi a noção do tempo, perdi a noção de tudo; já não sei ha quantas horas tenho vindo sacudida, como arroz em peneira, na malsinada — Internacional — quando salto em Ponta Grossa, no Paraná, mas salto para entrar em outro trem que me transportará a Coritiba! Antes de me abalançar á nova aventura verifico prudentemente em cautelosas apalpadelas se terei costelas fracturadas ou carne escoriada, e só depois de certa da minha extraordinária resistência física, é que me aboleto no comboio novo, na certeza de que, tão máu como o outro ele poderá ser, mas nunca pior. Este é, pelo menos, limpo. Respiro!

Mal o trem se põe em movimento, eu,

disfarçando o cansaço na curiosidade, enfio a cabeça pela janelinha do vagão, na ânsia de vêr a terra nova.

O sol de um dia hílariantemente azul chameja sobre campos vastos e silenciosos, mal cobertos por gramíneas crestadas pela geada das noites antecedentes.

Para que me sobeje tempo de as contemplar, a locomotiva que nos arrasta estaca de repente atrás de um vagão tombado e abandonado na linha. E' o próprio pessoal que vem no nosso trem que trata de remover para fóra dos trilhos o trambolho pesado que nos estorva a passagem. Perdemos assim um tempo infinito na pasmaceira de uma estrada nua, quando o poderíamos ter aproveitado repousando ou passeando em Ponta Grossa, a poucos quilómetros de distância. Para que servirão a estas inefaveis administrações o telégrafo e o telefone?

Para entreter-nos na ociosidade, passa sobre a nossa cabeça uma espessa nuvem de gafanhotos, terror dos campos cultivados.

A' noite, depois de ter reparado no Grande Hotel de Coritiba as desordens de uma viagem memoravelmente maçadora, dou um giro pela rua principal e vou á porta dos jornais lêr os boletins da guerra.

As notícias são animadoras. Os aliados resistem nuns pontos e avançam noutros. Durmo esta noite um sono admiravel.

Como já vos disse, não procureis literatura nestas páginas; elas estão apenas cobertas por apontamentos feitos a lápis num caderno de ocasião e os caracteres assim traçados são sempre inexpressivos e facilmente perciveis, o que fez dizer a um escritor francês: escrever a lápis é como falar baixinho, sem se lembrar que no que se diz em segredo está quasi sempre o que ha de mais profundo e mais interessante na Vida.

Pois mereceria as tintas de uma aquarela a graça de certas scenas que observo nas ruas de Coritiba, ao fazer o meu primeiro passeio matinal. A cidade foi lançada em traços largos; não tem vielas, tem avenidas e praças amplas; prognosticou-lhe com isso quem

a planejou um futuro de grande movimento e de riqueza.

A população é toda branca e bonita.

Por muito tempo vejo caminhando na minha frente, na calçada, duas raparigas loiras, de pernas nuas até aos joelhos e que conversam de volta do mercado, carregando nas mãos cabazes cheios de verduras, enquanto que, de face para mim, vem vindo, repolhuda e risonha, uma velha de avental de zuarte azul, sapatões amarelos, olhar cristalino, nariz — bico de pato — dos polacos, com dois gansos gordos pendentes dos seus dedos engelhados e fortes. De vez em quando, pelo meio da rua vejo passar uma carrocinha de leite, legumes ou frutas, guiada por uma mulher que vai sentada na boléa, de chicote em punho.

Vem naturalmente de longe, mas não tem o ar cansado.

O frio poz-lhe no rosto, de carnação dura, um rubor de morango empapado em leite e na sua rusticidade, ela realiza um quadro de genero, encantador

Dizem que ao levantar da cama todos são

feios, e, a crêr nisso, que deverei supôr desta gente de Coritiba, que mesmo de manhã cedo me parece bonita?

Parando aqui e acolá, vou de rua em rua até ás oficinas de uma marcenaria, onde se prepara uma obra que me interessa. Subo por uma rampazinha escarpada e entro em um barracão onde jazem não sei quantas táboas de Imbuia e de Peroba revessa de nada menos de um metro e vinte centímetros de largura. Qualquer delas poderia servir para uma grande mesa de banquete. Mas o que nelas me espanta não é o tamanho, é a beleza.

Numa sala interior mostram-me trabalhos em andamento e outros admiravelmente acabados e ninguém póde imaginar a espécie de gozo que sinto ao vêr os desenhos caprichosíssimos e simétricos que as raízes e os tóros (tórras como aqui se diz) das Perobas, apresentam aos olhos da gente, depois de aparelhadas e envernizadas.

Nenhum artista saberia criar motivos

mais finos nem mais simétricos do que estes que a rude plaina de um operário desvendou no interior de um pau tosco ao prepara-lo para a pequena mesa que tenho diante dos olhos, e em que eles semelham jarras pompeanas transbordantes de grinaldas que serpeiam em festões delicadíssimos por todo o tecido da madeira castanho-loira.

A natureza escondeu nas ágatas do Rio Grande do Sul e no interior das árvores do Paraná, segredos de uma beleza enteneceadora. E, como tudo criado tem, ou deve ter, explicação, fico a pensar no mundo de inteligência que existirá no íntimo dessas cousas, para merecerem de Deus tão grande formosura.

Vindo de visitar a Universidade de Curitiba, que parece ser uma daquelas em que melhor e mais se estuda no Brasil, vejo passar na rua um batalhão de *boys scout* marchando com garbo e convicção, seguido por um grupo de *girls scout*, grupo igualmente disciplinado e convicto.

E' uma meninada forte e simpática, em que se entrevê a alma de amanhã irradiando honestamente numa bem pronunciada expressão de energia moral. Pergunto a alguem a meu lado quais são as atribuições das meninas no escotismo, ou se já haverá funcionando no Paraná a famosa associação da — *Girls Guide* — tão ardentemente chefiada na Inglaterra por Lady Baden Powell, na moderna mania de tudo militarizar. Respondem-me que não; o traje que vejo nas meninas que vão passando em ritmo marcial diante dos meus olhos, é meramente um uniforme colegial.

Vejo que há no Paraná a preocupação patriótica da criança. Compreende-se aqui a simples e pura verdade de que tudo que se quer perfeito deve ser começado pelo princípio. Assim o homem precisa aprender desde o berço a ser gente, mas gente útil, bôa, sã de corpo e de espírito. Esse desejo de aperfeiçoamento moral e físico está bem

evidenciado na iniciativa do governo que não se cansa de criar escolas e disseminar pela população o gosto pelo estudo, feito com a alegria e o interesse que a pedagogia moderna preceitua.

Tenho visitado vários colégios públicos em Curitiba e em todos encontro entusiasmo, tanto nas professoras como nos discípulos, mas em nenhum deles a impressão que recebi de agrado foi tão profunda como no do Jardim da Infância, adoravelmente dirigido por uma moça de expressiva bondade e manifesta competência para o cargo que lhe foi confiado e que, mais do que nenhum outro, exige dotes especiais, quer os adquiridos por uma instrução sólida, quer os da alegria natural, e benignidade de caracter.

A criança, toda pecurruchinha e vestida de branco da cabeça aos pés, dava á Escola uma impressão de pombal, fremente de asas rumorejantes.

E de tal modo se divertem os petizinhos nas marchas e cantos das suas disciplinas e na convivência com as mestras e os condiscí-

pulos, que, em dia em que as mamães não os deixam ir ás aulas por qualquer motivo imperioso, eles se desfazem em lágrimas de desespero.

A culpa não é minha se excedo os minutos da pragmática na primeira visita de cumprimentos ao chefe do Estado, Dr. Afonso Camargo; a culpa é toda sua, que me prende a atenção falando-me das belezas naturais do seu querido Paraná.

Conversamos na sala do seu palacete particular, em um dia de frio e de beleza, enquanto que de um compartimento próximo nos chegam aos ouvidos os sons de um piano tocado em surdina. As mãos que o dedilham, leves e virginais, não foram feitas para arranhar, sente-se-lhes a tendência da ternura no modo ainda tímido por que percorrem o teclado

Dr. Afonso Camargo, estadista moderno e conciliador, que a minha perspicácia não adivinha por que motivo não apareceu ainda

na scena do nosso palco político do Rio de Janeiro, preferindo conservar-se nas altas terras serranas de Coritiba, conta-me o prazer que teve um dia com uma visita de Santos Dumont, pelo que essa visita lhe revelou de patriotismo e de entusiasmo.

Nenhum de nós, que ame a sua terra com um pouco de intellectualidade além de coração, procura conhecer o Brasil no que ele tem de mais ignorado e maravilhoso com maior empenho ou paixão do que esse ilustre aviador, que é quasi um parisiense. Se ainda ao menos ele pudesse realizar as suas excursões aos pontos menos favorecidos, ou mais inacessiveis, em aéroplano, comprehender-se hia, mas não! ele aventura-se a todos os perigos e a todas as maçadas das bre-nhas selvagens, lançando-se para o ignorado, não como um semi-deus por entre as nuvens, mas como um simples mortal por sobre terras pedregosas, duras ou espinhentas. Nada o aterroriza, nenhum desconforto o despersuade de ir até ao fim do seu desejo. Qual de nós, que tenha um pouco de imaginação, não sonhará com o vêr a cascata de Paulo

Afonso; a Serra do Cristal; o Amazonas; e essas prodigiosas sete quedas do Iguassú, cujas vozes onipotentes atroam pelas florestas e pelos campos a muitos quilômetros de distância?

Creio que todos nós! Mas quem realiza esse desejo? Raros, e esses raros por circunstâncias fortuitas ou casuais.

Santos Dumont é um devaneador activo. Tem a ventura de ter alma de poeta, espírito de matemático e character decidido.

Quando, ou aonde não póde ir voando, vai por seus pés, e vai muito bem. Assim chegou com duros e ásperos esforços numa tarde á beira do grande salto do Iguassú, e tão maravilhado e estático se quedou, que a noite caiu sem que ele se pudesse arredar dali, preso á fascinação do vozear sinfónico das águas espumosas.

Despontaram as estrelas, surgiu a lua pálida no ceu profundo, e o contemplador, insatisfeito, ávido de beber ainda com a vista a beleza suprema daquele quadro espantoso, resolveu dormir no mato, para surpreender á beira da cascata o despontar do sol.

Ainda era escuro e já ele, de pé, esperava o prodígio.

Outra emoção o abalou ao raiar da aurora, além do que ele gulosamente esperava da côr e da luz: foi o irromper de uma infinita quantidade de aves, de entre as rochas, os musgos e os recôncavos rochosos da cascata, como se as águas se tivessem transformado em asas para mandarem a sua embaixada de saudação ao dia.

Inebriado e feliz, o peregrino do Sonho e da Beleza sente estremecer-lhe no peito o orgulho de ser filho de um país tão prodigioso e então indaga, inquire, com sofreguidão, a quem pertencem as terras marginais do Salto.

Respondem-lhe que parte delas tinham sido adquiridas do governo paranaense por gente do Uruguay. O negócio estava realizado; era cousa feita, irremediável.

Sem querer ouvir mais, Santos Dumont abala para Coritiba e vai ao Palacio da Presidência, onde entra chispando lume dos olhos ainda deslumbrados. Vem cheio de poesia, vem transbordante de sensações es-

pantosas, reclamar para o Brasil o trecho de terra sagrada cuja posse tinha passado ao poder do estrangeiro. Canta em todos os tons louvores á cascata maravilhosa, mais potente que a do Niagara, que entusiasma o mundo.

A questão é complicada; requisitando terras já vendidas o Estado tem de conceder indemnisações colossais; mas o apelo é atendido. Santos Dumont não perdeu o seu tempo.

O Paraná está realizando agora uma obra admiravel com a construção de uma estrada de rodagem, que num imenso percurso servirá de traço de união entre o mar de água salgada do Atlântico e o mar de água doce do Iguassú.

Só para a percorrer, entre montanhas verdejantes e pinheirais aromáticos, valerá a pena vir gente de qualquer ponto do Globo.

As mais famosas cachoeiras do mundo empalidecerão em face da grande cascata

paranaense e a estrada macia e imensa, aberta entre seivas vivas e rochedos escarpados, dará aos automobilistas ensejo para emoções de *sport* e de poesia.

Dessa lindíssima estrada ha feito um trecho que desce de Curitiba a Antonina e que eu deverei conhecer amanhã, a convite do Sr. Presidente do Estado.

O imenso salão de um cinematógrafo re-gorgita de crianças. A pedido do ilustrado secretário do Interior, Dr. Enéas Marques, entro para vêr, não o espectáculo, mas os espectadores. Estes enchem literalmente o recinto e estão muito á vontade, trocando impressões e rindo com alegria. E' a meninada das escolas populares; ha desde pequerruchos do tamanho de uma bengala até rapariguinhas já crescidotas. A festa tem um character muito pitoresco e jovial. Bochechinhas côr de maçã madura estão mesmo a arrebenstar de alegria e pelos cabelinhos loiros que esvoaçam ao sopro dos ventiladores,

como que se sente lampejar o sol. Adultos, só os mestres que acompanham os colegiais e meia duzia, se tanto, de convidados. Tudo mais é linda e adoravelmente infantil.

Olhando para os camarotes e a platea apinhada de cabecinhas curiosas, vêm-me á lembrança um certo dia em que, em Poços de Caldas, tendo eu prometido contar no teatro uma historia ás crianças das escolas primárias do lugar, fui para o palco esperar o momento da subida do pano a architectar o enredo com que entreter a pequenada. Pensei que a cousa fosse fácil; pois quando o pano se ergueu e eu vi diante de mim um público que se assemelhava a um jardim, atapetando toda a sala de oiro e rosas, tive medo. A imaginação das crianças é exigente; que poderia eu inventar que as alegrasse? Nasceu assim o conto que em outro Natal mais tarde, publiquei com o titulo de: — “Era uma vez. ”

Quando começou a projecção da fita os comentários e as gargalhadas dos espectadores eram de tal modo engraçados e communicativos, que os poucos adultos que assis-

tiam á scena começaram a rir também, embora a peça fosse de uma insipidez de fazer sono.

Ha ainda restos de neblina flutuando no ar da manhã, quando com duas amigas e o Sr. Heitor Stockler, homem de letras e proprietário da principal livraria de Curitiba, me aboleta no automóvel que me levará vertente abaixo até Antonina, pela lindíssima estrada da Graciosa. O longo trecho que vou percorrendo é admiravel, não só como construção e delineamento, como também como beleza. As paisagens circundantes desdobram-se em declives largos, de um verde frio, de que emergem, com as suas copas como taças em ofertório, imensos pinheiros, muito altos e muito escuros. Aos meus amigos devo parecer singularmente silenciosa, tanto estas árvores infundem ao meu espírito um sentimento de poética religiosidade, intraduzivel na palavra. De vez em quando fazemos parar o automóvel e seguimos a pé, para cami-

nharmos bem junto á ourela do caminho, guarnecido aqui e além pelas flores doiro dos Espinhos do Diabo. Enfiamos então a vista pela espessura dos bosques em rampa, em que luzem as ramas da herva mate, ou espraiamo-la demoradamente por vales e quebradas sinuosas.

Mas o caminho não é deserto. De longe em longe aparece de um ou de outro lado uma casa campesina, de madeira e de forma interessante, com telhado irregular, erguido em uma parte e todo derreado em outra, em estendida meia-água que desce até pequena altura do solo. Estamos no Brasil? Estaremos na Polónia?

As crianças que aparecem em grupo diante dessas habitações, arregalando para nós curiosos olhos azuis, são loiras, rechonchudas e vermelhas.

Ao vê-las tão bonitas remexo desesperadamente na algibeira á procura de papel e de tintas com que possa fixar-lhes para sempre as carinhas, esquecida de que nem sei desenhar nem tampouco trago um simples lápis de notas comigo.

Com as repetidas paragens a que o gozo da nossa contemplação nos obriga, a viagem que deveríamos fazer em duas horas de bôa marcha, fizemo-la em quatro! Ao chegarmos á cidade de Antonina já o seu amável Prefeito Snr. Wheeler, avisado da nossa visita e assustadíssimo pela demora, se dispunha a mandar um automóvel buscar os nossos cadáveres, que temia pudessem estar caídos em alguma das voltas precipitosas do caminho.

De Antonina regressámos a Curitiba pela estrada de ferro, para nos embevecermos com as peregrinas belezas do mais trágico trecho da Serra e observarmos o ar-rojo da obra de engenharia que nele existe.

Por muitos anos que eu viva com lucidez e memória, sentirei reproduzidos na imaginação os perfis colossais que se sucedem uns após outros, como panos de bastidores de um scenário infinito, destas montanhas de nuanças que vão do verde mais

carregado ao azul-violeta mais diluído; e os seus abismos profundíssimos e mais essa cascata que se desfaz ao longe em vaporosas rendas sobre o costado de uma montanha alterosa e que foi baptizada com o apropriado e lindo nome de — Véu de Noiva...

No Paraná, como no Rio Grande do Sul, oiço falar no tifo e sujeito-me ao conselho de só tomar água mineral engarrafada.

E' aborrecido sentir por toda a parte onde se vá este fantasma da febre apavorando as populações. No que não deixo de achar graça, é na afirmação que me fazem em todas as localidades, de que os doentes que lá existem não são do lugar, mas vieram atacados de fóra!

Assim os tifosos de Porto Alegre tinham vindo da Cachoeira, os de Cachoeira de Porto Alegre, os de Pelotas de Bagé, os de Bagé de Pelotas, etc.!

E' viajando pelo interior do Brasil que

nos capacitamos da urgência com que devemos resolver estes tres problemas nacionais: — Salubridade, — Viação, — Instrução.

Este último tem logrado, ainda assim, uma certa e eficaz atenção dos poderes públicos. Não estive em uma só cidade do Sul em que não visitasse as suas escolas populares e em todas encontrei sempre excellentes mestras e boas disciplinas. Não sei se o mesmo acontecerá nas vilas e nas aldeias mais obscuras e que o meu pouco tempo me não permite vêr; mas tudo me leva a crêr que sim. A continuar assim, dentro em pouco haverá mais mestres do que discípulos...

Se a Exma. Sra. Natureza me permite um reparo, eu sempre lhe direi que ela não soube distribuir bem as águas no Brasil. País dos mais notáveis rios do mundo, quer pela sua extensão, quer pelo seu volume, ele sente, em grande parte das suas regiões, falta desses modestos e serviçais cursos de água que se cruzam e cortam frequêntemente a paisagem, enriquecendo-a com a sua rega

e aformoseando-a com o seu pitoresco. Antes toda a capacidade das nossas grandes cachoeiras e correntezas fluviais estivesse dividida em riachos fertilizadores por todos os nossos campos e devesas.

Os rios muitos largos e profundos teem imensa magestade, mas tambem uma certa monotonia melancólica. Os rios estreitos teem talvez mais poesia. São as margens destes, com as suas alfombras, ou os seus cordões de florinhas, as suas pedras musgosas e galharias tortas a reflectirem-se na água fresca, que dão ao rio essas manchas de sombra e de sol, negror de sangue pisado ou cristalino azul da alegria, em que o sentimento humano encontra analogia e commoção.

Terra sem água é como carne sem sangue; antes as grandes artérias se subdividissem em ramas de veias finas e espalhadas...

Páginas de uma carteira:

Manhã: — visita ao atelier do pintor dinamarquezes Alfredo Andersen. Atravesso

um pátio húmido e atravancado de casa antiga, subo ao fundo á direita uns poucos de degraus e encontro-me em uma vasta sala, em que o mestre trabalha rodeado de discípulos e discípulas em frente de um modelo vivo.

Sim senhores! é já uma excelente prova de progresso intelectual e artístico, esta que venho surpreender neste cantinho obscuro da cidade. Já as moças do Paraná comprehendem que, para se chegar a pintar razoavelmente, ao menos, é indispensavel insistir no desenho do modelo vivo, e este progresso é alguma cousa.

O artista que fincou aqui ha muitos anos a sua tenda de trabalho, seduzido pela amenidade do clima e a pureza das paisagens paranaenses que reproduz nas suas telas, vai assim contribuindo de um modo eficaz para o desenvolvimento do gosto artístico da gente coritibana. Assim houvesse um mestre em todas as nossas cidades do interior

Quatro horas: — chá em casa da elegante Mme. Fido Fontana. Dir-se hia que estamos num dos mais exigentes salões de Botafogo. Senhoras elegantes e meninas amáveis; excelente piano em que a alma de Chopin resuscita entre perfumados ramos de violetas. Após o chá, passeio pelo parque, que o frio da estação desfolhou e entristeceu.

Acabo o meu dia assistindo a uma sessão cívica no teatro Guahyra — organizada em homenagem á embaixada Italiana, que veio em missão especial do seu governo ao Brasil observar as condições dos lugares em que a sua colonização se intensifica.

Suponho que o embaixador deve estar contente. A julgar pelo que vejo na assembléa, ha aqui muito entusiasmo pela Itália. Um orador brasileiro faz mesmo o seu grande discurso em lingua toscana, em que zurze os alemães, e a fluência com que se exprime é tal, que muito deve ter lisongeados os senhores da missão patriótica!

Ouvir falar bem a sua língua por estranha gente é sempre razão de gaudio.

A' noite, ao recolher-me, encontro sobre a mesa do meu quarto vários livros. São quasi todos de versos. O Paraná é a terra dos poetas. A luminosidade deste ceu constelado; a doçura destes ares embalsamados pelos pinheirais da Serra, excitam a imaginação.

Começo a lêr.

Depois de um desenxabido almoço de hotel, saio a passear a pé, porque o sol está brando e o frio é convidativo. Entro no salão da Cruz Vermelha, em que algumas senhoras da sociedade cozem para os soldados da guerra. Abrem-se e fecham-se gavetas para a arrecadação de roupas já feitas; Zila, a infatigavel presidente, interrompe a contágem de uma rima de lençois e vem relatar-me a imensa importância dos servi-

ços feitos pelos médicos e pelas enfermeiras da associação no tempo de epidemia do tifo.

Agrada-me vêr a actividade inteligente destas senhoras. Realmente estamos na alvorada de uma era nova.

Para onde iremos?

De passagem por uma rua larga e socegada, vejo dispostos em fila na calçada uns tantos surrões de couro a arrebenatar de cheios. Estão atafalhados de mate e á espera da condução que os levará ao despacho para alguma das Repúblicas visinhas ou para o Chile. Esta herva preciosa, e que não custa ao homem senão o trabalho da colheita e consequente preparo, por ser de nascimento espontâneo, ainda está longe de provar ao mundo todo o seu merecimento.

E a culpa não é dela, que faz o que póde para ser amável!

Mesmo aqui, no seu torrão natal, parece que não lhe dão um apreço por aí além, pois que ainda não vi servir mate a ninguém.

Seria até o caso de haver nas cidades, assim com ha cafés e casas de chá, casas de mate, mantidas pelos Estados produtores, e em que ele seja servido pelas diferentes fórmulas por que é usado no Sul.

Manhã de domingo: tomo o primeiro *bonde* que vejo passar á porta do meu hotel e vou até ao ponto terminal da linha, voltando depois a pé durante um largo trecho. Paro em certo ponto do caminho de onde se descortina parte do casario da cidade, aqui em linhas cerradas, acolá em sítios disseminados, sob a flutuação violeta de uma hora impecavel.

Supunha eu, pelo que me diziam, que toda Curitiba rescendesse a pomares, que não houvesse nela um pedaço de muro ou gradil de quintal atrás dos quais não surgissem galhos dos pecegueiros que lhe dão fama, ou de nespereiras odoríferas e que até mesmo as torres das suas igrejas ou os torreões dos seus palacetes, vistos de longe, pa-

recessem emergir de encantadores bosques de ameixeeiras ou de cerejeiras. Assim não é, e eu tenho pena que não seja, que isso em nada lhe prejudicaria a importância. As árvores espiritualizam a calíça e as telhas dos prédios, dão-lhes um reflexo da sua alma sensível. Que seria a encantadora Haya sem o seu bosque? Digam!

Passo a tarde numa festividade artística no Club Thalia, a ouvir música, a ouvir prosa e a ouvir versos, mas versos e prosa originaes, ditos pelos autores, e música excellentemente interpretada. Graças aos Deuses da Arte, por todo o Brasil a poesia e a música elevam ao alto o coração dos homens. O nosso país poderia mesmo ser classificado o país do ritmo — de tal modo os nossos verzejadores e maestros teem o instinto da métrica e do compasso. Quando não haja outras qualidades, como as ha frequentemente, tanto em autores como em interpretes, essa é, pelo menos, admirável. O mesmo acontece geralmente na dança. O brasileiro póde ser

elegante ou deselegante, dar largas passadas ou passadas miúdas, correr ou arrastar-se, mas de um ou de outro modo dançando, ele dançará no compasso determinado pela música. “Sempre certo e direitinho”, como se diz numa dança portuguesa.

Nos vastíssimos salões, adornados com elegância, entre flores de inverno e mulheres formosas, as vozes dos prosadores e dos poetas que falam, estão penetradas de uma tal emoção e tão grande febre de entusiasmo, que todos que os ouvem se sentem também compenetrados e felizes.

Como as brancas pétalas das camélias que se desfolham lentamente do cristal das jarras, caem as rimas dos sonetos que os autores dizem sem affectação, traíndo apenas no calor e na intensidade da voz a luz divina que lhes incendeia a alma.

Terra de Poetas, terra de ceu constelado, terra de serras religiosas, sê bemdita!

Parto numa fria madrugada do fim de Julho, num trem que me levará a S. Paulo,

e levo grande pena de não poder ficar por mais algum tempo a viajar pelo interior do Paraná, através das suas decantadas florestas e campos não menos louvados. Nas violetas que mãos delicadas vieram trazer-me á estação apesar do desconforto da hora, roubada ao melhor do seu sono, como que sinto concretisada na doçura do perfume e na beleza da côr, a alma da cidade serrana que tão carinhosamente me acolheu e de que me vou afastando rápidamentee.

Amanhece o dia sem estremeções de luz, como o descerrar das pálpebras de uma criança que acorda suave e naturalmente, e por muito tempo vejo agarrados aqui e além nos aranhços da grama seca dos prados, como uma floração virginal de levíssimas papoulas de escomilha branca, pedaços de neblina a que faltou força para a cristalização.

Mas durante o dia essa visão delicada e fria é substituída por outra oposta: a do rubor queimante das chamas vivas que lâmbem a terra em grandes extensões, crepitando alto. Suponho ao principio que esses su-

cessivos incêndios que vou observando tenham sido originados pelas fagulhas das locomotivas, alimentadas a lenha e que chispam com uma violencia de chuveiro de ouro; mas um passageiro, filho da região, afirma-me que o fogo é propositado: trata-se das queimadas preparatórias da plantação.

Parece-me cedo de mais para a applicação dessa rotina, que a minha razão não comprehende por que é ainda mantida pelos nossos lavradores.

A paisagem não tem lances dramáticos, entre o Paraná e S. Paulo, pelo menos aquella que o trem atravessa durante as horas de claridade, mas o que lhe sobeja, como sobeja em todo o Brasil, é espaço e magnífico, para a formação de pequenos sítios, que engordam a terra com as suas lavouras intensas, dando-lhe feição mais carinhosa, mais pitoresca e mais próspera.

No Brasil, teem reparado? não ha aldeias, ha cidades. Mal começa um pequeno arraial a reunir uns tantos telhados, logo outros surgem ao derredor deles, como toca-

dos por varinha mágica e a vida comercial se estabelece na localidade em pinchos de de progresso.

As grandes fazendas de léguas de extensão, muitas das quais inproveitadas, teem nessas pequenas cidades as suas válvulas de expansão, mas se cada um desses latifundios fosse dividido em pequenos sítios bem cultivados, muito maior seria ainda a prosperidade das povoações que eles favorecem. E isto parece já um pouco realizado em São Paulo, na zona que eles chamam do Paraná e que o meu trem vai atravessando, á clara luz de uma manhã côr de hortensia. Succedem-se com pequenas interrupções chácaras cultivadas, onde a vinha desabrolha e os ramos das batatas e dos feijões acolxoam trechos de terreno, cobrindo-os de frescura.

Ao meio-dia chego a S. Paulo. Venho cansada e cheirando a chamusco, de tal modo as faíscas da Sorocabana me queimaram a lã do vestido e as peles do agasalho.

Na *Rotisserie* hospedo-me no mesmo quarto que ocupei no ano passado e sinto-me talvez por isso como que um pouco em minha casa. Saio: a cidade está cada vez mais bonita, mais rica e movimentada, revolvo-a toda; visito amigos, parentes e lugares, páro em frente ás casas em que morei outrora.

Dir-se hia que era só dar volta ao trinco... e iria encontrar lá dentro uma mulher a acalentar dois berços. Cala-te, coração!

3 de Agosto:

Volto ao Rio de Janeiro.

FIM

N^o 569

P.L. 150,00

